

IMPACTO

Pretendo, com este livro, fazer apenas o relato de minha trajetória, desde os primeiros sintomas até o pós-transplante de medula óssea, e destina-se unicamente aos pacientes que se encontram em alguma destas fases, e não deve ser seguido como tratamento de qualquer enfermidade, já que o paciente ou portador de qualquer patologia deve seguir rigorosamente as orientações médicas. Este texto não sofreu nenhuma revisão por parte de qualquer médico, portanto, expressa simplesmente a visão de um doente, até então, leigo no assunto, mas acima de tudo, um ser humano, portador de emoções e sentimentos. Este livro poderá ser baixado (*download*) via Internet no meu *site*:

www.livroimpacto.hpg.com.br

A pesar deste livro ter o relato de situações engraçadas, o assunto é tratado com seriedade. O objetivo do humor, neste livro, não é para que eu ganhe o Prêmio Nobel do Humor, e sim, embasá-lo no ditado popular: Rir é o melhor remédio. É o tratamento mais barato e eficaz que existe para qualquer doença.

Para que o objetivo do humorista seja alcançado, ou seja, fazer as pessoas rirem, é fundamental que o leitor conheça o “artista” e o admire. Como eu sou um estranho para você, faça de conta que eu sou o seu melhor amigo e deixe de lado esta carranca!

Muitos pacientes não terão disposição e ânimo para ler este livro, então leia para ele, um pouquinho por dia, mas leia, com amor, e se necessário for, dê ênfases, represente, faça de tudo, o possível e o impossível para motivá-lo. Eis a grande chance de ser artista...

Dedico este livro a minha esposa Cidinha, minhas filhas Daniele e Patrícia, meu filho Gustavo, meus netos Jéssica e Lennon e a mais quatro pessoas, que foram imprescindíveis para que eu alcançasse êxito em meu tratamento:

Dra. Ilderez, prima e médica;

Rose, grande amiga;

Dra. Elisabete, advogada;

José Borges, meu cunhado.

E todo o meu eterno agradecimento à equipe médica da UNICAMP, Dra. Fabíola, Dra. Daniela, Dra. Ana Cláudia, Dra. Fernanda, Dr. Paulo, Dr. Erich, Dr. André, Dr. Aranha, Dra. Kátia, Dra. Cátia, Dr. Hélio, Dr. Vágner, Dr. Celso, Dr. Afonso, Dra. Simone, Dr. Marques, Dra. Gislaíne, Dra. Tatiane, Dr. Leonardo, Dra. Irene e Dr. Carmino, que são anjos vestidos de médicos e salvam vidas, e a todos os funcionários, principalmente às enfermeiras e enfermeiros, em especial, aos do Hemocentro, destacando os setores de Quimioterapia e Aféreses, a Hemato, o TMO e o Núcleo de Vigilância Epidemiológica (Vacinas).

Para relacionar todos que me ajudaram, direta e indiretamente, daria uma lista telefônica.

Comentários sobre a foto da capa deste livro.

Esta tempestade em alto-mar é vista:

- com pânico por um naufrago;
- com beleza por alguém numa praia distante;
- com indiferença por alguém em um transatlântico;
- com temor por um pescador em um barquinho;
- com normalidade por um cientista;
- como uma bomba atômica para os menos informados;
- como a ira de Tupã, para os índios e
- incompreensível e assustador para uma criança.

Como Albert Einstein disse: Tudo é relativo.

Esperança = Morte vezes Câncer ao quadrado ($E = mc^2$).

Mas só ao quadrado, antes disto é totalmente curável.

Para escrever este livro, não fiz anotações durante o tratamento e também não tenho memória de elefante, apenas criei um arquivo no Word® e, aos poucos, fui montando sua estrutura, primeiros sintomas, diagnósticos e, à medida que ia lembrando os detalhes, elaborei este livro, pois quem bate esquece, mas quem apanha, não.

Antes que Rui Barbosa desse umas três mexidas no túmulo, surgiu em minha vida, uma pessoa maravilhosa, a Fabiana P. Mian, uma @miga internauta, que conheci por intermédio do *site* do Napacan – www.napacan.com.br, um grupo de apoio para pacientes com..., que espontaneamente aceitou o meu pedido de revisar o texto, e transformou um trator (protótipo do livro) em um carro de Fórmula Um. Do que sobrou, entre 200 mil vírgulas, erros de concordância e ortografia, fizemos dois “Os Lusíadas” e um sopão de letrinhas para os necessitados. No final do livro teço mais elogios a este ser humano.

Meu nome é Wilson, cognome “Beto”, tenho 47 anos, após as quimioterapias aparento uns 30 anos, tenho oficina eletrônica, sou casado com a “delegada” Cidinha, fizemos bodas de prata em 12 de junho de 2001, “Dia dos Namorados”, tenho três filhos, dois netos, duas cachorras, um papagaio, um jaboti e um monte de contas para pagar. Fomos presenteados por nossos filhos com um par de alianças, embora não use durante o dia devido à minha profissão. Eu estava sem aliança há oito anos, pois fui assaltado e mantido como refém por 30 minutos, o bandido queria o meu carro para fugir da polícia, fui abandonado, literalmente pelado na Anhanguera, e como prometido, o bandido só levou meu tape, meu relógio, R\$ 30,00 e minha aliança. No dia seguinte, achei meu carro e meus documentos, inclusive talões de cheques e cartões de crédito, estavam na agência do correio. Estou mesclando histórias lindas com trágicas, objetivando preparar o leitor para o livro.

Sou fumante, e talvez tenha adquirido a doença por este motivo. Mas, como perdi vários colegas que se recusaram a fazer o transplante, pois ficariam enclausurados por até 90 dias, sem fumar, e acabaram vindo a óbito, então todos os parágrafos pertinentes ao cigarro neste livro não são uma apologia ao tabagismo, e, sim, um protesto de minha parte contra as campanhas antitabagistas, pois penso que deveriam ser mais sérias e mais contundentes, pois não se combate um vício ou um hábito com:

- Imagens de mulheres grávidas e bebês envoltos em fumaça nos maços de cigarros;
- Fotos de autópsia mostrando pulmões de fumantes;
- Letras garrafais dizendo que o cigarro mata;
- Fazendo chamadas de versículos na Bíblia (1 Co 10.31; 1 Co 3.17; 1 Co 6.19,20; 3 Jo 2 etc.)

O hábito de fumar surgiu em 1493, quando os espanhóis ocidentalizaram o costume dos índios nativos de Cuba.

Caso se sinta ofendido por alguma coisa que escrevi, peço desculpas, mas pare de ler este texto imediatamente.

Na última página, tem a opinião de algumas pessoas que leram o protótipo deste livro.

Se você pensa que hemoglobina é a nova música do Tchan, ou que tricotomia é costurar o gato com agulha de tricô, leia nas últimas páginas “Enriqueça seu vocabulário”.

Deve-se viver cada segundo de vida como se fosse o último, e antes de se recolher ao leito ou sair de casa deve-se fazer as pazes com quem se teve alguma desavença durante o dia.

Deve-se ter amor-próprio e amar o próximo.

Jamais pronuncie a palavra “c â n c e r” diante de um paciente portador e de pessoas que o amam.

Esta palavra soa até bonito, quando se fala em campanha de c. de mama, hospital do c., nas aulas de geografia o trópico de c., em horóscopo o signo de c., mas quando se trata de seu diagnóstico, ela soa como um punhal atravessando o peito.

Esta palavra é muito usada para denegrir um assunto: isto é o c. da humanidade.

Deitado em um leito de hospital, não são as picadas das injeções, as reações aos medicamentos e as dores da doença que machucam, o que fere é a mistura em nossa cabeça e alma, de saudades de nossa casa, de nossos entes queridos, dos nossos hábitos e das nossas coisinhas, de ter esperanças mesmo com um desânimo físico absurdo, de tentar sonhar e não conseguir, conviver com a morte, ignorando-a, ter vontade de chorar e não ter lágrimas, e pensar que as pessoas que o amam estão sofrendo.

Sou um agraciado, pois tive apoio total de minha esposa e filhos, de “alguns” familiares e “alguns” amigos, pois a maioria dos pacientes fica à mercê da sorte, sem carinho, sem médico, sem apoio e sem ajuda financeira.

Credito minha cura aos nove seguintes fatores, por ordem ascendente de importância:

- 1°.) – Diagnóstico precoce.
- 2°.) – Jamais pensar que iria morrer pela doença.
- 3°.) – Meu bom humor.
- 4°.) – Apoio total de minha esposa e filhos, e “alguns” amigos e “alguns” parentes.
- 5°.) – Profissionalismo dos médicos e enfermeiros da UNICAMP.
- 6°.) – Minha disciplina em tomar remédios na hora exata, nenhum minuto a mais ou a menos.
- 7°.) – Seguir à risca todas as recomendações médicas.
- 8°.) – Fazer todos os exames solicitados, dieta e cuidados especiais.
- 9°.) – Reação do meu organismo (uma dádiva divina a todos os seres humanos, mas temos de saber como usufruir).

O nome deste livro é IMPACTO, pois conforme o dicionário, impacto significa:

- metido à força; impelido;
- encontro de projétil, míssil, bomba ou torpedo, com o alvo; choque, colisão;
- colisão de dois ou vários corpos;
- abalo moral causado nas pessoas por um acontecimento chocante ou impressionante;
- impressão muito forte, muito profunda, causada por motivos diversos.

Você conhece ou já ouviu falar de BNH, CNH, RH, BH, Ph etc., mas LNH não, ela é a caçulinha das abreviaturas e significa Linfoma não Hodgkin, nome bonito, parece até nome de abertura de jogo de xadrez. Mas me diga sinceramente, se você entrasse em um ambiente estranho e visse isto escrito em uma porta, você a abriria, ficaria imóvel ou sairia correndo?

O acompanhante sofre tanto quanto o paciente. As pessoas que o amam sofrem a sua ausência e também pela incapacidade de reverter tal situação.

Nós viemos aqui para conversar ou para contar minha história?

Então vamos a ela:

Preparem-se para assistir cenas de guerra, *BLOOD'S WAR*. Meu corpo foi tomado pelo inimigo chamado LINFOMA NÃO HODGKIN. As forças aliadas retirarão as hemácias criancinhas e as guardarão em lugar seguro, e por intermédio de uma arma poderosíssima chamada de QUIMIOTERAPIA, irão bombardear intensamente meu organismo. Quando não restar pedra sobre pedra, estas criancinhas voltarão para a sua terra natal, empunhando a bandeira branca da VIDA e terão de reconstruir toda esta nação, e se conseguirem, eu continuarei vivo.

Em respeito aos pacientes e seus familiares, seus nomes foram substituídos por nome de planetas (Sr. Mercúrio, Sr. Vênus, Sr. Terra, Sr. Marte, Sr. Júpiter, Saturno, Sr. Urano, Sr. Netuno e Sr. Plutão), preservando assim seus familiares de mais sofrimentos. Afinal, a maioria (ou todos) está em outra dimensão, superior à nossa condição terrena e nada mais justo do que uma bela homenagem, não acha?

Capítulo I – Primeiros sintomas

Capítulo II – Diagnóstico precoce

Capítulo III – Início do tratamento na UNICAMP

Capítulo IV – Internação de emergência

Capítulo V – Pré-transplante

Capítulo VI – Transplante de medula óssea

Capítulo VII – Pós-transplante (100 dias)

Capítulo VIII – Hoje

CAPÍTULO I

PRIMEIROS SINTOMAS

(junho de 1999)

Eu trabalhava sem horário determinado, já fazia uns cinco anos, não tinha horário certo para dormir e me alimentar.

Tinha oficina de eletrônica dentro de casa, e resolvi mudá-la para a frente, em um cômodo que mandei construir para isso.

Antes de mudar minha oficina, entrei em contato com minha prima, que é médica, Dra. Ilderez, pois fazia 16 anos que não nos víamos, e marcamos um encontro em minha casa.

A mudança tinha sido prevista para ser realizada em dois dias, para não comprometer a operacionalidade da oficina, iniciaria na sexta-feira à noite e terminaria no domingo.

Mas na desmontagem levei muito mais tempo do que o previsto, e acabei trabalhando 20 horas por dia durante 15 dias seguidos. Isto foi a gota d'água para arrebentar a vida estafante que eu tinha.

Ao começar a trabalhar na nova oficina, notei em mim certo desânimo. E me perguntava: Por que esse desânimo, se estou em um novo ambiente, mais confortável e organizado?

Trabalhava algumas horas e me sentia cansado, e ia me deitar.

O emagrecimento já era notado.

E as horas de trabalho iam se reduzindo a cada dia que passava.

Achava que era estafa, então aguardava melhorar com o próprio descanso forçado que fazia face ao desânimo.

Mas não melhorava.

Comecei a ter febre diariamente e transpirava à noite.

Sabia que a febre era uma defesa do organismo, com o aquecimento do corpo, muitos microorganismos invasores são eliminados, mas se não forem, a febre poderá atingir um patamar que o próprio organismo não resistirá.

A febre foi evoluindo, chegou a um ponto que eu tinha febre 20 horas por dia.

A sudorese noturna também. Na linguagem médica, sudorese profusa.

Não transpiro, mesmo andando de terno sob sol escaldante. Normalmente, só transpiro em abundância quando pratico algum tipo de esforço físico como serrar um pedaço de madeira, cortar lenha, capinar, carregar caixas de bananas, estender roupas no varal, lavar a louça e limpar o chão.

Nesse ínterim, cheguei a ir ao Hospital Público, onde o médico nada detectou e me encaminhou para o infectologista. Cheguei a questioná-lo se os meus sintomas não eram de diabetes. Ele rebateu, dizendo que diabetes não emagrece. Voltei a perguntar-lhe se os sintomas não eram de tuberculose. Ele chamou num canto da sala uma médica e após conversarem por alguns minutos, voltou-se para mim, dizendo que se fosse tuberculose a chapa acusaria.

Curiosamente, esse médico não me perguntou se eu fumava ou bebia, pois a maioria dos médicos que fazem plantão em hospitais públicos pergunta logo no início da consulta, e se você responder positivamente, com certeza tudo que está sentindo é devido ao cigarro e/ou à bebida, mesmo que seja um copo de cerveja por semana.

Nesse dia em que saí de casa e fui até o hospital, notei certa melhora, embora mínima, o que reforçou meu autodiagnóstico de estafa (estresse).

Não cheguei a procurar um infectologista, pois estava aguardando a visita de minha prima médica, a Ilderez.

Quando de sua visita, em agosto de 1999, ela notou de imediato que eu estava gravemente doente.

Mostrei-lhe o Raios-x tirado, e ela salientou que o mesmo não fora feito de maneira correta para diagnóstico de tuberculose. O meu exame de sangue estava normal.

Minha prima estava trazendo um videocassete para eu arrumar, e ao me ver com aquele aspecto doentio, disfarçou e não me entregou o aparelho de imediato. Após eu lhe pedir que retirasse do carro o videocassete, ela o fez.

Porém, isso me deixou ressabiado, pois ela sendo médica estava prevendo que eu não iria arrumar o seu videocassete tão cedo ou talvez nunca.

E ela estava certa, pois só consegui arrumar seu videocassete após o transplante, isso em novembro de 2001.

Ela, então, convidou-me a fazer uns exames em Rio Claro, concordei e dentro de alguns dias estava eu indo para lá, com o Daniel, pessoa finíssima que minha prima pediu para buscar-me de carro.

Fui sozinho, minha esposa trabalhava na época – e ainda trabalha – mas queria poupá-la, pois previa que logo ela estaria se desgastando com minha doença.

No hospital de Rio Claro, rapidamente fiz exames de sangue e urina e depois ela me levou ao seu apartamento. O que me chamou a atenção no hospital foi quando coletaram minha urina, pois, notei um frasco com um líquido totalmente verde, e perguntei-lhes o que era aquilo, e informaram-me que era urina de uma paciente, que estava urinando bÍlis.

Fiz o Raios X adequado para o diagnóstico da tuberculose, a posição é idêntica a um bêbado encostado em um muro, você coloca as costas na máquina, adianta bem as duas pernas e levanta os braços, caso a máquina se desloque um centímetro, você cairá de costas no chão. Tão logo é tirada a chapa, o técnico o ajuda a sair desta posição, ainda bem!

Assim que vesti a camisa, aproximei-me da Ilderez (que carinhosamente chamo de Beca), que já estava visualizando o meu Raios X, (ficou pronto numa velocidade!), e perguntei-lhe o que eram aquelas manchas no meu abdome, e ela, disfarçando amorosamente informou-me que eram gases. Eu não entendo de chapas de Raios X, mas aquelas manchas não aparentavam ser normais.

Na recepção do pronto-socorro notei uma mãe em pé segurando duas crianças no colo e ao sair do hospital, depois de uma hora e meia, lá estava a mesma mãe que continuava em pé segurando as duas crianças no colo... (O amor materno é mesmo insuperável!).

Chegando ao seu apartamento, minha prima preparou um belo almoço para nós dois, tratando-me com muito carinho, que eu não sabia diferenciar se era pelo estreitamento familiar de primo ou se ela já previa meu pouco tempo de vida. Fez filé grelhado, arroz, fritou bacon e batatinhas, salada de tomate e alface e bebemos refrigerante. Da sobremesa eu não me lembro, mas com certeza comi algum tipo de doce, pois sou um “formigão”.

Fiquei impressionado como ela lavava as verduras com detergente e sabão, esfregando-as como se fosse uma calça *jeans*.

Após o almoço, ela preparou um colchão no chão, que seus filhos usavam quando a visitavam. Deitei-me, ela examinou meus gânglios, não fez comentários e ligou a televisão.

Eu tinha um gânglio, no lado esquerdo do abdome, facilmente palpável, do tamanho de uma banana nanica, e pensava tratar-se de uma hérnia, quando o intestino fura o músculo e fica semelhante a uma bexiga. Ilderez descartou de cara essa minha hipótese. Conversei muito pouco com Ilderez, pois ela estava com pressa em voltar ao hospital, mas sobrou tempo de falar de seu projeto em montar um laboratório fotográfico, assunto que domino, pois já fui fotógrafo com estúdio em casa, nos anos 80, época dos fotógrafos “lambe-lambe”.

Contarei uma história verídica sobre fotografia que aconteceu no tempo em que se “amarrava cachorro com lingüiça”. Antigamente, não existiam os *flashes* eletrônicos como hoje, e para fotografar com pouca luz, por exemplo, à noite, usavam-se umas lâmpadas de magnésio que explodiam e iluminavam o ambiente. O fato ocorreu na Corrida de São Silvestre, que era realizada na virada do ano e à noite. Estavam todos preparados para a largada quando um fotógrafo foi bater uma foto da posição inicial usando essa lâmpada que explodiu e o pessoal, pensando ser o “tiro de largada”, saiu em disparada quase pisoteando o fotógrafo!

Outro caso aconteceu em meados de 1982, a televisão e os jornais da época davam ênfase que alguns planetas seriam visíveis a olho nu, à noite. Com um recorte do jornal que era bem explicativo, coloquei o relógio para despertar às três horas da madrugada, para eu e Cidinha vermos os planetas, conforme as instruções do jornal. Não somos astrônomos. A madrugada estava bem escura, o céu forrado de estrelas, e onde morávamos, a iluminação pública era fraca. Localizamos uns três planetas, eram como as estrelas, mas se diferenciavam pelas cores. Quando decidimos voltar para dentro de casa, vimos uma estrela vermelha, de diâmetro bem maior e fiquei tão fascinado que decidi fotografar usando o tripé, pois com certeza aquele planeta vermelho era Marte e não Mercúrio, que muitas pessoas pensam ser por causa do mercúrio-cromo. Deixei a máquina preparada por uns 30 segundos, em velocidade B.

Recolhemos todo o material e fomos nos deitar novamente. No outro dia, ao sair para trabalhar, olhei para a direção que estava o “planeta vermelho” e para minha surpresa, não tinha fotografado Marte, e sim aquela lâmpada vermelha de sinalização que fica no alto dos edifícios com o pára-raio! Minha esposa quase me matou por isso!

Voltando ao apartamento da Ilderez, em Rio Claro, desliguei a TV e tentei dormir, mas meu sono era sempre interrompido por um vizinho que estava usando furadeira e martelo.

Fiquei apenas um dia em Rio Claro, e após os exames o Daniel me trouxe para Sumaré. Voltei escutando músicas que eu pensava ser *jazz*, mas na realidade eram *blues*.

Daniel cortou caminho, dei-lhe algumas orientações, e não pagamos nenhum pedágio, exceto um dentro da cidade de Limeira, que era cobrado somente de carros que não tinham placa de Limeira, no valor de R\$ 1,00.

Não gastei um tostão, minha prima “bancou tudo”.

Voltei para a minha casa, aguardando uma vaga para ser internado, onde faria exames mais complexos.

Não tive tempo nem ânimo para conhecer Rio Claro, só notei que as ruas de lá são por números: Rua 10, Rua 21... Nesse momento, passou pela minha cabeça, que 90% dos projetos de vereadores de todas as cidades brasileiras são para mudar nomes de ruas, sem contar os absurdos tipo: em uma cidade construíram um estádio de futebol com capacidade superior à população da mesma, e em outra, construíram um aeroporto para extraterrestres, e quando o prefeito foi questionado do por que de tal obra, já que a vida além da Terra não estava comprovada, ele, cingicamente respondeu: “Quando for provado, nós seremos os pioneiros!”

Eu acredito em extraterrestres, tanto é que estou aqui só de passagem.

Passei próximo ao estádio de futebol do Velo Clube.

Em casa, a doença progredia, febre 20 horas por dia, desânimo, emagrecimento e a sudorese era absurda. Trocava, em média, seis camisetas por noite, além de trocar o lençol, e virar o colchão, e alternar: uma hora dormia na cabeceira outra hora nos pés. Muitas vezes, dormia sobre uma toalha. O certo era eu dormir sobre uma esponja enorme...

O suor era tanto que ensopava minhas camisetas e dava até para torcê-las.

Dormia apenas de camiseta e cueca, pois as noites não eram frias...

Não dormia na minha cama com minha esposa. Dormia ao seu lado, em um colchão de solteiro colocado no chão.

Não tinha um sono tranqüilo, às vezes delirava, devido à febre, mas não tinha autocontrole para não continuar dormindo sobre um leito molhado que, com o avanço da madrugada, se tornava um leito gelado, então tinha de ser acordado, para que se fizesse a troca das roupas.

Às vezes, tinha muitos tremores à noite e chegava a bater os dentes. Parecia um operador de britadeira.

O emagrecimento era tanto, que já se via minhas costelinhas e eu já não andava mais sem camisa nem me trocava diante de meus filhos, só diante da Cidinha.

Evitava me olhar no espelho. A minha barriguinha, que era um charme, estava desaparecendo.

Apesar do desânimo e das adversidades, não me passava pela cabeça que iria morrer pela doença.

Desde criança, sempre imaginei como seria passar a virada do século. Quando pensei que faltavam só alguns meses para tal feito, os especialistas começaram a falar que a virada do milênio não seria em 31 de dezembro de 1999 e sim em 31 de dezembro de 2000. Aí, pensei comigo mesmo, vou ter de agüentar mais um ano, para realizar um sonho de criança.

Um belo dia, me preparava para o banho e, ao entrar no box, notei a minha parte baixa toda lavada de sangue. Pensei: “Atrasou 45 anos mas veio!”, fiquei apavorado, chamei minha esposa e entrei debaixo do chuveiro. Após lavar todo aquele sangue, notei um furo no escroto onde minava sangue que só parou após ser estancado com uma gaze, forte e cuidadosamente. Deve ter “estourado” uma veia, o por que não sei, mais para a frente relatei à minha prima e ao hematologista, que apenas registraram sem comentários.

Apesar de todos os sintomas, não me automedicava. Nunca tive este hábito, totalmente diferente de minha esposa, que é hipocondríaca. Ela faz compra na farmácia, como se faz no supermercado. Se me vissem tomando analgésico para dor de cabeça, podiam concluir que era insuportável. Não sou masoquista, mas prefiro ficar com dores de cabeça, dor muscular, nevralgias ou outra dor qualquer a tomar remédios. Quanto às ervas, se me oferecerem um chá para tal dor, tomo sem vacilar. Até boldo eu gosto, mas losna é brabo. Só não posso tomar mentruz, pois mata bicha. (*Risos*)

Trabalhava com um grupo de pessoas que tinham cefaléias diariamente, e tomavam remédios como cafezinho, ultimamente nem contavam as gotas, usavam o critério de que “uma esguixada equivale a cinco gotas”. Looouocura!

Sempre fui disciplinado para tomar medicação durante um tratamento, e há muito tempo já tinha me curado de uma rinite alérgica, uma otite, uma gastrite nervosa e por último uma sinusite. Ite.

Isto talvez tenha contribuído para minha cura, pois quando comecei a tomar toda aquela bateria de veneno, via quimioterapia, tudo era novidade para o meu organismo.

Em 1983 sofri um acidente de carro onde vários pedacinhos de vidro, minúsculos, penetraram no meu rosto e meu organismo reagia de maneira atípica, pois os envolvia e com o tempo expulsava-os. Isso durou mais ou menos sete anos (conta de mentiroso!), parecia que estava na puberdade, vivia com o rosto cheio de “espinhas”. Consultando um dermatologista, ele me disse que a maioria dos organismos envolve o vidro, por ser minúsculo, e não os expulsa.

Continuava trabalhando, porém em um ritmo muito lento, contrário ao meu normal, pois sempre fui muito dinâmico, ansioso, intolerante, apressado e chato.

Dizem os especialistas em neoplasia que esta doença é mais freqüente em homens do tipo inquieto, ansioso, temperamental, medroso e neurastênico, ou seja, terrivelmente mal-humorado.

Quando trabalhei em uma firma na Faria Lima, em São Paulo, o meu apelido era Grunck, as meninas me chamavam de Grunckinho. O fato de ficar deitado por várias horas por dia já começava a me dar dor no corpo, principalmente nas costas e na sola do pé; nunca tive câibras e comecei a tê-las, minhas pernas aparentavam um peso sobre-humano.

Lembro-me que estava muito magro e mesmo atendendo meus clientes na oficina, eu evitava sair à rua. Um dia chamei a cabeleireira, idéia de minha filha Patrícia, para cortar meu cabelo em casa. Foi bacana.

Nessa época já tinha uma neta, a Jéssica, filha da Daniele e do meu genro Lai, e minha outra filha, a Patrícia, estava grávida.

***Reflexão:** Era uma vez uma pequena ave, que no inverno rígido, procurava abrigo em um dos mourões de uma cerca de um pasto, e em todas as madrugadas vinha uma vaca e defecava sobre a ave, e esta só se livrava das fezes quando o sol começava a surgir. Essa situação se*

repetiu quase todo o inverno, quando a ave resolveu reclamar ao mestre da floresta. Chegando lá, contou-lhe toda a história e pediu uma explicação do por que de tanta humilhação, além de ser um ato de covardia, já que a vaca era bem maior que ela. O mestre da floresta explicou-lhe: “A vaca é sua melhor amiga, se não fosse o calor de suas fezes lhe aquecer durante toda a madrugada, você com certeza morreria de frio.”

CAPÍTULO II

DIAGNÓSTICO PRECOCE

(setembro de 1999)

Recebi um telefonema da Ilderez, me informando que na sexta-feira mandaria me buscar para ser internado em Rio Claro.

Aproveitei para renovar o meu guarda-roupa, face à situação, comprei só uma calça, pois estava muito magrelinho, e parecia que estava com calça de palhaço, se abrisse o cinto, a calça caía.

Nessa época que estava esquelético, evitava abraçar as pessoas, para que não sentissem meus ossos sob a pele.

Quando o Daniel, nosso amigo e meu motorista particular chegou, eu já estava pronto de mala e cuia. Despedi-me da Cidinha, os três filhos e a neta. Antes, sem que eles percebessem, tinha me despedido de minhas duas cachorras, da minha oficina, da minha churrasqueira, das minhas coisas, da minha casa.

Senti, pela primeira vez, uma sensação esquisita ao sair de casa para ir até o hospital, sem saber se voltaria.

Hoje entendo por que muitas pessoas preferem morrer em casa em vez de se deslocarem até um leito de hospital!

Chegando a Rio Claro, fomos direto à Clínica de Hemodiálise onde minha prima estava em plantão e, ao invés de me receber com aquele sorriso peculiar que sempre me recebia, notei em seu sorriso uma angústia profunda. Colocou a mão em mim e disse: “Como você está mal! Mas vai dar tudo certo, você vai sair desta!”

Pedi licença para ir até a lanchonete para comprar cigarros e fui prontamente bloqueado com a promessa deles (Ilderez e Daniel) em comprá-los e me levarem depois.

Seguimos a pé até o hospital e acompanharam-me até o quarto. Na despedida, tentei dar o dinheiro para Daniel buscar os malditos cigarros, pois prevendo uma estada (atenção, não é estadia!) maior, eu ficaria desprovido e ele recusando o meu dinheiro, novamente disse que os traria mais tarde e eu acreditei tanto nisso que até hoje estou aguardando! Por isto é que as mulheres dizem: “Não confie nos homens!” Detalhe interessante: ambos são fumantes!

Falta de união da classe.

No hospital, fiquei sozinho em um apartamento, sem acompanhante e sem parceiro de quarto. Tão logo cheguei, tomei um banho, me deitei e as enfermeiras colocaram soro em meu braço. A primeira vez a gente nunca esquece. Nunca tinha tomado soro em minha vida. Já sofri dois acidentes de carro, ambos gravíssimos, mas só no primeiro levei pontos no queixo, que por sorte foram feitos pelo médico plantonista na clínica que era cirurgião plástico.

Lembro também quando eu era adolescente, estava em um sítio e resolvi cortar bananeiras com um machado e acabei por cortar o tênis (na realidade era um boliche, só as pessoas com mais de 40 anos conhecem este tipo de calçado) e logicamente, o pé. O resultado foi uma lesão no nervo e fratura em um dos dedos.

Fui socorrido pelos meus tios que colocaram “fel de boi”, enquanto meu primo Lula foi buscar socorro a cinco quilômetros de distância dali. Ele correu tanto que, ao chegar ao ponto de táxi próximo à rodoviária, não conseguia falar com o motorista. Este ficou desesperado e vendo meu primo sem voz achava que o mesmo tinha cometido uma atrocidade e deu-lhe papel e caneta para escrever o que queria.

O resultado foi permanecer engessado por 40 dias. Não suportei e acabei retirando o gesso antes do prazo e fiz um sapato de madeira para o pé machucado. Notei que esse acidente comprometeu o meu desempenho

em jogar futebol, pois nunca mais joguei bola como antes, e acabei me tornando um perna de pau. Resumindo tudo isso: nunca havia sido internado.

Voltemos ao hospital.

Um parente trouxe-me um microsystem com CD (mas sem nenhum CD para eu ouvir). Ficava tocando FM o dia todo, bem baixinho, até ouvi um jogo do meu querido São Paulo. Não havia TV no quarto, talvez em algum lugar do hospital tivesse uma para os pacientes assistirem, mas eu não tinha ânimo nem para me deslocar até lá.

No meu primeiro Raios X nesse hospital, a enfermeira levou-me de cadeira de rodas por um longo percurso. Lembrei-me de minha filha Patrícia quando tinha três anos e via alguém com muletas, aleijados com carrinho de rolimã e doentes em cadeira de rodas: algumas vezes achava graça e noutras, queria andar. Ficava imaginando ela no meu lugar, enquanto aquela paisagem de hospital ia passando ao meu lado.

No Raios X, senti-me envergonhado por ficar somente de cueca e mesmo coberto por um lençol expunha minha magreza esquelética ao tirar várias chapas.

Sempre à noite, andava uns 30 metros arrastando o suporte de soro, e me dirigia ao orelhão, onde conversava com minha esposa e filhos.

Fazia esse trajeto lentamente, em passos curtos, pois o suporte era pesado e meu desânimo era enorme. Certa vez, tentei levar o frasco de soro com o braço erguido, tal qual a Estátua da Liberdade, mas compliquei-me todo! Foi quase impossível discar e segurar o soro ao mesmo tempo; mais parecia um contorcionista de circo. Em outra vez, agachei debaixo do orelhão, coloquei o frasco no gancho do telefone, mas a ligação caiu.

Ilderez raramente me visitava, e quando o fazia, era por alguns minutinhos, mas era sempre atenciosa. Chegou a me apresentar seu filho caçula, o Nino.

Internado, as suspeitas eram: AIDS, TUBERCULOSE ou DOENÇAS DO SANGUE. Como existiam gânglios no abdome e na virilha esquerda, a AIDS foi descartada de imediato, pois ela produz gânglios nas duas virilhas, nas duas axilas e no pescoço.

No segundo dia, fiquei sendo observado e analisado pela infectologista, que saiu fora e entrou o hematologista, Dr. Gustavo, com o qual fiquei até o último dia (fiquei internado exatamente uma semana).

A cada medicação, eu perguntava à enfermeira que remédio estavam me dando e para que servia. Foi quando descobri que era sensível a dipirona, pois ao tomá-la transpirava além do normal, e tendo sudorese noturna, era pior ainda.

Ao menor sinal de febre, já era medicado de imediato com dipirona. Tendo febre 20 horas por dia, acabaria tomando um litro de dipirona ao dia.

Foi quando negocieei com os médicos e com a intervenção da Dra. Ilderez, para trocar a dipirona por paracetamol (comercialmente conhecido como Tylenol), medicação esta um pouco mais fraca. Deveria ser administrada somente se a febre ultrapasse os 38° C. Fui atendido.

Numa bela noite, me aplicaram uma injeção e, como de costume, perguntei o que era, fui informado que era dipirona. Quase tive uma parada cardíaca de tanta indignação, mas não ofendi a enfermeira. Nessa noite não dormi, tomei a injeção, já era de madrugada, estimo umas 2 horas e dali a uma meia hora, comecei a transpirar. Fui para o banheiro, tirei toda a roupa. Jorrava água pelos meus poros. Fiquei mais ou menos umas quatro horas pelado, ora em pé, ora sentado no vaso, esperando cessar a sudorese, para tomar um banho e dormir durante o dia todo. Estranhamente, a enfermeira permitiu que eu fumasse na janela do quarto.

Com meu maço de cigarro no fim, escolhi uma enfermeira fumante para comprar-me os cigarros. Sou-lhe muito grato, pois colocou seu cargo em risco, fazendo-me essa gentileza.

Quando penso em parar de fumar, penso nos milhares de pais de famílias que trabalham na fábrica de cigarros. E além do mais, sou sem-vergonha! Algumas pessoas dizem que ficam com vontade de fumar, ao me ver fumando, porque eu fumo com prazer.

Que me desculpem os antitabagistas!

Em casa, só fumo na varanda. No carro e na casa dos outros, nem pensar.

Acho a campanha antifumo uma hipocrisia, já que o cigarro não destrói famílias como o álcool. Aceitaria uma campanha antifumo, se a campanha antiálcool fosse de maior intensidade. E vou mais além, a campanha antitabagista pode ser patrocinada pela empresa líder do mercado, conseguindo com isso manter suas marcas no mesmo nível de vendas. O que derruba uma marca líder de venda? A propaganda. Não existindo a propaganda, ela não será atingida.

Certa vez, fiz uma viagem ao Recife e naquele tempo os aviões tinham uma ala para fumantes e outra para não-fumantes. Tão logo o avião decolava, era liberado o uso de cigarros, todos os fumantes acendiam os seus *bicos de satanás*. Ao meu lado estava sentada uma velhinha. Antes de acender meu cigarro, ofereci-lhe um, e ela prontamente disse não fumar. Então, comentei que se não fumava, estava na ala errada, já que haviam bancos vazios na ala dos não-fumantes, e ela completou: “Não, estou na ala certa, eu prefiro a ala dos fumantes, pois eles são sempre pessoas simpáticas.” Às vezes eu chego a pensar que a velhinha me cantou.

O Ministério da Saúde adverte: Falar da vida dos outros, faz a língua crescer, e quando morrer será necessário dois caixões, um para o corpo e outro para a língua!

Sem contar que se morder a língua é suicídio.

Para saber se uma pessoa é linguaruda, faça o seguinte teste: Mande-a chupar uma bala, e cuspi-la no chão, e fique observando a bala, tão logo um cachorro coma a bala, verifique sua reação. Se o cachorro começar a ter uns piripagues, girar em círculos e cair duro, o resultado deu positivo!

O ato de fumar faz com que o organismo produza mais hemoglobina devido à falta de oxigênio causada pelo cigarro. O médico sabe que você voltou a fumar, pelo exame de sangue, independentemente de você estar *fedendo* cigarro.

Dicas: Para tirar o cheiro de cigarro da boca coma uma fatia de maçã.

Meus filhos achavam que eu estava com a doença do carrapato (você conhece carrapato? Eu não, só conheço carro a álcool, gasolina e gás), pois, às vezes, dava banho em minhas cachorras com carrapaticidas e nessa época veiculava na televisão que o carrapato estrela, aquele que dá em cavalos, estava causando doenças na região.

Após insistentes pedidos deles, e envergonhado, comentei com o hematologista, que só ouviu. Essa doença, exclusivamente dos animais domésticos, é conhecida como *Babesiose*, *Febre do Carrapato*, *Piroplasmose*, *Febre do Texas* ou *Água Vermelha*. Trata-se de um protozoário que é transmitido pelo carrapato (parasita hematófago, ou seja, que se alimenta de sangue). Os principais sintomas são: febre, icterícia e hemoglobinúria.

Voltando ao hospital, onde fui muito bem tratado, apesar das brincadeiras que faço, todas as enfermeiras eram educadas, dóceis e profissionais, com exceção de uma delas que não atendia aos meus pedidos e muito menos os repassava às auxiliares. Quando eu a cobrava, após uma hora, a “jararaca” alegava que se responsabilizava apenas pela medicação e quanto aos meus pedidos, que eram mais urgentes e necessários ficavam para trás, como a troca da roupa da cama devido à sudorese noturna ou mesmo auxiliar-me na retirada da camisa com o braço imobilizado pelo soro. Foi difícil nos primeiros dias.

Poucas enfermeiras desconectavam o soro e fechavam a válvula para que eu pudesse tomar meu banho sem o constrangimento de carregar todo aquele aparato para o banheiro. Com o tempo, elas foram me ensinando a manter o nível do soro acima da cabeça para evitar o refluxo do sangue e quando deixei o hospital, já estava craque no assunto.

Certo dia, a enfermeira-chefe, tal qual uma menininha, mas que falava e se trajava muito bem, me procurou para perguntar-me como estava sendo tratado.

Fui sincero ao dizer-lhe que as enfermeiras eram dóceis, atenciosas, prestativas e muito profissionais com exceção “daquela” que poderia comprometer seriamente a qualidade do trabalho de toda a equipe. A partir daquela data, a “tal enfermeira” não entrou mais em meu quarto, chegando até a me ignorar quando nos cruzávamos no corredor. Ela surgiu então, num belo dia, para retirar a agulha da veia e conectá-la a outra mais próxima, cena essa assistida pela Dra. Ilderez que presenciou a retirada do esparadrapo, em câmera lenta, do meu braço que é tão peludo quanto um urso. A cena parecia de tortura e pedi gentilmente que puxasse tudo de uma vez e acabasse logo com aquilo. Antes, porém, propus que ela usasse éter que facilita a retirada do esparadrapo, e resmungando disse-me que não tinha, pois não se usava mais.

Cidinha foi visitar-me no sábado e sua chefe, a Dra. Elisabete, gentilmente levou-a até o hospital. Fiquei muito feliz, comecei a falar como uma metralhadora, pois fazia quatro dias que não nos víamos, e mesclava a saudade, a felicidade de tê-la ao meu lado, a preocupação com os filhos já que nós dois estávamos ali, queria demonstrar que estava tudo bem, enfim, uma coisa indescritível. Ela trouxe roupas limpas, embora eu prefira usar as do hospital que são mais práticas e além do mais, esterilizadas.

Trouxe também cigarros e bolachas *waffer*, que hoje não posso nem vê-las, de tanto que comi nessa longa jornada de internações, que ora é iniciada. A despedida, como sempre, foi dolorida.

Nesse período em que fiquei internado, ficava a maioria do tempo deitado, pensando na vida. Adoro ficar pensando na vida, em silêncio, meditando.

Embora convivesse com a morte, em nenhum momento pensei que iria morrer.

Pensava comigo mesmo: “Deus nunca me abandonou, e não é no momento mais difícil de minha vida, que Ele vai me abandonar.”

Não tenho religião. Estou mais para agnóstico do que para ateu. Acredito em um Deus, diferente do seu, fomos criados e estamos em evolução, e a solução para todos os problemas é amar a si próprio e ao próximo.

Não devemos ser radicais, criação ou evolução, sejamos ponderáveis, criação com evolução. E não devemos ser hipócritas, como muitas pessoas, que só falam em Jesus, e exploram os próprios filhos.

Temos tudo que precisamos em nós mesmos, isso é uma dádiva divina.

Os remédios não curam, mas estimulam ou inibem certas funções orgânicas, tentando fazer com que o organismo se reequilibre e se ordene, restabelecendo suas funções normais. Cada organismo responde à sua maneira perante o tratamento que lhe é imposto.

Quando agradecemos a um médico pela nossa cura, eles são unânimes:

“Agradeça ao seu organismo, que reagiu bem ao tratamento.”

Lembro-me certa vez, um domingo, havia um paciente que orava em voz alta ao som de uma música *gospel* que ecoava por todo o corredor do hospital. A “tal enfermeira”, pensando que o som vinha do meu quarto, pediu-me que o abaixasse e quando percebeu que aquela música não vinha dali, ficou com cara de bocó. Passado um instante, a música foi interrompida e acredito que, com certeza, o paciente deve ter sido espancado.

Em minha casa, quando posso, pois não tenho essa liberdade, brincadeira, me sinto um adolescente, ouço música alto. Não tão alto para mostrar para o vizinho, mas o suficiente para ouvir só a música, sem nenhum outro som ou ruído do ambiente.

Adoro quando preciso testar aparelhos de som potentes em minha oficina, pois quase *derrubo a casa*, e Cidinha não pode dizer nada, afinal de contas, estou trabalhando, são os *ossos do ofício*.

Gosto de todo tipo de música, exceto *country*, pagode (Zeca Pagodinho, eu gosto), música tipo *É o Tchan* ou aquelas músicas baianas que falam “subindo a ladeira, descendo a ladeira, eu vou” e música de Carnaval (com exceção de algumas pérolas, tipo *Máscara Negra*). Gosto desde ópera, erudita, boleros, *rock*, metaleiro, *funk*, *rap*, *soul*, *blues*, *jazz* até sertaneja (romântica e moda de viola).

A boa música é aquela onde o cantor tem uma voz inigualável acompanhada por instrumentos e um coro de vozes que se alternam ao longo de sua duração. Músicas que começam e terminam do mesmo jeito não servem.

Tornei-me amigo de um rapaz com idade em torno dos 30 anos que ficou internado no quarto em frente ao meu. Ele era coxo desde criança, por ocasião de uma queda de um cavalo e também pelo desinteresse de seus pais em encaminhá-lo ao médico. Agora, iria ter a chance de corrigir sua perna cirurgicamente.

Certa noite, deu entrada no hospital um paciente politraumatizado, que gemeu o tempo todo e morreu no dia seguinte. Quem me informou foi o rapaz que vi carregando um madeirite e imaginei que iria montar uma mesa para os quatro pacientes daquele quarto jogarem baralho.

Na verdade, o tal madeirite era para tapar o buraco que havia no colchão da cama que o politraumatizado usou na sua curta permanência e que agora, seria ocupada pelo rapaz que não desejava o mesmo fim. Estava exterminado o buraco assassino.

Se fossem jogar truco, um jogo apropriado para um quarto de hospital, talvez me despertasse uma gotinha de ânimo, pois adoro jogá-lo. É um jogo completo, exige a inteligência de um xadrez, a estratégia de um *bridge*, o preparo físico de um maratonista (observe a cinturinha dos jogadores de truco) e o silêncio de um golfe. Joguei truco na faculdade, fazia Ciências Econômicas, mas no *campus* de Biomédicas usávamos as macas das salas de aula como mesas, e também em um ônibus fretado por executivos, que nos levava diariamente de Campinas a São Paulo. Jogávamos na volta, usando uma valise entre os bancos, no corredor, como mesa, com a recomendação de não darmos murros na *mesa*, e jamais subir nela. Eu tinha um parceiro, que era gordinho, o seu apelido: *Montanha*, quando ele dava sinal de três com o ombro, o ônibus até saía da pista.

A minha pressão arterial sempre foi estável, 12 por 8. À noite os quartos eram invadidos por um grupo enorme de enfermeiras, ou estudante de enfermagem. Para cada paciente se dirigiam três delas e tomavam a

pressão, temperatura corpórea e os batimentos cardíacos. Estranhamente eu notava que a enfermeira que media minha pressão ficava maravilhada em ouvir no estetoscópio e sempre comentava com as outras duas. Cheguei a desconfiar que tinha algum *walkman* acoplado àquele estetoscópio.

Mudando de pato para ganso, tenho uma tese sobre infecção hospitalar, que dois grandes responsáveis são: 1º) as formigas, aqueles insetinhos inocentes, mas que circulam por todo hospital; 2º) as maçanetas das portas dos quartos, vejo o pessoal da limpeza, após feito o serviço, simplesmente fecham as portas com as luvas que usaram para limpar o banheiro.

Falando em formigas, aqui vai uma receita de como acabar com elas em sua casa.

Por exemplo, para acabar com as formigas no seu quarto, encere debaixo da cama, mas não lustre, deixe aquela pasta, aí então, coloque embaixo, em um dos cantos da cama, um paralelepípedo e aguarde até o dia seguinte para recolher as formigas mortas. Quando a formiga entrar debaixo da cama, ela escorregará na cera e baterá com a cabeça no paralelepípedo e logicamente morrerá.

Recordo-me quando certa madrugada fui usar o “compadre” para urinar em vez de ir até o banheiro carregando o suporte do soro. Foi um desastre total! Minha inabilidade com aquele objeto fez com que minha cama e eu nos molhássemos, e o pior: tive de dormir daquele jeito, colocando apenas um cobertor para “remendar” o estrago.

No dia seguinte, quando a enfermeira foi trocar a roupa da cama devido à minha sudorese noturna, ela comentou comigo: “Esta noite você transpirou mais do que as outras noites.” Concordei com ela e nada comentei sobre o incidente.

Penso que o acidente só ocorreu face ao diâmetro estreito da boca do “compadre”.

Compadre, papagaio ou periquito são nomes oficiais daquela vasilha de inox apropriada para os homens urinarem. O de plástico é conhecido como patinho. Todos voam, até o compadre, se chegar em casa tarde da noite! Decore estes nomes, pois não vá pedi-los como vi muita gente: “Faça-me um favor urgente, me traga aquele negócio para eu coisar o trequinho.”

Comadre é outra vasilha de inox apropriada para as mulheres urinarem, ou então para ambos os sexos lavarem as partes íntimas ou defecarem, tudo isso no próprio leito.

Eu sempre conversava com todos e sem distinção: contava piadas e histórias para as enfermeiras, a faxineira, a copeira e também aos médicos.

Nas horas vagas, também sou curandeiro, e pratico quiromancia. Uma faxineira reclamou que tinha intestino preso, então lhe passei umas dicas, ela disse-me que iria fazer.

Essa mesma faxineira estava em meu quarto limpando o banheiro, quando uma de suas colegas de trabalho trouxe-lhe uma má notícia: seu marido havia sofrido um acidente, caindo de cima do caminhão, e estava no pronto-socorro do hospital. Ela não sabia se terminava o serviço, se chorava ou se ia até o pronto-socorro. Ficou desorientada, até que sua amiga se prontificou em terminar o serviço e ela saiu correndo.

Penso eu, que antes de procurar um médico, exceto em uma emergência ou urgência, que o indivíduo deva ter o seu intestino regulado como um relojinho, indo diariamente e ficando sentado no mínimo 20 minutos no troninho, beber dois litros de água por dia e dormir tranquilamente, no mínimo, por seis horas.

Certa noite, durante o horário de visitas, notei pelo vão da porta do quarto aberta, uma moça rondando o local. Fiquei cismado, achando sua atitude suspeita (roubar meu CD ??). Até que ela se aproximou e foi logo dizendo, pausadamente: “O quarto permanece o mesmo... A cama na mesma posição...”

O sofá também... Tudo igual... Tudo igualzinho quando meu irmão morreu aqui na semana passada.” Sua morbidez foi tanta que se fosse um adolescente, uma criança ou mesmo uma pessoa sem estrutura que estivesse no meu lugar, teria sofrido danos psicológicos gravíssimos. Como sou uma pessoa tranquila quando a situação exige, acabei por consolá-la.

Soube de um caso em que o paciente ouvira os médicos comentarem que o seu estado era irreversível, embora tratasse de outro paciente, e acabara fazendo uma loucura: Cometera o suicídio, enforcando-se no cano do chuveiro do banheiro do hospital.

Do mesmo modo, outro indivíduo tentou o suicídio dessa maneira, mas acabou indo para o pronto-socorro, levando vários pontos na cabeça, o cano quebrou-se, e aquele chuveirão Lorenzetti, que tem três mil parafusos, caiu em sua cabeça.

O mais emocionante era quando queimavam lixo hospitalar e a fumaça nos brindava com aquele odor que lhe é peculiar. Abria até o apetite. Ou seria tática do hospital para reduzir os gastos com alimentação?

Brincadeiras à parte, fui muito bem tratado, não pelo fato de ser primo de uma médica. Ela inclusive era de outra área, ela é nefrologista, e nas horas vagas fazia plantão na hemodiálise e no pronto-socorro.

A comida era ótima. Uma noite me serviram bacalhoadada (não era batatada!).

Quando digo isso, minha esposa e filhos não acreditam, acham que eu estava delirando.

A comida era servida numa vasilha de inox, de diâmetro de aproximadamente 25 cm, com tampa também de inox, e dentro tinha quatro divisões. A sobremesa vinha à parte. Coincidentemente serviram sagu uns três dias seguidos, uma das sobremesas que mais aprecio. Provavelmente deve ter ocorrido um acidente com um caminhão carregado de sagu, próximo ao hospital, ou compraram por um precinho camarada!

Jantando ou almoçando, eu me recordava de quantas vezes brinquei, dizendo que comida de hospital era feita com restos de suturas. E agora, eu estava comendo a dita cuja!

Minha prima me revelou que os médicos e enfermeiros do pronto-socorro mantêm um código de sirene com as ambulâncias, viaturas de resgate e polícia. Quando a vítima está chegando ao hospital, pelos tons da sirene, eles já têm uma noção do tipo de vítima que vai chegar.

Poucas vezes eu saía do quarto; apenas para tomar sol no jardim do hospital.

E quando ia, ficava observando as formigas, aquelas responsáveis pela contaminação hospitalar, e vendo a grandiosa obra de Deus, o homem está chegando a Marte, faz clone de uma ovelha e não consegue fazer uma formiguinha.

Quando eu bebo um copo de água sinto a maravilhosa obra de Deus!

Num dia fiz ultra-sonografia, senti um pouco de cócegas.

O exame mais complexo que eu tinha feito, isso havia 20 anos, foi um tal de “esofagogastroduodenoscopia”, o exame não é tão complicado, mas o nome...!

Se não conseguir falar, leia assim: esôfago... gastro... duodenos... copia. (Não é cópia, é copia!).

Eu poderia ter tido alta antes, não fosse um deslize da enfermeira, a jararaca, pois a tomografia não funciona aos sábados e domingos, exceto para acidentados. Na sexta-feira essa enfermeira esqueceu de avisar-me que era para eu ficar em jejum desde as 9 horas, pois tinha exame às 15 horas, e sem saber acabei tomando o café da manhã, adiando o meu exame para segunda-feira, pois se fizesse a tomografia na sexta-feira, faria a biópsia à noite e no sábado voltaria para casa. Conclusão: acabei tendo alta na terça-feira, ficando mais três dias no hospital!

Nunca havia feito tomografia, fui de cadeira de rodas acompanhado por uma enfermeira, até um anexo do hospital. Chegando lá, tomei um litro de soro com iodo, no prazo de meia hora, sem poder urinar. Então me posicionei na máquina, onde permaneci por volta de uma hora e meia, já que a tomo era do corpo inteiro. Existe na máquina um microfone para você falar com o técnico que fica em outra sala, e também uma lâmpada vermelha que, enquanto ela estiver acesa, você deve prender a respiração (na UNICAMP, a máquina “fala” com você: “Prende a respiração!” Depois: “Respire normal!” E assim vai até o final). Em determinado momento, foram injetados 120 ml de contraste, senti náuseas e avisei o operador, que me forneceu um lençol onde vomitei várias vezes, só água, pois estava em jejum de seis horas. Hoje não vomitaria, pois o pessoal da UNICAMP me orientou para quando sentir náuseas na máquina de tomo, é só respirar fundo e rápido, várias vezes, que some a ânsia. Sempre fiz e deu certo. Friso que antes é aplicado o Plasil.

Muita gente associa o nome tomografia a tumor (tomo), o prefixo grego “tomo” significa “pedaço, partícula”, e a tomografia é um Raios X mais minucioso com pormenores dos órgãos. A ressonância magnética é mais usada para detectar problemas com os ossos. Minha primeira “tomo” foram três chapas, cada uma com 20 imagens, ao todo 60 imagens. O resultado do exame em si é igual a uma chapa de Raios X, só que várias “fotos” numa mesma folha.

Após a tomografia, o seu intestino fica preso, mas ingerindo fibras, bagaço de laranja, mamão com sementes, tudo volta ao normal. Não fiquei com prisão de ventre, mas quando ia sentar no troninho, só saía ar, e era tão assustador que parecia que estava passando um avião Phanton nas proximidades, um pouco mais levantaria do vaso como um foguete impulsionado! Nessa situação, abra os vidros do banheiro, pois se corre o risco de quebrá-los, devido à trepidação do ambiente, semelhante a uma implosão ou a uma detonação em pedreira.

Pedi a uma enfermeira uma mangueirinha de soro, que prontamente me atendeu, após eu me justificar que era para fazer uma experiência de química para o meu filho Gustavo. É um alambique (ou destilador), cujo

bulbo é uma lâmpada comum incandescente que a gente usa em casa, que suporta o calor do fogo e destila os líquidos.

Aqui vai uma dica: Para tirar mancha de sangue da roupa é só passar água oxigenada no local e limpar com uma gaze.

No último dia de internação, fui encaminhado para biópsia do gânglio na virilha esquerda. Sofri um pouco na hora que me depilaram (tricotomia), pois a enfermeira estava usando uma gilete cega, e eu pareço um urso, como diz essa minha prima. Não sei por que os hospitais insistem com essa coisa horrorosa... Não combina com o avanço da medicina.

O que doeu mais foram uns cortinhos em locais que não estavam anestesiados. Brinquei com o cirurgião assistido pela Dra. Ilderez, para tomar cuidado com aquele bisturi, principalmente naquela área!

Quando estava deitado na mesa do pronto-socorro fazendo a biópsia, entrou uma enfermeira na sala foi direto para mim, e perguntou: “O senhor é que é o bombeiro?” Olhei para ela e nada respondi, mas em meus olhos estava escrito um monte de alternativas para apagar um fogo.

Sempre tinha bolachas *waffer* de reserva, pois às vezes perdia o almoço ou o jantar, fazendo algum exame. Embora se eu pedisse um lanchinho, fora de hora, as enfermeiras atendiam-me, mas não queria incomodá-las.

Quando a Ilderez me visitava e me encontrava dormindo, não me acordava, mas deixava sempre um bilhete animador. Gotas de ânimo em doses homeopáticas.

No dia da alta, não vi minha prima, fui avisado antecipadamente por uma enfermeira, logo de manhã e fiquei aguardando ansiosamente até a chegada do meu motorista particular, o Daniel, que me trouxe para Sumaré. Na pressa, nem me despedi das enfermeiras, só dei um tchauzinho de longe para aquela que me arrumou cigarros, e no estacionamento me despedi do rapaz coxo, que estava ansioso, pois a sua cirurgia seria naquele dia.

Na correria acabei trazendo o aparelho de barbear, daqueles antigos, que usam a verdadeira gilete, e que a enfermaria arrumou para me barbear. Estou com ele até hoje, apropriação indébita!

No caminho, com o Daniel, conversamos sobre vários assuntos, inclusive ele me disse que comprava caixas de laranjas, espremia todas e guardava o suco no *freezer*. Foi quando eu o orientei, dizendo que a vitamina C, oriunda da laranja espremida, deve ser consumida de imediato, senão ela oxida. Não chegamos a um acordo, quando discutimos sobre o efeito da aurora boreal, no ciclo menstrual da lagartixa.

Chegando em casa, foi uma grande alegria, embora todos nós estávamos tensos, pois o resultado da biópsia sairia dentro de uma semana.

Nesse ínterim, retirei os pontos da “biópsia” no “postinho de saúde” próximo à minha casa, e ganhei da enfermeira (após meu pedido) uma seringa de vidro, aquelas que usavam antes da Aids, pois é muito útil em minha oficina, já que aplico injeções de solvente nos aparelhos, e as seringas de plástico derretem.

Após uma semana, Ilderez veio visitar-me, trazendo consigo o resultado da biópsia: *LINFOMA*.

Estávamos no quarto eu, Cidinha e Ilderez.

Perguntei-lhe tudo e ela prontamente me respondeu, com palavras de carinho, otimismo e com nervos de aço. A minha última pergunta: “Como se trata este tipo de doença?”

Foi a frase mais horrível que ouvi: “Trata-se com quimioterapia.”

Não sabia exatamente o que era quimioterapia, mas conhecia superficialmente radioterapia. Meu pai morrera de c. pois se recusara a continuar o tratamento de radioterapia, pois era muito dolorido.

Imaginava que no tratamento de quimioterapia o paciente era imerso em um tanque com solução ácida, tóxica ou radioativa, ou então aplicava por meio de injeções com essa solução, nos locais onde existia a neoplasia (este nome é mais bonito do que tumor), sendo que o paciente era amarrado, e na hora da quimioterapia, gritava, urrava e desmaiava, semelhante às celas de torturas da Idade Medieval.

Tinha perdido três vizinhos que fizeram quimioterapia na UNICAMP, um deles inclusive havia feito transplante de medula óssea halogênico. Mais tarde vim saber que ele não morreu da doença ou do transplante, simplesmente levava vida normal, cismou de arrancar uma bananeira, escorregou caiu dentro de um buraco, lesou o baço, foi internado, não resistiu e veio a morrer. Cada coisa...!

Tinha perdido recentemente uma tia, que sofrera muito com as reações da quimioterapia.

Hoje fiquei conhecendo a origem da quimioterapia. Em 1910, um bacteriologista alemão, que cuidava da esposa com sífilis, já sem mais nada para fazer e na iminência da morte dela, resolveu aplicar-lhe arsênico (veneno).

Notando que o organismo dela reagiu, passou então a aplicar outras doses, compatíveis com a reação, até que curou a sua esposa. Dizem as más línguas que o médico queria se livrar da esposa, e o tiro saiu pela culatra!

Enquanto aguardava o processo de encaminhamento para a UNICAMP, procurei um homeopata em minha cidade, que após breve consulta, me receitou uns cinco vidrinhos de medicações que diferiam entre si, mas que eram todos com “bolinhas brancas”. A orientação era para não engolir as bolinhas e simplesmente deixá-las dissolverem debaixo da língua. Dali a uns quinze dias começou uma irritação sublingual. Conclusão: Joguei todas as bolinhas no lixo.

Acredito no poder da homeopatia, mas curar ou preparar o paciente para encarar uma doença como LINFOMA creio que é muita pretensão. No estágio em que estava, era o mesmo que dar um tiro de chumbinho para derrubar um elefante. Nesse caso tem de ser alopatia (alopatia não é dar um telefonema para a sua tia!).

Sem conhecimento de minha prima, comecei, com minha esposa, a montar a logística para fazer o tratamento em Jaú, onde trabalhava o hematologista que cuidou de mim em Rio Claro. Praticamente já estava tudo combinado.

Hoje dimensiono minha estupidez. A UNICAMP fica a 25 quilômetros de minha casa, Jaú fica a 230 km. Não resistiria, face a tantas adversidades. Quando Ilderez veio me visitar, trouxe a papelada para eu dar entrada na UNICAMP. Recusei de imediato.

Ela docilmente pegou um pedaço de pau e bateu em minha cabeça, frisando que eu deveria fazer o tratamento na UNICAMP ou nos Estados Unidos, sendo que na UNICAMP seria o melhor lugar.

Uso fortes argumentos e finalmente convenceu-me.

Tive um amigo, o Chico, que apresentou a mesma doença, fez quimioterapia na UNICAMP e levava vida normal conforme me informavam. Eu queria me informar com ele como era, como deixava de ser, mas não conseguia manter contato pois quando encontrava sua esposa, ela sempre me dizia que ele estava viajando e que voltaria no próximo fim de semana.

Eu não sabia o seu telefone, apenas a rua em que morava. Tinha como cliente uma vizinha do Chico e então decidi procurar o seu telefone. Achei um tal de Francisco “não sei do quê” e liguei imediatamente, dizendo que queria falar com o Chico. Quem atendeu foi uma criança que me respondeu sem vacilar: “meu pai não está, ele morreu”. Inocentemente desliguei o telefone, com a certeza que tinha errado ao escolher aquele número. Tentei o segundo número, chamou, chamou, ninguém me atendeu. Acabei desistindo de procurar esse meu amigo que só viajava.

Passado mais de um ano, soube que ele havia morrido por problemas cardíacos, e não propriamente da nossa mesma doença. Agradeço minha esposa, e nossa amiga Rose, mencionada no início do livro, viúva desse meu amigo, por ter me poupado dessa notícia, mesmo eu sendo uma pessoa bem equilibrada, não saberia dizer que conseqüências poderiam trazer tal notícia, já que estava prestes a iniciar o tratamento.

Nesse período já não trabalhava mais na minha oficina eletrônica, fazia pequenos reparos, e apesar de Cidinha e de Daniele trabalharem, a maior renda ainda era proveniente da oficina. Começamos a depender da ajuda financeira de alguns cunhados e cestas básicas de amigos bem próximos.

A viúva de meu amigo Chico alertou-me que seria uma fase muito difícil lá na UNICAMP, onde deveria ter muita paciência.

Meus cunhados vieram visitar-me, e fizemos até um churrasco, e o Neco ficou responsável pela churrasqueira, cargo que só abri mão face ao meu desânimo.

Ficava imaginando como seria a UNICAMP. Vinha à minha mente um corredor cheio de acidentados, corpos divididos em duas macas, crianças chorando, pessoas cheias de hematomas parecendo um dálnata, velhos gemendo. Eu já não possuía forças nas pernas, não conseguia ficar muito tempo em pé e me via nesse corredor sentado naquele chão imundo forrado de sangue e secreções nauseantes.

Hoje me envergonho da maneira como eu imaginava a UNICAMP, onde recebi um tratamento de “primeiro mundo”, alicerçado com carinho, respeito e profissionalismo de todas as pessoas, desde o mais humilde faxineiro até o alto escalão médico. O desânimo dominava o meu corpo, mas a minha mente estava otimista e eu queria viver pois tinha muitos sonhos para realizar. Embora penso que quando a gente morre sempre resta alguma coisa que não deu tempo de realizar. Criei coragem e decidi ir à UNICAMP.

***Reflexão:** Era uma vez um escorpião que estava na beira de um rio, e queria passar para a outra margem, mas não sabia nadar. Então pediu auxílio a uma perereca que saltitava sobre as águas, que prontamente o atendeu. Quando estavam no meio do rio, o escorpião picou a perereca, e esta indignada perguntou-lhe: “Por que você fez isto, seu ingrato? Agora nós dois vamos morrer, eu pelo seu veneno e você por não saber nadar.” E o escorpião mais indignado ainda, respondeu-lhe: “Não sei por que fiz isto, mas foi o meu instinto que me obrigou a picar.”*

CAPÍTULO III

INÍCIO DO TRATAMENTO NA UNICAMP

(outubro de 1999)

A chefe da Cidinha, a advogada Dra. Elisabete (guardem este nome pois foi uma das poucas pessoas responsáveis por eu estar aqui escrevendo este livro) prontificou-se em nos levar com seu carro à UNICAMP, espontânea, humana e gratuitamente.

A Dra. Elisabete, é um ser humano maravilhoso, uma exceção, pois a maioria dos advogados não tem coração. *Data venia, data maxima venia.*

No dia combinado fomos nós três, sem saber exatamente o caminho. Ficamos maravilhados com aquela gigantesca área toda construída, arborizada, limpa e sinalizada. Estávamos na UNICAMP.

Procurávamos o Hemocentro, e logo encontramos. Estacionamos o carro e seguimos à pé até a recepção onde fui atendido de imediato e entreguei o meu dossiê de encaminhamento, feito pela Dr^a Ilderez. Pediram-me para aguardar pois chamar-me-iam pelo nome.

Este dossiê tinha vários papéis, inclusive a minha tomografia, mas não tive curiosidade de lê-los, não foi pelo desânimo, mas sempre fui assim, nunca tive curiosidade de ler exames de sangue ou urina, pois penso tratar de toda uma conjuntura, de termos técnicos, e aquilo que me parece normal, para o médico pode ser indício de algo grave, e vice versa.

Todos os exames laboratoriais trazem o resultado acompanhado de uma tabela com as variações normais, pois nem os médicos são capazes de memorizar tantas informações.

De que adiantaria ler meu exame de urina e perceber que o sinal de leucócitos poderia significar uma infecção? Sofreria por antecipação, visto que somente o médico resolveria o caso.

Dentro de alguns minutos fui chamado e orientaram-me como fazer cadastramento e outros protocolos administrativos.

Aqui vale ressaltar a máxima: **PACIENTE TEM QUE SER PACIENTE.**

O Hospital da UNICAMP tem no piso faixas coloridas de orientação. E somos orientados para ir, por exemplo, no raio X, seguindo a faixa verde. E vamos que nem cachorro perdigueiro, menina tímida ou detetive, olhando para o chão seguindo a faixa verde, com risco de dar topadas em pessoas, macas e paredes. Na primeira vez, seguimos a faixa até o final e ficamos com um enorme ponto de interrogação no rosto: -Cadê o Raio X? Ele é invisível mesmo hein!?

Então descobrimos que no trajeto pela faixa verde, existe uma porta que dá acesso ao Raio X. Simples não!?

O Hemocentro é um prédio de três andares, distante uns 200 metros do Hospital e do Pronto-socorro, com uma área externa cheia de bancos de madeira, e uma área interna com ar-condicionado, televisão ou música, poltronas estofadas, sanitários, água, máquina de refrigerantes e lanchonete.

A Dra. Elisabete, a partir de agora será chamada de amiga Elisabete. Apesar dos seus diversos compromissos profissionais ela sempre se mostrou muito prestativa, pois chegamos à UNICAMP por volta das oito horas e só fui liberado às 13 horas aproximadamente.

Enquanto aguardava o chamado da recepção, Cidinha prontificou-se e foi até a lanchonete trazendo-me pães de queijo e café com leite. Uma hora mais tarde, chamaram-me para coletar sangue para o famoso “Hemograma”. Fiquei impressionado com a habilidade, a atenção e o carinho das enfermeiras.

O sangue coletado para o hemograma é o sangue “venoso” (das veias) e tem coloração vermelho escuro, pois é um sangue “sujo” contendo impurezas e gás carbônico, diferente do sangue arterial (das artérias) que é o sangue “limpo” de coloração vermelho-vivo (escarlate) e contém oxigênio. Por isso não vá se impressionar com a cor do seu sangue!

Comentei sobre minha magreza, e elas docilmente me confortaram dizendo que tinham visto pessoas normais que chegaram a pesar 25 kg e que hoje estavam curadas. Depois de liberado, aguardei quase duas horas para ser consultado.

Eu e Cidinha entramos em uma sala e fomos recebidos pela Dra. Fabíola.

Fiquei boquiaberto quando ela nos disse que era médica. Tinha aproximadamente uns 25 anos, quase a idade de minha filha mais velha, Daniele, e apresentava um rosto de menina embora sua estatura fosse elevada. Era interrompida a todo instante por jovens solicitando sua orientação que eram prontamente atendidos até o momento que solicitou ao Dr. Hélio que nos atendesse, visto que a primeira consulta era quase que especificamente para preencher formulários, ou seja a famosa ANAMNESE. Falando “anamnese”, pareço que estou comendo mingau de aveia pastoso e grudento.

Ele me fez várias perguntas, às quais respondi detalhadamente. Examinou-me e apalpou-me os gânglios dizendo que esse tipo de doença era curável, mas que dependia de uma série de fatores, dos quais nada comentou. Solicitou-me a lâmina da biópsia feita em Rio Claro para determinar o tipo de LINFOMA: HODGKIN ou NÃO HODGKIN.

Foi a única vez que ouvi na UNICAMP um médico pronunciar a palavra câncer.

Não critico sua postura. Para muitos médicos, é uma palavra comum que faz parte da rotina médica.

Após essa consulta, nunca mais o vi.

Agendei retorno para a semana seguinte e a amiga Elisabete nos trouxe de volta para casa.

Sempre que ela nos trazia até em casa, pedia-lhe a fineza de parar o carro com o lado da porta que eu estava coincidindo com a entrada da minha casa, pois não sendo assim, sem forças nas pernas, teria de ficar apoiando em seu carro para dar a volta até Cidinha amparar-me.

A partir daí, comecei a mudar minha opinião sobre a UNICAMP, embora eu ainda estivesse receoso em ser atendido por médicos tão jovens e rostos angelicais.

Imediatamente entrei em contato com Ilderez para providenciar-me a lâmina que chegou dali a três dias pelas mãos do meu amigo e motorista particular, o Daniel, o galã de Rio Claro.

Essas brincadeiras que faço com Daniel são a forma de expressar a minha gratidão pela sua ajuda. O que não deixa de ser verdade, pois quando ele sai pelas ruas de Rio Claro, as mães das jovens recolhem-nas para dentro de casa e trancam o portão.

Nessa época, eu tive alteração de paladar e somente depois os médicos informaram-me que também era um dos sintomas da doença (LINFOMA).

Com isso, eu não conseguia comer ou beber nada que fosse salgado, pois tinha um gosto amargo, igual ao fel, embora nunca o tenha experimentado. Então passei a alimentar-me somente de frutas e doces, emagrecendo cada vez mais.

Às vezes, por imposição da Cidinha – que trazia na mão um pedaço de pau – bebia um copo de sopa de feijão ou caldo de feijão batido no liquidificador, era um “bean shake”, o qual era bebido em goladas rápidas e os dentes escovados logo depois para não ficar com aquele gosto amargo na boca. Ou bebia ou a cabeça doía.

Lembro-me como se fosse hoje, minhas filhas querendo agradar-me fizeram um “strogonoff” caprichado, e tão logo coloquei a primeira garfada na boca, uma angústia tomou conta de mim, cheguei a ficar com os olhos rasos de água, decepcionado, levantei-me e fui chorar no banheiro. Eu não podia comer aquele prato que minhas filhas tinham feito com tanto amor, meu paladar sentia um extremo amargor. Logicamente, elas entenderam. Propuseram-se a fazer um “yakisoba”, que eu carinhosamente impedi. O carinho delas era mais importante nessa hora do que meus pratos preferidos!

Essa determinação da Cidinha em obrigar-me a fazer as coisas predominou em todo o meu tratamento e como estava debilitado e tinha medo de apanhar, isso contribuiu sobremaneira para minha cura. Minha mulher é nota 10!

Recebi a visita de uma evangélica desconhecida e despreparada, pois dizia que soube que eu estava com câncer e veio convidar-me para assistir “não sei o que” em seu templo. Nada comentei. Usei o livre-arbítrio e não fui. Digo despreparada, pois usou a palavra “câncer”.

Nas três semanas seguintes, voltei à UNICAMP e tive oportunidade de conhecer pacientes que moravam em Sumaré e que me ofereciam carona. Embora eu tivesse carro, não tinha disposição para dirigir; minhas pernas estavam muito fracas.

Conheci um sistema de transporte da Prefeitura de Sumaré que era o mais cômodo, pois buscava-nos em casa e levava-nos direto ao Hemocentro, mas que rodava por uma hora na periferia da cidade, “catando” outros pacientes, melhores e piores do que eu. Nessas viagens conheci bairros que nem sabia que existiam, isso porque moro aqui há 20 anos. Conheci outros meios de transportes, ônibus intermunicipais comuns e executivos com ar-condicionado e peruas van (lotação) que considero ser a pior, pois tinha capacidade para 12 pessoas e carregavam 120, e nós pacientes éramos os que mais sofriam, pois tínhamos locais no corpo que estavam doloridos por vários motivos.

A melhor opção continuou sendo a perua da Prefeitura.

Aproveito para agradecer a ajuda do Sr. Milton e dos motoristas Osmar e Bola Sete, este último inclusive quando lhe perguntei o seu nome disse que chamavam-no de Bola Sete, mas não sabia o por que desse apelido.

Ficava indignado ao ver a perua buscar pacientes que usavam cadeiras de rodas, em ruas de terra e esburacadas. E quando chovia então!

Aqui cabe lembrar o pessoal que usa transportes coletivos, que abram os vidros, mesmo com chuva fina, aquele vento gelado que desmancha penteados não é nocivo se comparado àquele ar viciado, onde se mistura bafo, chulé, pum, suor e perfumes enjoativos.

Certa vez, num ônibus com ar-condicionado, fomos surpreendidos por um idoso com ataque de claustrofobia. Acabou seguindo viagem ao lado do motorista.

Enquanto aguardávamos nos banquinhos do Hemocentro, éramos agraciados por um barulho ensurdecedor de um cortador de grama e sua máquina maravilhosa. Todos queriam saber o nome da mãe dele.

Sentado ou deitado naqueles bancos de madeira, via-se e ouvia-se de tudo, cheguei até sorrir quando alguém dizia, em voz alta, que água de enxurrada causava Ratospirose (o correto é Leptospirose). Ouvi alguém falar sobre mel de flor de calípi, e ser corrigida asperamente por sua companheira: “Seu ignorante! não é calípi que se fala, é EUCALÍPI” (o correto é eucalipto). Coisas do Brasil varonil.

Tinha umas velhinhas que ficavam disputando quem possuía mais sintomas. Na última disputa ganhou uma que tinha septicemia, dupla, irreversível, generalizada, cancerígena, crônica, supurada, incurável, terminal e maligna.

Tínhamos à nossa disposição várias cadeiras de rodas que ficavam em um estacionamento dentro do Hemocentro e após o uso poderíamos deixá-las em qualquer lugar, mas, por educação, sempre devolvíamos no local em que as pegávamos.

Sempre que usava os banheiros públicos do hospital lavava as mãos antes e depois, e tinha aversão em tocar em suas maçanetas.

Nessas três semanas, fiz exames como Raios X, fezes, urina, sangue, ultra-sonografia, cintilografia e tomografia.

Sempre que fazia ultra-sonografia, o técnico ou o médico me cutucavam onde sentia cócegas, pelo menos uma vez e de sopetão. Aí eu dava um pulo e um sorriso e eles, também. Cheguei a pensar que isso era proposital, uma brincadeira para descontraí-me, já que estava magrinho, olhinhos caídos e sem ânimo.

A cintilografia é um exame mais demorado, mas com a vantagem de podermos dormir “na máquina”. Um exame de corpo inteiro demora mais ou menos uma hora e meia.

O primeiro passo (depois de aguardar três horas na fila), é a aplicação de uma injeção indolor, de um elemento radioativo chamado Gálio. Os médicos informaram-me que o Gálio é mais sensível ao LINFOMA. Após a injeção, somos liberados, devendo voltar em dois dias.

Eu imaginava que tomando esse elemento radioativo, iria ficar todo iluminado por dentro e no escuro pareceria uma árvore de Natal! Faria o maior sucesso com minha netinha Jéssica. Conteí essa brincadeira para algumas pessoas e elas acreditaram, não porque são bobinhas, mas porque tudo que falo é verdade.

Certa vez, estava nadando em um rio lá no Mato Grosso, quando fui atacado por uma sucuri de uns 15 metros. Ela enrolou-se em meu corpo, ficando cara a cara comigo. Fitou meus olhos e como um raio, com os dois dedos da mão em forma de “V”, o indicador e o médio, eu cutuquei os olhos da sucuri com força. Ela pôs as mãozinhas no rosto e fugiu choramingando! Voltemos ao exame de cintilografia. Deitado na maca, sem nada de metal, relógio, cinto, anel, soco inglês, armadura etc., a técnica começou a conversar comigo:

Ela: Onde você mora?

Eu: Em Sumaré.

Ela: Que coincidência, eu também. Em que bairro?

Eu: No João Paulo II.

Ela: Que incrível, eu também.

Só faltava ela dizer que morava na minha casa, e eu não sabia.

Conclusão: Saímos do exame as 18h30m e ela nos ofereceu carona para as 19 horas, que prontamente aceitamos. Uma carioca, bióloga, pessoa finíssima, que nos trouxe até em casa.

Nesse dia fiquei na máquina durante uma hora e meia, na primeira sessão.

Precisei retornar por mais 20 minutos, pois uma das imagens não ficara boa.

Ela ofereceu-nos carona sempre que precisássemos, tanto para ir à UNICAMP como para nos levar para casa. Como ela entrava na Medicina Nuclear após o almoço, e tínhamos de estar no Hemocentro no máximo até as oito horas, nunca fomos com ela, mas quando ficávamos até às 19 horas, na UNICAMP, eu fazendo exames ou tomando quimioterapia, ligávamos em seu setor e prontamente nos atendia, dando carona até nossa casa.

Tive de retornar em dois dias, para checagem rápida de algumas manchas presentes no exame.

Nesse exame, deita-se numa espécie de maca onde a máquina vai girando em volta de seu corpo, como se fosse um planeta girando em torno do sol, e o técnico vai visualizando o corpo do paciente em um monitor de computador.

As manchas que aparecem, por exemplo, nos intestinos, devem ser checadas posteriormente com outra imagem do mesmo local do corpo. Se a mancha locomoveu-se, é normal, é um processo natural do corpo humano, porém se ela se manteve no mesmo local é anormal, e provavelmente, é um tumor, ou melhor, uma neoplasia, o que soa melhor.

Se você falar que tem um tumor, todos se afastam de você, com medo de ser contagioso, mas se você falar que tem uma neoplasia, chegam até a pedir autógrafa!

Certa vez, enquanto a maca era posicionada na máquina, na qual existe um motor próprio para isso, senti algo me puxando por baixo, e apertando o cinto da maca que estava na minha cintura, logo pensei que seria esmagado, mas alertei a técnica que me salvou, em tempo.

O gálio é expelido pelas fezes, então é recomendável a ingestão de muitas fibras.

O local da tomo é frio, mas o da cintilo ganha, é uma réplica da Sibéria, a sala tem ar-condicionado no frio máximo e para ajudar tem um ventilador enorme, parece uma jaula de leão, que faz aquele ar gelado circular, é tão frio, que se você cuspir vira uma pedrinha de gelo antes de cair no chão!

Por isso, evite usar camisas com botões metálicos, pois terá de tirá-la na hora do exame, e mesmo que o cubram, passará mais frio.

E jamais esquecer de levar uma blusa.

Mas nem por isso vá beber conhaque, *vodka* ou vinho quente!

Sempre que faço cintilo vou até as minhas cachorras, puxo as suas caminhas e falo: “Sai, sai, que hoje eu vou para a UNICAMP de blusa!!!”

Tinha muitas dores nas articulações e teria de ficar com as duas mãos na cabeça, o que era impossível para mim. Conversei com a técnica e fiquei com as mãos e braços soltos, porém fora do raio de ação da máquina. Conversando a gente se entende.

Notei que a máquina dava dois giros (360 graus), e usava o teto ou uma lâmpada como referência, e sabia mais ou menos quando o exame estava chegando ao fim.

Depois da cintilografia vem a tomografia.

Era a segunda tomografia que eu fazia, já que tinha feito uma em Rio Claro. A diferença foi que o enfermeiro que me atendeu também me instruiu para não sentir náuseas na hora do exame: respirar bem fundo várias vezes seguidas, até passar o mal-estar. O único inconveniente é não poder fazer xixi a partir do momento em que começamos a beber um litro de soro com iodo (não é iodo cromo) até sair da máquina.

Mas na hora que somos liberados, NÃO DÁ PRA SEGURAR. “EXPLODE XIXIZÃO!”

Eu já fiz tantas tomografias (atualmente umas dez), que tomo soro com iodo tal qual cerveja. A primeira foi ruim, mas agora são deliciosas. De vez em quando, vou até o hospital e peço para uma enfermeira amiga, um frasco com soro e iodo, e venho tomando pelo caminho. (Eu já tomei tanto soro com iodo, que devo estar imune ao bócio.)

O exame de tomografia é demorado, pois os acidentados têm prioridade. Nada mais compreensível. Há um dia da semana, se eu não me engano, às terças-feiras, em que as salas também são usadas para anestesia, o que congestiona o setor. Sem contar que a tomografia que normalmente faço é ainda mais demorada (regiões abdominal e pélvica) e são realizadas apenas quatro por dia.

Uma dica: Caso tenha de ficar em jejum por seis horas, faça uma refeição ou um café reforçado alguns minutos antes de iniciar o período de jejum, mesmo que seja de madrugada e tenha de colocar o relógio para despertar, é melhor do que passar mal, caso o seu exame seja adiado para depois de uma ou duas horas.

Fique atento ao tempo dos jejuns, são diferentes para hemograma (livre, exceto alimentos gordurosos tipo leite, manteiga etc., no meu caso), ultra-sonografia (dez horas, no meu caso) e tomografia (seis horas, no meu caso).

Na minha cintilografia não exigiram jejum.

Normalmente os medicamentos devem ser tomados com pouquíssima água, durante o período de jejum. Pergunte antes, pois existem jejuns em que não se pode nem beber água.

Fiquei sabendo que, quando os médicos ainda não conheciam essa doença, o Linfoma, o paciente era tratado como portador de tuberculose e, conseqüentemente, acabava morrendo.

Nesse período, muitas pessoas tinham receios de adentrarem em minha casa, temendo que eu possuísse algo contagioso. Buuuuuuu!

Continuei indo ao médico uma vez por semana e fiz coleta de material ósseo “da bacia”, o tal de mielograma, e foi a dor mais terrível que já senti! Lembro-me como se fosse hoje, afinal a primeira vez a gente nunca esquece. A dor é infinitamente maior se comparada a dar à luz a um porco espinho na transversal, sem anestesia! Seriadamente falando, é indescritível, talvez uma facada em uma víscera cause uma dor semelhante.

O exame foi feito pela competente Dra. Fabíola, que chegou a dizer-me que eu poderia chorar pois não seria vergonha nenhuma. Não foi necessário anestesia pois sentiria apenas uma dor e não iria adiantar. Deitei-me de lado e uma agulha grossa é introduzida até o osso da bacia; dentro dessa agulha é colocada uma espécie de “broquinha” na qual a médica gira para raspar o osso e coletar o material. Mesmo sendo rápida, a dor é insuportável e cheguei a urrar, literalmente urrar, enquanto mordida um lenço, quase travando os dentes.

O local ficou levemente dolorido por uns 15 dias mas psicologicamente fiquei traumatizado e felizmente esse exame não foi repetido durante todo o meu tratamento, mas se tivesse de fazê-lo novamente, não teria coragem e não sei como faria.

Lembrei-me de um documentário que assisti, onde uma criancinha, da Somália, igual a milhões de esqueletinhos barrigudinhos, tomava uma injeção e a médica comentava: “Esta injeção é demais dolorida, mas a criança está tão debilitada que não tem forças nem para chorar.”

No próximo retorno, fiz outro exame dolorido, mas não chegava nem aos pés desse que acabei de mencionar. Foi feito por uma senhora médica professora, Dra. Irene, e foi preciso depilarem-me a virilha com gilete (pareço-me com o Tony Ramos embora eu seja mais bonito que ele), pois a doutora foi categórica: “Deste jeito não dá, com tantos pêlos assim é impossível fazer o exame.” Depois de depilada minha virilha, a médica furou um dos gânglios e coletou o material.

Senti uma dor mais suportável. Embora os homens sejam todos chorões, eu não posso dizer que sou exceção.

Só iniciei o tratamento após o diagnóstico concreto, foram aproximadamente 40 dias de intensa pesquisa, antes disso, mesmo eu implorando, não me receitaram nada, nem uma pequena aspirina. Esse ponto é muito

importante, é nesse exato momento que o paciente desanima. Então familiares de pacientes, arregacem as mangas e mãos à obra, mutirão!

Na consulta seguinte, após esse período de exames, tomei duas bolsas de sangue, mas antes tive de ser medicado com dipirona, pois estava com febre, o que me levou a transpirar muito e encharcar toda a roupa. Sorte minha que tinha levado outra muda de roupa.

Imediatamente, ao ser notificado que iria fazer uma transfusão de sangue e tomaria duas bolsas, passou pela minha cabeça, como a de qualquer outro mortal, contaminação de sangue, Aids, e os testemunhas-de-jeová que são contra, pois comparam-na ao canibalismo. Como também, são contrários aos transplantes de órgãos.

Na cadeira ao meu lado estava uma menina de 15 anos que fazia uma “químio” de várias horas, desde os quatro anos de idade, de três em três meses. O seu semblante tinha uma alegria contagiante. Onze anos fazendo isso... Já parou pra pensar?

Voltei para casa, dormi, e no dia seguinte foi a primeira alegria que tivemos pois nesse longo período da minha doença eu não tive sudorese noturna; acordei sequinho, nem acreditava, chamei meus filhos para verem e de repente somente senti que meu rosto estava molhado: eu estava chorando de emoção!

Minha confiança naquela “meninada” da UNICAMP crescia cada noite, pois nunca mais tive sudorese noturna, suponho que era devido à anemia.

A alegria persistiu, mesmo eu ficando todo amarelo, até os olhos ficaram, parecia um jamaicano, ou Hulk na terceira-idade, ou seja, maduro. Devido à transfusão de sangue, fiquei com icterícia. Mas nada sério, rapidamente, os médicos resolveram e voltei ao meu moreno claro normal.

Todo retorno ao Hemocentro, era um ritual:

8 horas – Chegada à recepção e entrega da documentação referente à minha consulta. Minha pasta já estava sobre o balcão (face ao agendamento anterior), recebia uma senha (uma bolacha de acrílico com um número).

9 horas – Sou chamado pelo nome (não pelo número da bolacha de acrílico) por intermédio do sistema de alto-falantes. Às vezes era difícil ouvir, porque ficavam umas matracas tagarelando em voz alta. Ia até o local onde colhem o sangue, entregava a senha que era colocada em um saquinho plástico cheio de vidrinhos (mais ou menos uns sete) e como já estava cadastrado, as etiquetas eram impressas e coladas nesses vidrinhos. Entregavam-me o saquinho e em questão de minutos o sangue era colhido com muito cuidado e carinho pela simpática equipe. Passados os cinco minutos de espera, eu ia para a galeeira! Lanchava e voltava para aguardar a consulta.

E o ritual prosseguia:

11 horas – Era examinado durante uns 20 minutos (isso quando não havia nada especial para ser feito) pesavam-me e era feito o cálculo da “químio”, pois a “dose do veneno” é de acordo com o peso e a altura (tem a sua lógica, pois um indivíduo de dois metros de altura, pesando 150 kg, suporta mais veneno do que um de 1,50 m, pesando 60 kg). O meu hemograma já estava no sistema de computadores, imprimiam e entregavam-me. Era encaminhado para a quimioterapia.

11h30 – Entrava na recepção do 2º. andar e aguardava ser chamado para tomar a “químio”. Enquanto isso, a Cidinha descia para agendar o próximo retorno, deixava minha pasta na recepção e retornava com o papel carimbado “AGENDADO”. No início, a pasta era pequenininha; passados uns meses, já eram duas pastas.

12h30 – Já no setor da “químio”, sentava-me na cadeira própria, e começava a tomá-la, por via endovenosa (ou seja, direto na veia), normalmente nas costas da mão. Quando estava muito frio, o sangue parecia congelar e as enfermeiras davam “uns tapinhas” e às vezes, uns tapões, para as veias aparecerem. A cadeira é confortável, tem um apoio para deixarmos as pernas esticadas, e tudo isso ao som da minha rádio preferida.

14h30 – Ufa! Término da “químio”. Voltávamos para casa.

Esses horários às vezes eram esticados devido ao movimento de pacientes e a outros contratemplos, pois já cheguei a sair às 17 h da quimioterapia e 21 h do hospital.

Na consulta seguinte, receitaram-me uns seis remédios, caríssimos. Alguns comprei na própria UNICAMP, por intermédio da Assistente Social..

Os remédios eram:

ACYCLOVIR 400 mg 2x/dia, custo mensal

= R\$ 56,00 (R\$ 800,00)

FLUCONAZOL 100 mg 2x/dia, custo mensal

= R\$ 45,00 (R\$ 900,00)

CIPROFLOXACIN 250 mg 2x/dia, custo mensal

= R\$ 25,00 (R\$ 150,00)

CEFALEXINA 500 mg 4x/dia, custo mensal

= R\$ 80,00 (R\$ 145,00)

RANITIDINA 150 mg 2x/dia, custo mensal

= R\$ 8,00 (R\$ 36,00)

PREDINISONA – fornecido gratuitamente pela UNICAMP

TOTAL => Custo mensal R\$ 214,00–TOTAL (R\$ 2.031,00).

Esse era o valor que eu gastava por mês, só de medicamentos, nas farmácias de manipulação. O valor em parênteses é o preço nas farmácias comuns.

Você quer saber se alguém está alcoolizado? Em vez de usar bafômetro ou mandá-lo fazer um quatro, é muito mais simples mandá-lo falar:

CIPROFLOXACIN (o “x” se pronuncia “cs” como em “fixar”). Os médicos e enfermeiros são espertos... Abreviam ciprofloxacina e falam simplesmente cipro.

Se você for a uma farmácia e pedir uma caixa de Fluconazol, pagará R\$ 15,00 e receberá uma caixinha de mais ou menos 8cm x 5 cm x 1 cm, e pensará: “Não é tão caro assim!”

Mas a surpresa virá quando você abrir a caixinha e constatar que há somente um comprimido dentro. De imediato irá pensar que foi enganado pelo farmacêutico, mas antes de ir até a farmácia ou PROCON, se você ler na caixinha, encontrará escrito: “CONTÉM UM COMPRIMIDO.” Aí você muda de opinião e acha muito caro, já que tem de tomar 60 comprimidos por mês!

Conseguia remédios de várias formas:

- Amigos que tinham terminado tratamento semelhante ao meu e ainda tinham em estoque e me doavam;
- Pacientes que eram companheiros “do mesmo barco”, conseguiam remédios para eles gratuitamente e dividiam com os demais. Inclusive, uma amiga da UNICAMP, de São José dos Campos, me forneceu vários deles;
- Comprava diretamente na UNICAMP ou na mesma farmácia que encaminhava a ela com desconto de 30%;
- Comprava em Sumaré, numa farmácia, onde conseguia grandes descontos, às vezes até 100%;
- A Marilena, minha vizinha, conseguia muitos remédios gratuitamente;
- Entrei num consórcio do Fluconazol, pagava-se em 50 meses, e tirava-se dois comprimidos, por mês, um por lance e outro por sorteio. Tinha uma cláusula contratual que proibia que eu morresse dentro do período de 50 meses!

Quando ficava internado, não tinha gastos com remédios, inclusive passava a tomar conforme os horários do hospital.

Não tive problemas do tipo reação ou efeito colateral, porque sempre os tomava com o “estômago cheio”.

Um amigo, querendo me ajudar, pediu-me uma cópia de minha receita. Acredito que ele deve ter assaltado algum posto de saúde pois me enviou, via Sedex, uma caixa cheia de remédios, dos quais eu precisava somente um, mas só um mesmo, foi um comprimido do “famoso” Fluconazol, sendo que os demais não

tinham nada a ver. Mandou-me remédio para emagrecimento, (pode um negócio deste?), remédio para vaginite etc. Mas o que valeu foi a intenção!

Afinal de contas, o inferno está cheio de pessoas bem intencionadas! Quando ele ler esse texto, saberá que o vilão é ele próprio.

Dra. Daniela receitou-me um remédio que milagrosamente eliminou minha febre, mas devido a doença em si, tive outras febres que relatarei mais a frente.

Aquela febre que me acompanhou durante meses, 20 horas por dia, estava aniquilada. Foi a partir daí que passei a confiar plenamente na equipe da UNICAMP.

Mesmo sendo um hospital-escola, em nenhum momento senti-me como uma cobaia. Sempre me trataram com amor, e acima de tudo, como ser humano.

De repente, o paladar e o apetite voltaram ao normal após ficar quase um mês sem comer nada exatamente salgado. Eu mais parecia um esfomeado, minhas refeições eram duplas, com intervalo de duas horas:

8 h – café da manhã;
10 h – 1º. almoço;
12 h – 2º. almoço;
14 h – café da tarde;
16 h – café da tarde;
18 h – 1º. jantar;
20 h – 2º. jantar;
22 h – café da noite.

E entre uma refeição e outra, comia uma melancia e bebia um copo de água.

Não conseguia esperar cinco minutos pela comida que estava no fogão, ia devorando tudo, parecia um Gremlin's. Às vezes, não esperava nem fritar o bife, ou o arroz ficar pronto e acabava cozinhando dois ovos no microondas e comia só com feijão. A fome era tanta que me sentia péssimo, como se houvesse um ser alienígena em meu estômago, devorando-o. Se demorasse um pouco mais a comer acho que meu estômago comeria meus pulmões. Depois dessa loucura toda, comecei a ganhar peso; também pudera, só não engordaria se tivesse uma solitária do tamanho de um dragão! Mesmo assim, aparentava estar magro, pois minha silhueta era de um esqueleto.

Algumas vezes perguntavam-me qual era minha doença, e dizendo Linfoma não Hodgkin, a pessoa leiga entendia “Linfoma no ‘rodin’...”, e muitas vezes perguntava-me: “Onde fica o ‘rodin’? É um órgão?” Sem contar que tinha uns “fenômenos” que entravam na conversa, e diziam que o ‘rodin’ ficava do lado do baço direito. É mole!? O bom de ficar doente é que a gente dá muitas risadas.

Uma dica: Anote suas dúvidas em um papel, para não esquecer de falar para o médico na hora da consulta.

Com a confiança lá em cima, fui para minha primeira quimioterapia temendo, como todo mundo, as famosas reações.

Mais isso é assunto para o próximo capítulo, não percam, amanhã no mesmo linfo-canal e no mesmo linfo-horário.

Segura que lá vem história...

O técnico em eletrônica foi até a casa de uma velhinha retirar uma televisão para consertar. Na entrada da casa havia uma selva e não um jardim, e no caminho até a porta da casa tinha um gramado, com plantinhas nas laterais e árvores fechando em cima, fazendo um túnel.

Enquanto o técnico saía com a televisão, a velhinha ficou dentro de casa, mas ela ficava de tempo em tempo alertando o rapaz: “Cuidado com o Nascimento!”

E o técnico foi indo no meio da selva, tranquilo, procurando um cachorro, um gato, e até à rua passava um bom tempo no meio da selva.

E a velhinha gritava lá de dentro da casa:

“Cuidado com o Nascimento!”

De repente, o técnico tropeça, cai no meio daquele mato com televisão e tudo, e vê que acabara de tropeçar em um jaboti.

E a velhinha indignada grita:

“Eu avisei, cuidado com o Nascimento!!!”

Por isso é que o meu jaboti, que odeeeeia ser chamado de tartaruga, chama-se Nascimento.

Reflexão: *Era uma vez um rei que foi atingido por uma flecha envenenada, mas quando seus súditos resolveram retirar a seta e curar a ferida, o rei ordenou que, antes disto, lhe informassem quem atirou a flecha. Se era homem ou mulher? Se era adulto ou criança? Se era rico ou pobre? Qual o tamanho do arco? Do que era feito o arco, a corda do arco, a flecha e a seta? De que ave eram as penas da flecha? Enquanto os súditos iam respondendo às perguntas, algumas de imediato, outras após investigação, o veneno foi circulando pelo corpo do rei que acabou morrendo.*

(Doutrina de Buda)

CAPÍTULO IV

INTERNAÇÃO DE EMERGÊNCIA

(novembro de 1999)

No Setor de Quimioterapia do Hemocentro sentei-me numa cadeira confortável e a quimioterapia foi iniciada em uma das veias da minha mão, sem maiores traumas.

As enfermeiras e todo o pessoal foram muito carinhosos, atenciosos e profissionais, afinal de contas, eles ganham muito bem, não têm contas para pagar, não têm chefe que fica aporrinhando etc. (brincadeirahein!).

Chegando em casa, por volta das 14 h, a ansiedade era enorme em todos nós.

Minha quiriida sogra tinha vindo dar uma força para a filhona Cidinha e para mim também. Fazia uma gemada especial, todas as manhãs, para eu tomar. Eu tomei tanta gemada que quando batia os braços já levantava uns dez centímetros do chão, e mais um pouco estaria voando!

Por volta das 21 horas, deitado em meu quarto, na minha caminha, minha filha Daniele entrou e acendeu a luz, e confundi-a com a Patrícia. Eu não havia bebido. Aliás, nunca fui de beber, somente de vez em quando e em minha casa, só algumas cervejas e na época de verão, pois bebo só para matar a sede e com a doença parei totalmente. Atualmente bebo cerveja sem álcool e durante o tratamento cheguei a beber algumas delas. O gosto é o mesmo e os médicos liberaram viu?

A minha urina estava avermelhada, com aspecto de refrigerante de cola.

Comecei a falar umas abobrinhas. Pelo fato de possuir uma oficina eletrônica eu dizia que iria jogar fora os aparelhos não retirados pelos clientes; queria tomar remédios novamente alegando que a Cidinha se esquecera de me dá-los, pois em casa ela era a minha enfermeira, e os remédios eram tomados rigorosamente no horário.

Nesse momento, ela estava na vizinha colocando as fofocas em dia: o rapaz da esquina que saiu com a mulher da lojinha de R\$ 1,99, e a filha dela... Pô, você está interessado na minha história ou nas fofocas?

Retifico os últimos parágrafos, só hoje pois, na verdade isso era o que eu imaginava... Na realidade, a minha esposa estava no seu emprego e eram duas horas da tarde. Dá para se notar o meu estado de alucinação e confusão mental, isto inclusive foi anotado no meu prontuário, como meu quadro de entrada. E mais para a frente, quando algum médico ou funcionário lia o meu prontuário, ficavam me olhando de rabo de olho e temeroso.

Não sei por que cargas d'água pedi à minha sogra para ajudar-me a trocar de roupas.

Minha sogra, Dona Maria, é um anjo, de asinhas brancas e auréola, sem piada.

Minhas filhas chamaram Cidinha, fizeram-lhe o relato do que estava acontecendo e ela achou tudo muito estranho, pois eu não ficava sem camisa diante de alguém (apenas ela), face à minha magreza esquelética. Minha esposa chegou e viu que eu não estava bem. Disse-me que eu estava falando mole, e eu retruquei:

“Eu tô falando mole? Você é que parece o Pato Donald falando!”

Imediatamente, telefonou para a Dra. Daniela, que estava de plantão, que orientou-a a me levar imediatamente ao Pronto-socorro. Ela chamou a Dra. Elisabete que, às pressas, levou-me para a UNICAMP.

Desde a entrada de minha filha no quarto e até uma semana depois, lembro-me apenas de alguns “flashes” que com a narrativa de meus familiares eu concludo algumas coisas e graças à minha inteligência, eu suponho, há! há! há!, (como é difícil digitar esses três há!), quatro agora, sempre fui (e sou) espontâneo e brincalhão, apesar de ter meus momentos de fúria, onde fico vociferando e babando.

Eu estava quase inconsciente e fui falando abobrinhas e repetindo as mesmas frases, várias vezes, tal qual um bêbado.

Lembro-me que falava para a sua filha Gabriela que se eu tomasse sol, devido à quimioterapia, eu ficaria da cor da berinjela, eternamente.

Falava que tinha um programa na Rádio Bandeirantes, às sextas feiras, que era um fórum de discussão sobre assuntos advocatícios, e blá, blá, blá.

Sorte minha que até o pronto-socorro são apenas uns 20 minutos. Caso contrário, acredito que teriam me amordaçado.

Chegando ao pronto-socorro, fui transportado de cadeira de rodas até uma maca, fiz alguns exames e fiquei no “estacionamento de doentes” aguardando a internação em um quarto.

Lembro-me vagamente que, quando estava sobre a maca, via as pessoas passando e, de repente, uma médica desconhecida levou-me de maca até um quatinho que mais parecia um arquivo morto de tantos móveis e pastas empilhados. Talvez estivesse delirando, mas não vi nenhum jacaré azul nas paredes. Nesse local, ela enfiou-me uma agulha gigantesca na base da espinha, mas não me lembro de ter sentido dor, apenas de ter lhe pedido a agulha, o que, certamente, jamais faria. Dar-me aquela agulha no estado que eu estava, era o mesmo que dar um revólver carregado na mão de um chimpanzé. Depois disso, apaguei. BLACK-OUT TOTAL.

Acordei em um leito da Hematologia, carinhosamente chamada de HEMATO, após quatro dias de apagação total.

Tão logo acordei, bem cedinho, muito grogue ainda, senti a falta da Cidinha, e entrei em desespero. Pedi encarecidamente às enfermeiras que telefonassem para minha casa pedindo para alguém me visitar, pois estava apavorado. Não dava para esperar o horário de visitas, que seria às 14 horas. E isso acabou gerando um mal-entendido, pois a UNICAMP telefonou procurando pela Cidinha e dizendo tratar-se de um assunto urgente. Cidinha estava trabalhando e meu genro, o Lai, passou o recado para a Daniele que entrou em pânico. Finalmente, Cidinha recebeu o recado e minha família foi visitar-me antes do horário. Com essa história, quase ateei fogo no hospital.

Nesse período de total inconsciência, minha filha Patrícia estava grávida e trouxe ao mundo o Lennon, meu segundo neto, já que tinha a Jéssica, filha de Daniele. Recebi a notícia dois dias antes de deixar o hospital, o que aumentou o meu desespero em voltar para a minha casa.

Cidinha sentiu-se dividida, pois fui internado em um dia, e Patrícia no outro. Talvez a minha internação tenha acelerado o nascimento de meu neto.

Devido à quimioterapia, os gânglios presentes no abdome reagiram bem, ou seja, “dissolveram-se” quase todos, e toda aquela massa líquida “desceu para os rins” que ficou impossibilitado de expelir toda aquela carga tóxica.

Conclusão: Quase tive parada total dos rins.

Fiquei internado exatamente sete dias.

Nos primeiros dois dias, fiquei sob os cuidados da Dra. Ana Cláudia, 48 horas ininterruptas, chegando ela até sentir-se mal, necessitando ser medicada. Muita gente critica os médicos. Sou-lhes muito grato.

Fiquei dois dias sem me alimentar, quando me ofereciam comida, sinalizava negativamente com o dedinho, e falava bem baixinho: “Não quero!”

No terceiro dia, “baixou o santo” na Cidinha, que pediu para a pessoa responsável da alimentação, bater toda aquela “gororoba” no liquidificador e colocar no copo, e ela foi prontamente atendida, não sei se por profissionalismo ou por medo, porque ela estava nervosiiinha, estava “com a macaca”.

E incisivamente falou-me:

“Você vai comer sim. O que você está pensando!? Eu não sou palhaça. Deixei de trabalhar, deixei meus filhos e estou aqui para cuidar de você. Vai comer nem se for na marra, mas vai.”

Falou tudo isso com as mãozinhas na cintura e batendo o pezinho. A baixinha é braba.

Tanto que a Dra. Ana Cláudia que adentrava o quarto, ouvindo aquele escândalo, comentou: “A senhora é muito brava! Depois eu volto.”

Então Cidinha colocou uma toalha sobre o meu peito e me obrigou a beber aquele sopão. Glub! Glub!

Parecia um bebê com a boca e o peito sujo de papinha.

Talvez temendo passar por mais vergonha, no outro dia acabei tomando o sopão sozinho.

Lembro-me vagamente dos meus companheiros de quarto; um deles era um rapaz que não possuía um dos pés; outro tinha leucemia e o outro nunca mais vi. Às vezes eu encontro na UNICAMP o rapaz com leucemia e todas as vezes ele se lembra de uma frase que eu dizia, quando não queria comer e a Cidinha me obrigava com um 38 na cabeça e um bisturi no saco: “Estou fazendo um curso para faquir e só faltam colocar os pregos na cama.”

Devido à sonolência causada pela medicação ou da toxicidade nos rins, não tinha ânimo para comer, beber, tomar banho, barbear-me etc.

Ela também me banhava e eu ficava sentado em uma cadeira debaixo do chuveiro, pois não retiravam o soro e também não conseguia me manter em pé por algum tempo.

Eu já estava barbudo, e Cidinha ficava me aporrinhando: “Você não vai fazer a barba? Você nunca ficou sem fazer a barba, agora além de doente vai ficar relaxado também. Você mesmo diz que a barba deixa transparecer uma imagem de falta de higiene. Vamos lá que eu faço a barba em você. Coronel Cidinha em ação...”

Cidinha pediu ajuda a uma enfermeira:

“Eu nunca fiz barba de homem, você poderia me ajudar?”

O que ela pedia todos atendiam. E o medo!

Estávamos nós três no banheiro, após tomar banho, quando a enfermeira ia fazer a minha barba, eu arranquei o aparelho de barbear de sua mão, e como um troglodita disse: “Deixa que eu faço!”

Lembro desta cena como um *flash* em minha mente, o meu rosto visualizado no espelho estava muito embaçado.

Eu realmente estava ruim, pois em nenhum momento assediei sexualmente a minha mulher. Lembro-me de pouquíssimas visitas, embora tenham sido muitas. Lembro-me de meus filhos, inclusive o Gustavo levou o meu rádio de ondas curtas o qual curto bastante (gostaram do trocadilho?) só que o rejeitei, pois ele é 110 volts e lá no hospital as tomadas são todas 220 volts (já estava melhorando).

Lembro só dos meus cunhados Zé e Miriam que moram em Santo André e cheguei a conversar com eles, mas não me lembro se foi sobre física quântica, engenharia genética ou telecomunicações de satélites. O Newton morreu, o Einstein também, e eu não estou me sentindo bem...

A Marilena foi a única pessoa que não era da família e que foi me visitar. E chegando em sua casa disse para sua mãe Dona Maria, minha fã: “Ó mãe... o ‘seu’ Beto não vai sair do hospital não...”

Após ouvir isso, Dona Maria, foi até a lavanderia e chorou muito.

Eu sou muito quiiiiido, pretendo sair candidato nas próximas eleições, pelo PT (Partido dos Transplantados).

Estávamos a um mês do Natal, e todos os anos eu, Cidinha, nossos filhos e amigos, nos reunimos, na noite do dia 24, a partir das 20 h, e varamos a madrugada, fazendo churrasco e uma mesa irresistível a qualquer mortal, e a dose se repete no Ano Novo.

Com o soro ficavam vários aparelhos conectados e aquela parafernália apitava direto e alto, pi! pi! pi!... Quase que os abri para cortar o fio do alto-falante! Para me movimentar até o banheiro eles eram desconectados, sendo deixado só o soro. Sentia-me como se estivesse sendo torturado, deitado em uma maca e algo gotejando em minha testa. Ping! Ping! Ping!

Esse pi! pi! pi! mais parecia uma entrevista do João Gordo ao bispo Macedo.

Na fase de quase inconsciência, eu não sabia onde estava, nem queria saber, e se me falassem que aquilo era um hospital, eu não sabia o que era um hospital, o que era comer, é um estado de inércia.

Hoje entendo por que quando visitamos alguém num leito de hospital, ele pergunta: “Por que estou aqui?”

E mesmo você explicando, ele perguntará para outras visitas a mesma coisa.

É semelhante ao indivíduo que faz greve de fome, e em determinada fase, ele não consegue mais definir se quer continuar com a greve de fome ou desistir, e acaba morrendo.

Meu desejo era sair de lá o mais rápido possível e acreditava que eles estavam me segurando propositadamente, iria passar o fim de semana ali, aguardando o médico chegar na segunda-feira para me dar alta, tal qual um cara que é preso na sexta-feira e espera o delegado chegar na segunda-feira.

Hoje tenho consciência que ninguém fica por lá nenhum minuto a mais; a alta é a coisa mais rápida que existe, pois existem muitas pessoas aguardando para ser internadas.

Se estivesse um pouco melhor, tentaria fugir do hospital. Sejam racionais, se estivesse melhor não estaria ali, já teriam me dado alta. Já tinha até montado um plano, usaria como refém o “tamagushi” do reitor.

Toda a minha urina ia direto para um *becker* onde era, periodicamente, medido o seu volume, pois se ingerisse mais líquido do que eliminava, aplicavam-me uma injeção para diurese (o famoso Lasix) e que era batata, começava a urinar direto. Só não gostava de tomar essa injeção à noite.

Difícilmente urinava no banheiro e usava sempre o “compadre”, pois ainda andava cambaleando e precisava de ajuda.

Eu estava tão grogue que chamava a Dra. Ana Cláudia de “loirinha”. Pedia para a Cidinha ir falar com a “loirinha”.

Durante toda essa internação, não senti nenhuma dor, mas não tinha ânimo nem para assistir os jogos do meu querido São Paulo, que na época disputava as semifinais de não sei o quê.

Cidinha montou um esquema, e levou-me numa cadeira de rodas, auxiliada por uma enfermeira, até a sala de televisão para que eu assistisse o jogo, mas eu estava muito grogue, fiquei pouquíssimo tempo e quis voltar ao quarto.

Isto expressava a minha situação, pois adoro futebol, vivo e vibro os noventa minutos, depois disso acabou, não discuto futebol, não faço apostas, que acho uma estupidez, você se desgastando e gastando o dinheiro de seus filhos, enquanto os jogadores ganham milhões. Gosto de conversar sobre futebol, mas sem alterar a voz, assunto encerrado.

Cidinha tomava muito café, o que não era habitual, para não dormir e cuidar do marido.

Nesse período, recebi a proposta de fazer o transplante de medula óssea, o que aceitei rapidinho, mesmo sem saber como que era. Só aceitei para ter a alta o mais rápido possível. (Isto é o que se passava pela minha cabeça, pois, em nenhum momento fui obrigado a fazer o transplante. A UNICAMP, por intermédio de um protocolo com o governo italiano, estava me dando a chance de viver, e eu pensando essas besteiras.)

Não tive nenhuma atividade, a não ser reclamar e reclamava de tudo e de todos, chorava, queria espancar minha esposa, cortar os pulsos, morder minha testa. Inclusive passei o meu aniversário no hospital, sem comemorações, nem me lembraram, pois estava muito grogue. Se alguém aproximasse do meu leito para me parabenizar com certeza seria mordido.

E eu, que já tinha duas datas de aniversário, 7 de novembro (dia do meu nascimento, sou escorpião, o melhor signo do zodíaco, que combina muito bem com caranguejo, que também é chamado daquele nome feio), 27 de novembro (dia do meu registro em cartório pois morava no meio do mato e demorou 20 dias para chegar até a cidade, num lombo de um cavalo, jangada e caminhando pela selva) e agora tenho mais um outro dia, que é 11 de agosto, dia do meu transplante de medula, que como “eles” dizem: nasci de novo.

Durante essa internação, como reação à “químio”, minha boca ameaçou abrir feridinhas, então Cidinha, que é curandeira, parteira e veterinária, passou Nistatina, escondido dos médicos e eu, fazendo o maior escândalo. Nistatina é aquele remédio para sapinhos de boca de bebê. E resolveu-se o problema.

Mais tarde, quando já estava internado para o transplante, diariamente tomava, por indicação dos médicos, duas vezes ao dia, essa mesma Nistatina, que evita que a boca se encha de feridinhas.

Finalmente chegou o dia da alta, mas antes de sair tive de tomar “potássio” por via endovenosa, durante uns 20 minutos, e como ardia, nem me atrevi a reclamar com medo de ficar mais um dia internado. Ardia tanto que parecia que tinham colocado uma ponta de cigarro acesa em meu braço.

Nesse dia, os orelhões estavam com problemas mas Cidinha nem comentou, pois senão eu ia ter uma parada cardíaca e a esposa do meu colega de quarto gentilmente nos cedeu o seu celular, pois talvez ela tenha

ficado com receio de que eu quebrasse tudo dentro do quarto. Ligamos para nossos filhos e estes pediram aos nossos vizinhos Tecão e Andressa, que generosamente foram buscar-me após um adiantamento de R\$ 500,00.

Brincadeirainha.

Fui de cadeira de rodas até a porta do hospital, conduzido pelas mãos da Cidinha.

Vale aqui alertar que para sentar-se em uma cadeira de rodas, é preciso muito cuidado devido aos riscos de queda, pois por ela ter rodas, desliza. O ideal é alguém auxiliar, segurando a cadeira enquanto você senta.

A chegada em casa foi uma festa!

Estava com saudades até das lagartixas da parede.

Fiquei falando mole por uns 15 dias.

A quimioterapia, que estava marcada para aquela semana, foi adiada, face essa minha internação de emergência.

Já estava no protocolo de transplante que eu faria só seis quimioterapias, uma por semana, e como já havia feito uma, só restavam cinco. Mas isso você verá somente no próximo capítulo, amanhã, após o *Jornal Nacional*.

Reflexão: *Um pai de família, cansado de ouvir a esposa e filhos reclamarem da casa que viviam, da comida que comiam, das roupas que vestiam e dos móveis da casa que estavam velhos, foi até a montanha e perguntou a um sábio o que ele deveria fazer, pois a situação estava insuportável. Então o sábio sugeriu-lhe que colocasse uma vaca dentro de casa, literalmente, a vaca conviveria com eles na sala, no quarto e na cozinha, durante alguns meses. Voltando para casa, o pai de família seguiu a orientação do sábio. Ai piorou mais a situação, pois a família já vivia em um mísero lugar e agora a vaca comia a pouca comida que tinham, defecava e urinava em toda a casa. Conclusão: Passados alguns meses, o pai de família foi até o sábio novamente, e criticou sua sugestão, pois em vez de melhorar, a situação ficara deplorável. Então o sábio lhe disse: Você verá o resultado agora, volte para a casa e retire a vaca de dentro de casa. O pai de família voltou para sua casa e retirou a vaca lá de dentro. Feito isto, a esposa e os filhos não se continham de tanta alegria e felicidade, apesar do lugar ser muito pobre, viveram felizes para sempre.*

Essa prática de colocar a vaca dentro de casa é feita por muitos governos.

Dica de como escolher um candidato a vereador, deputado, prefeito, governador, senador ou presidente da República: “Se você tivesse de sair de algum lugar, por algum motivo e por pouco tempo, você deixaria este candidato tomando conta de seu filho pequeno?”

Adoro o meu país, que não tem problemas sociais e econômicos, o nosso único problema é político.

O Brasil é o maior país do mundo em área útil. Vejamos, nos Estados Unidos o leste é separado do oeste por um grande deserto. O Canadá é um gigantesco iceberg. A Rússia tem a Sibéria, terreno montanhoso e geleiras constantes. A China tem terreno montanhoso e inóspito e a Austrália é povoada só no litoral, pois o resto é deserto.

Como já dizia um ex-ministro, a corrupção é como graxa em uma máquina, é necessária, mas o excesso faz a máquina patinar.

Este sentimento de nacionalismo é errado, pois para um mundo melhor, é necessário que os países não tenham fronteiras, como já cantavam John Lennon, em “Imagine”, e Louis Armstrong em “What a Wonderful World”.

CAPÍTULO V

PRÉ-TRANSPLANTE

(antes da Aféreses)

Voltei ao Hemocentro, na semana seguinte, para fazer minha segunda quimioterapia, antes porém a ladainha repetia-se: chegava às 8 h, fazia exame de sangue, em jejum, depois lanchava, consultavam-me, ia para a cadeirinha de quimioterapia no 2º. andar, e saía de lá por volta das 14 horas. Não tive reação nenhuma. NENHUMA.

Sempre fui muito bem tratado no setor de “químio”. Inclusive tem uma copa para os pacientes, e eles servem lanches, refrigerantes e até marmitex, mas só para os pacientes, para os acompanhantes não, mas isto já é uma grande ajuda, sem contar que existe a Assistente Social, que dá todo apoio possível, em termos de comunicação, medicamentos e transporte para o paciente.

Certa vez Cidinha sentiu-se mal, e levaríamos em torno de duas horas e quarenta minutos para chegarmos de ônibus em casa. E ela estava tão mal, que eu, debilitado, tive de ampará-la e carregar todas aquelas tralhas, que mais pareciam aquelas de quem ia acampar. Ligamos para a amiga Elisabete, que imediatamente foi nos buscar. Ufa! Que sufoco!

No papel de encaminhamento para a “químio”, às vezes vinha escrito que eu iria tomar um tal de “bolo”, a primeira vez fiquei todo contente, pensei que ao invés de tomar na veia iria comer um pedaço de bolo, semelhante ao de um aniversário. Nada disto! É líquido na veia mesmo. Que decepção!

Nessa época, meus amigos me presentearam com um telefone celular, um “Pegue-Fale”, novinho. Muitas pessoas não imaginam o que é para um paciente, no meu estado, ter um celular e alguns até acham que é *status*. Mas este presente foi um dos componentes, dentre outros que aqui relato neste texto, que contribuíram sobremaneira para que eu tivesse tranquilidade durante as internações, contatando minha esposa e meus filhos.

Como já sabia que dali a alguns dias meus cabelos cairiam, voltando para a casa, passamos numa cabeleireira, e raspei a cabeça com máquina zero.

Muita gente reluta em cortar os cabelos, pois eles não caem de uma única vez. A cama fica cheia deles e por onde você passa vai deixando. É bem melhor raspar a cabeça.

Afinal, eu não sou careca, eu estou careca.

As mulheres não devem sentir-se incomodadas com isso, quando elas raspam a cabeça, a sua feminilidade se sobressai, e uma touca, um cata-ovo, um bonezinho ou um lenço é mais bonito do que uma peruca. E com a cabeça sem nada também é bonito.

Eu só usava o bonezinho para proteger minha cabeça do sol ou do frio, não tinha vergonha de andar na rua de cabeça raspada. Para homem é mais fácil, não é?

Se você colocar um homem travestido de mulher, ao lado de uma mulher com a cabeça raspada, você facilmente irá identificar quem é a mulher.

Não adianta cortar com máquina um ou maior, pois aqueles cabelinhos ficam caindo pela casa. Por onde você passa, vai deixando uma marca, igual à história de João e Maria.

É ridículo quando a pessoa não raspa e fica com os cabelos cheios de falhas, pois quando você puxa com as mãos, saem aqueles tufos de cabelos, e esses buracos são semelhantes àqueles que os cachorros sarnentos têm.

E quando você lava os cabelos, o sabonete fica parecendo um monstrinho peludo.

Sempre usei cabelo em tamanho normal, da moda, hoje porém corto meus cabelos bem baixinhos.

E devido às “químio”, penso eu, eles não estão tão grisalhos como antes.

Muitas mulheres passam quinino nos cabelos, isto realmente evita a queda, mas devido os venenos que você tem no corpo face à quimioterapia, você corre dois riscos: um é o quinino interferir no tratamento quimioterápico, o outro, é a “químio” reagir com o quinino e você ficar careca pelo resto da vida.

Sem contar que o cabelo volta ao normal depois de três meses da última quimioterapia e dependendo do organismo, até antes.

Eu me pareço com o Tony Ramos, tanto pela beleza quanto pela quantidade de pêlos, e depois da “quimio” fiquei parecendo um filhote de rato pelado, sem nenhum pêlo no corpo, nenhum mesmo; caíram sobrancelhas, cílios, e estes que você está pensando agora, também caíram.

Falando em rato pelado, lembrei-me que “quando eu era criança pequena em Barbacena”, eu pegava os filhotinhos de rato, aqueles sem pêlos e cor-de-rosa, pelo rabinho e mergulhava-os em um pote com mel e depois os comia. Conteí esta história para um colega meu, num tom sério e ele acreditou; fiquei com vergonha de dizer-lhe que era mentira, face o seu espanto. Talvez agora, ele lendo este texto, fique tudo esclarecido.

Uma das grandes vantagens de ficar careca com a “quimio” foi que por muito tempo deixei de fazer a barba. Hábito diário que carrego há muito tempo.

Quando ficávamos carecas éramos freqüentemente consolados com frase do tipo: “É a moda Ronaldinho!”

Quando entrei na faculdade fiquei careca, mas agora era diferente, a minha cabeça estava pelada, sem nenhum resquício de cabelo, chegando até a brilhar. Parecia um ovo de Páscoa branco.

A Rádio Peão diz que quando os cabelos não caem após a “quimio” é sinal de que ela não está fazendo efeito! Lorota de gente ignorante!!! Cada organismo reage de uma maneira.

Eu conheci um senhor que fez “quimio”, não teve queda de cabelos, e se curou.

Ele era careca, aliás continua careca!

Os especialistas dizem que o indivíduo fica careca não pela queda dos cabelos, mas devido aos fios que vão afinando, diminuindo o seu diâmetro, até que somem. É igual, mas é diferente.

Já estava em regime especial de tratamento, bebia somente água filtrada e fervida, inclusive os sucos só eram preparados desse modo; as frutas de cascas finas (maçã, uvas etc.) só cozidas, frutas de casca grossa estava liberado, e os alimentos deviam ser bem cozidos (supercozidos).

Carne de porco nem pensar, carne de vaca e frango cozinhava-se antes de fritar. E eu que adorava carne mal passada no churrasco. Na outra encarnação acho que fui absorvente, adoro sangue. Slep! Não vá me chamar de nojento, porco... Logicamente peguei pesado nesta. Mas um dos objetivos do livro é causar impacto no paciente, mesmo que não seja o riso, mas quaisquer tipos de reação, até mesmo uma expressão de nojo. Você deve imaginar o desânimo que temos. É idêntico a uma tartaruga baiana com amarelão e sedada. Alô Salvador, aquele abraço, quando voltar aí quero comer vermelho na praia e beber água de coco!

Mas nem por isso vá torturar o paciente, queimando-o com cigarro ou enfiando farpas de bambu debaixo de suas unhas, para que ele tenha reações.

Quando o organismo necessita de água, é enviado um *e-mail* para o cérebro, que aciona a goela do indivíduo, que automaticamente vai beber água. E tão logo o indivíduo bebe a água, ela não chega de imediato ao seu destino, mas tão logo ele bebe, tem um sensor na sua goela, que manda um *e-mail* para o cérebro, dizendo que a água já entrou, e o cérebro manda outro *e-mail* para quem pediu a água, para não ficar mais cobrando que logo logo ela chegará via Sedex. Nosso corpo é uma máquina sensacional!

Mas quando bebemos essa água com pouco oxigênio, o sensor não é acionado, então parece que ainda estamos com sede, mas após algum tempo a sede some. Defenderei essa tese na minha pós-graduação de pajé!

A água filtrada e fervida é horrível, pois tem menos oxigênio, mas com o tempo a gente se acostuma. Parece que não mata a sede.

Uma dica: fervê-la em vasilha de ágata pois não pega gosto (da vasilha).

Eu usava água filtrada e fervida até para escovar os dentes, um exagero de minha parte, mas não me arrependo disto.

Comer fruta cozida só tentei uma vez, era uma manga, era... Horrível, mesmo gelada.

Parecia que estava comendo isopor com açúcar.

Evitava tomar sol, pois tinham me alertado que se tomasse ficaria da cor da berinjela. Não é Gabriela?

No dia em que fazia “quimio”, em casa fazia compressas (vagarosamente, pois a pressa é inimiga da perfeição), com gelo, nas veias da mão, onde normalmente a “quimio” era aplicada. Nos dias que antecediam a próxima sessão, fazia compressas com chá de camomila sem açúcar (pois as mãos não têm paladar, e eu precisava economizar).

Só comia em casa e no hospital; em outros locais jamais, exceto alimentos industrializados com embalagens a vácuo.

Freqüentava aquela lanchonete do lado externo da praça do 3º andar do hospital da UNICAMP, mas os botecos na redondeza, jamais. Sempre comia um X-egg e um refrigerante, pois suco não podia (por causa da água).

Nessa lanchonete é freqüente sermos assediados por pedintes, e devido a isto cometi uma baita de uma gafe, uma senhora com um bebê no colo aproximou-se de mim, para pedir uma informação, e eu antecipadamente ofereci-lhe um dos meus pãezinhos de queijos. Fiquei mais envergonhado ainda por ter causado tal constrangimento a ela.

Mas a justiça divina veio. Uma vez estava no estacionamento de um supermercado aguardando Cidinha e fiquei próximo de um carro, e eu naquele estado, magrelinho e olhos caídos, quando se aproximou um senhor e me deu um Real pensando ser eu um guardador de carros. Adivinhe se eu peguei o dinheiro? Esta eu não vou revelar, vou deixar o leitor com dúvidas.

Como o meu caráter está em jogo, revelarei na segunda edição do livro que peguei o dinheiro. Ih falei!!!

Sou abençoado, pois em casa todas cozinham bem, e muito bem, e fazem comidas diferentes. Sou um homem de sorte grande...

Não gosto de carne, exceto churrasco, um *stroganoff* de filé-mignon ou um filé à parmegiana. Mas troco um simples bife por dois ovos fritos (tem de ser dois zóides, pois um só é comida de pobre).

Vamos descer a lenha nos carnívoros: Observe o cheiro de suas fezes passando alguns dias sem comer carne, parece que você comeu rosas. E por que o intestino dos felinos é muito menor se comparado ao nosso?

Simplesmente porque eles expelem mais rapidamente a carne ingerida, enquanto nós, demoramos muito mais a expeli-la e ela apodrece dentro de nosso organismo. Seremos processados pela ABA (Associação Brasileira dos Açougueiros).

Lembro-me que em uma de minhas idas ao Hemocentro fazia muito frio, os pingüins batiam os queixos, e eu estava só com uma blusinha e com o famoso bonezinho, eterno companheiro dos pacientes como eu. O frio cortava o meu rosto, pois aguardava do lado de fora porque dava para eu deitar-me nos bancos, e a sala de espera dentro do Hemocentro estava superlotada. Então decidi enrolar uma camiseta no rosto, só ficando com os olhinhos de fora, parecia um ninja, um traficante ou uma mistura de Tiazinha, Jade e Feiticeira.

Certa vez, na ocasião em que fui medicado, também fazia muito frio, e eu estava todo encapotado, com febre alta. A médica que me atendeu, vendo meu estado febril, pedia que eu tirasse as roupas aos poucos, e não falava objetivamente o que queria, e eu, ironicamente, perguntei-lhe se estava querendo que eu fizesse um “strip-tease”, pois não entendia por que ficava mandando eu tirá-las, se não estava examinando-me, apenas observando-me a certa distância. Destaco que eu estava de touca, cachecol, duas blusas e luvas e só.

Na noite anterior ao dia da “quimio”, deitava-me bem tarde para que o sono me pegasse quando estivesse lá na cadeirinha.

No pátio do Hemocentro houve uma apresentação de um coral, e nas recepções do Hemocentro isso era sagrado, todas as vezes vinha uma dupla dinâmica, o Batman e o Robin, trazendo um microsystem, ligavam-no com uma fita de fundo *gospel*, cantavam hinos evangélicos, diziam uma mensagem, distribuíam “santinhos” e iam embora, para outro setor do hospital.

Muitas vezes eu preferia ler revistas velhas, aliás, adoro lê-las, é um *hobby* que tenho. E nesses locais, como tem revistas velhas... As mais recentes que eu peguei noticiavam a chegada do homem à Lua e que o Tancredo Neves estava gravemente doente.

Quando a gente lê revistas ou jornais velhos, percebemos quantas mentiras foram ditas e quantas previsões que não se realizaram.

Uma vez, indo para a UNICAMP, na perua da Prefeitura, esqueci-me do dinheiro para comprar remédios com a Assistente Social. Cidinha quase espancou-me ali mesmo, dentro da perua, fui salvo pelos outros pacientes.

Então tive a brilhante idéia de pedir ao motorista da perua, já que voltaria à UNICAMP no horário do almoço, o favor de passar em casa e pegar R\$ 100,00 (Cem reais), o que gentilmente ele concordou. Liguei para minha filha Patrícia, para deixar o dinheiro reservado e tudo acabou certo.

Depois desse imprevisto, fiz um papelzinho onde anotava algumas coisas, para não serem esquecidas, quando de minha ida à UNICAMP. As anotações eram:

- Boné;
- Carregador do celular (quando for internado);
- Dinheiro para medicamentos;
- Guia de exames (tomo, cintilo, ultra-som etc.);
- Máscara;
- Água filtrada e fervida;
- Despertador (um dia antes);
- Jejum (um dia antes);
- Carteirinha da UNICAMP, RG e CIC;
- Dinheiro para a condução;
- Pochete;
- Meus cartões de visita;
- Blusa (tomografia, cintilografia);
- Receita dos medicamentos.

São 14 itens, e se esqueço um, com certeza, terei problemas.

Sem contar com a malinha de internação, mas nesse caso não me preocupo, pois ela é feita pela Cidinha e filhas.

Quando eu fazia “químio”, levava o *kit* de sobrevivência, que continha: água fervida, bolachas *waffer*, toalhinha, toalha, uma muda de camisa, saquinho para vômito (embora nunca usei), papel higiênico, lenços de papel, palavras cruzadas, remédios, um travesseirinho (no início ficava deitado nos bancos, parecia indigente), escova e pasta de dente. Não é necessário levar pente.

(Essa é boa!)

Outra dica: Você que não usa cuecas, cria o bicho solto, quando for ao hospital, mesmo que seja só para tomar vacina, coloque-a, e evite constrangimentos.

Terminei o ciclo de seis quimioterapias, e fiquei aguardando a convocação para a internação de coleta de células e, nesse período de espera, voltava à UNICAMP, uma vez por mês, para fazer hemograma e consulta.

Continuava com medicação e dieta especial.

Surgiu-me um furúnculo nas axilas, talvez um “cabelinho encravado” e tão logo mostrei para a médica, notei que seus olhos começaram a brilhar e ela imediatamente pegou uma gaze e espremeu o danado e fez assepsia no local.

Era época de Natal, então era comum a gente ver bandos de papais e mamães noéis percorrendo o hospital, fazendo aquela zona, aquela balbúrdia, tocando aqueles “marditos” sininhos. Não estou criticando, apenas externando o que um paciente impaciente pensa.

Na noite de Natal, a Dra. Daniela faria plantão e perguntei-lhe se iria trocar aquela roupa branca por uma vermelha.

Conheci um velhinho de Jaguariúna que não tinha um dos braços, e era paciente como eu, e ele estava com a boca cheia de feridinhas por causa das “químios”. Então a “médica” Cidinha indicou-lhe a famosa Nistatina. Ele usou e resolveu o seu problema, e toda vez que nos via, ficava contente e sempre nos agradecia pela dica.

Nas últimas idas ao Hemocentro, minhas pernas estavam muito fracas, e na maioria das vezes era conduzido de cadeira de rodas pelas mãos da Cidinha, inclusive naquela rampa que liga o térreo ao segundo andar. E, muitas vezes, eu ainda a criticava por ter me estacionado errado em certos lugares e quando ela ameaçava soltar a cadeira rampa abaixo ou me abandonar lá no pátio eu lhe pedia desculpas e fazíamos as pazes. O amor é realmente maravilhoso!

Nesse período, fomos até a Caixa Econômica e saquei o meu PIS, pois a assistente social da UNICAMP havia providenciado toda a papelada. Recebi R\$ 1.200,00 que ajudaram bastante, pois já estava sem trabalhar

há uns quatro meses. Pela minha condição, não precisei aguardar na fila e fomos muito bem atendidos. Não recebi o dinheiro na hora, mas foi creditado em conta dentro de poucos dias.

Antes, porém, um funcionário da Caixa Econômica informou-me que para obter tal benefício deveria retirar um documento junto ao INSS.

Impossibilitado de ir até o INSS, mandei minha “despachante”, a Cidinha.

Ela chegou lá às cinco horas da manhã, pegou o décimo lugar na fila e foi atendida às oito horas, onde informaram-lhe que não era lá, e que deveria dirigir-se à Caixa Econômica. O famoso pingue-pongue.

Antes de retornarmos à Caixa Econômica munidos de duas espingardas, contatamos a Assistente Social da UNICAMP, que nos ensinou o caminho das pedras.

Tinha também para receber um valor residual de FGTS, providenciei a papelada junto à assistente social da UNICAMP, só que a Caixa Econômica não queria me pagar pois o código da doença mencionado no papel estava errado e era o mesmo papel em que eles tinham me pago o PIS. Eu estava sem ânimo, doente e não iria voltar à UNICAMP para eles retificarem o documento. Fui falar com o gerente, e disse-lhe que o papel que eles alegavam estar errado era o mesmo que eu havia entregado para receber o PIS.

Então, usei uma palavra mágica, disse-lhe que tratava-se de ISONOMIA e ele deveria pagar-me. Recebi imediatamente. A palavra “isonomia” tem o mesmo efeito que “shazan”.

Como já disse, não tenho religião, mas recebia muitas pessoas em casa, parentes e amigos, que iam fazer orações. Respeitava suas boas intenções e orava com eles.

Alguns oportunistas querendo me catequizar (evangelizar, converter não é o termo correto para o meu caso) usavam a máxima, você aceitará Jesus ou pelo amor ou pela dor. Olha o meu estado, magrelinho, desanimado mas cabeça dura.

Cidinha é a única em casa que frequenta as igrejas evangélicas, mas não tem uma em especial, frequenta várias, uma de cada vez, é lógico.

Fazia muito tempo que não via minha mãe, Dona Cleide, minha irmã Tidinha e meu irmão Silvinho, e todos eles vieram visitar-me, pois pelo meu estado aparente não se sabia quanto tempo de vida eu teria.

Nesse momento difícil de minha vida, tinha muitos amigos que simplesmente sumiram, escafederam-se, outros ficaram totalmente inertes, alheios à situação, mas surgiram outros, pessoas que me surpreenderam com suas atitudes humanitárias.

Teve gente que queria tirar vantagem em cima da minha doença, um absurdo.

Chegou o dia! Fui chamado para ser internado, peguei minhas tralhas, e lá fomos nós, eu e minha esposa.

Resumindo o processo de coleta de células: Ficaria internado por uns 30 dias (depende do organismo do paciente, pode ser mais como pode ser menos), tomaria uma “químio” pesadíssima, e quando a minha imunidade estivesse bem baixa, iria para uma máquina “colher o meu sangue bom” que seria guardado no nitrogênio, até o dia em que faria o transplante.

Não confunda esta imunidade com a famosa “imunidade parlamentar”.

O transplante de medula óssea nada mais é do que você tomar algumas bolsas de sangue, via endovenosa. Via oral apenas para os vampiros, que são hematófagos, ou seja, alimentam-se de sangue.

Muita gente, mas muita gente mesmo, pensa que é uma cirurgia, que serram a sua espinha dorsal, raspam todo aquele tutano, depois colocam a nova medula, dão 5.000 pontos, colam com superbonder, enfaixam todo o tórax do paciente etc.

Eu estava no protocolo de transplante, e faria transplante autólogo, ou seja, não necessitava de doador, seria colhido meu próprio sangue para o transplante.

AFÉRESES

Fui internado na “Hemato”, no 5º andar, e os procedimentos seriam:

- 1º.) colocar o cateter de Hickman;
- 2º.) fazer a famosa “químio” pesada;
- 3º.) aguardar a imunidade baixar;
- 4º.) fazer a coleta de células;
- 5º.) alta imediata, após colher o número necessário de células.

Simples, não!

Fui muito bem atendido pelas enfermeiras, pelas médicas Dras. Daniela Fabíola e Fernanda, e no final pelo Dr. Paulo.

Dra. Daniela, sempre me cumprimentava com um sorriso e um tapinha, às vezes um tapão no ombro e quando estava deitado no leito, batia no meu pé.

Pela confiança que eu tinha nela, essa sua expressão significava “vida” para mim. Gestos substituem palavras...

Dr. Paulo estava iniciando na “Hemato”, ele era o galã, pessoa educadíssima e profissional. Por onde ele passava, ia deixando a mulherada estendida no chão, todas desmaiadas, inclusive as enfermeiras.

Lindo! Lindo!

“Dr. Paulo cadê você? Eu vim aqui só pra ti vê!!!”

Ao dar entrada na Hemato, colocaram em meu punho uma pulseirinha de plástico com a minha identificação, que só sai cortando-a com uma tesoura.

Isto é muito útil quando o paciente se perde em suas investidas por caminho nunca dantes navegado pelo hospital.

Essa pulseira é semelhante àquela que a mamãe e o bebê usam na maternidade.

Nas primeiras vezes que andamos pelo hospital, naqueles infundáveis corredores, normalmente nos perdemos, mas depois de um certo tempo, ficamos craques e metidos, quaisquer dúvidas já nos oferecemos para ensinar o caminho.

Tão logo fui para o quarto, tive um impacto ao ver quem seria o meu companheiro. Ele estava sem camisa, e com inúmeras tatuagens pelos braços e tórax, aquelas bem rudimentares feitas com tinta azul, mas depois de alguns minutos, notei que era uma pessoa simples, humilde, pobre e muito bacana. Tinha linfoma na cabeça e aguardava o transplante de rim também. Ele iria sair dentro de uns três dias. Fora marinheiro, o que explicava as tatuagens e falava muita gíria. Seu nome: Sr. VÊNUS.

Não tínhamos TV no quarto, e não levei também, pois não curto muito televisão, só conserto.

Dormi tranqüilo naquele dia, pois não colocaram soro em meu braço. Meu estado físico já era bom, depois das “químios” que tinha feito.

No dia seguinte, fui encaminhado para fazer ultra-som do coração para ver se estava tudo bem para fazer a cirurgia de colocação do cateter.

Após o almoço, fui orientado para tomar banho com um sabonete especial, de assepsia, trocar de roupa, colocar uma camisola do hospital, ficar sem cueca e nada de metal no corpo. E logo veio o maqueiro que me levou até o Centro Cirúrgico, que fica no subterrâneo do hospital.

A maca foi colocada numa portinha bem pequena, mal passava eu e a maca e através de um trilho fui puxado para o andar de baixo. Fiquei num ambiente limpíssimo, com poucas pessoas, e aguardei por uns 10 minutos. Levaram-me para uma mesa cirúrgica, uma enfermeira preparou-me, jogando aquele pano verde sobre o meu corpo. Veio a médica, cobriu meu rosto com outro pano verde, não disse nada, e anestesiou-me no peito. Pensei que fosse morrer, não sei se devido à musculatura do peito ser mais rígida e, aquela injeção parecer rasgar o meu peito, ardendo e queimando ao mesmo tempo. Tão logo passou aquele mal-estar que durou poucos segundos, continuei “na minha”, olhando aquele pano verde no meu rosto, quando, de repente, pensei que ia morrer de novo: senti uma dor forte no peito (isto porque ele estava anestesiado), algo insuportável, e não podia gritar, pois estava faltando-me o ar. Depois de alguns segundos, que pareceram uma eternidade, voltei a respirar normal e logo saí daquela mesa de cirurgia e levaram-me para um estacionamento, onde os pacientes ficam em observação para ver se terão reações à cirurgia ou à anestesia.

Depois de uns 20 minutos veio o maqueiro, e finalmente levou-me para o quarto.

Lembro-me que no caminho encontrei Dra. Fernanda que me cumprimentou com um sorriso.

Depois fiquei sabendo por que senti aquela dor e não podia gritar, por falta de ar. Após o corte no peito, a veia aorta que vai para o coração é puxada para fora do corpo, uns 25 cm, coloca-se o cateter, e depois coloca para dentro e dá-se os pontos.

Se a médica explicasse o que iria fazer, eu não entraria em pânico por duas vezes. Os médicos falham muito nesses momentos.

Descobri por intermédio dos maqueiros que uma maca não deve ser conduzida por uma pessoa só, no mínimo duas, pois causa danos à coluna do condutor solitário. Você já conduziu uma maca com paciente? É pior que dirigir trator em barranco.

Voltando ao quarto, não almocei pois o horário já havia passado e então, fui atacar o meu estoque de bolachas *waffer*.

Meu colega de quarto estava sendo atendido pela Dra. Fernanda, e o negócio parecia sério, pois ele aparentava sinais de descontrole.

E eu, inocente ou estupidamente, ofereci-lhe minhas bolachas *waffer*, e quando ele viu, parecia um louco querendo pegá-las, e logicamente não era por fome. Só sei que complicou mais o seu estado, ele quase caiu da cama, se enroscou todo nas mangueirinhas de soro e medicação e a médica teve de ser incisiva com ele, até que, de repente, tudo voltou ao normal. Confesso que fiquei com receio de dormir aquela noite em sua companhia.

Nessa mesma noite fui encaminhado para tirar Raios X, para ver se estava tudo bem com a posição do cateter de Hickmann.

Este cateter é bom, pois quando você tem alta, não o retira, ficando com ele no peito até o transplante. Isso, se tudo der certo, pois o índice de infecção é muito grande, e na maioria das vezes ele tem de ser retirado, e colocado o comum.

Tão logo voltei do Raios X, fui brindado com a colocação de soro em minha veia e o cateter seria usado só para a “químio” e, futuramente, o transplante.

Com o cateter colocado, muitas vezes tinha de escolher uma posição no leito, principalmente deitado, para que ele não “me cutucasse” e às vezes chegava a sentir uma dorzinha bem leve, mas nada que uma sacudida pra lá e duas pra cá não resolvessem. Mas não vá sacudir igual a cachorro tomando banho!

Quando o meu corpo estava conectado ao soro, eu dormia tranqüilo, de bruço, de lado e de barriga para cima. O único cuidado que temos de ter é não ficar girando sempre do mesmo lado, pois aí a mangueirinha enrolará em nosso corpo e causará estragos.

Dedicarei alguns parágrafos ao meu eterno companheiro nos períodos de internação, o meu querido suporte de soro.

Ele não se parece com o microfone do Roberto Carlos, mas tem uma borboleta que libera o cano superior para ajuste de altura e depois trava na altura escolhida.

Normalmente não é necessário carregá-lo sem tocar o chão para “bater pernas”, pois é pesado. Basta arrastá-lo pois desliza no piso do hospital.

Deve-se segurá-lo no cano inferior evitando acidentes no caso do cano superior sair devido ao destravamento da borboleta.

Se para onde você estiver se dirigindo tiver ganhos para suporte de frascos de soro, pode abandoná-lo no quarto. Ele vai sentir sua falta, mas ficará feliz quando você retornar.

Todas as vezes que a enfermeira troca o soro, faz sessão de “químio”, traz medicação, ela pergunta o seu nome, olha na etiqueta da medicação e só após confirmar é dado o início. Interessante que ela não pergunta: “Você é o fulano de tal?” Ela pergunta: “Qual é o seu nome?” Evitando com isto muitos acidentes.

Lembro-me que conversava sobre economia com uma das enfermeiras do turno da noite, quando ela me perguntou: “Qual é a sua patologia?” O meu rosto ficou cheio de pontos de interrogação. Seria mais lógico, que ela me perguntasse qual era a minha doença!

Posteriormente, essa mesma enfermeira comentou com a Cidinha, que eu era muito bonito, talvez pensando que eu fosse seu filho, e ela sorrindo disse-lhe: “Ele é bonito mesmo, foi por isso que eu me casei com ele!”

Sou bonito mesmo e pareço-me com o Paulo Zulu, a única diferença é que eu tenho os olhos verdes. O quê? O Paulo Zulu também tem os olhos verdes, então, não existe diferenças entre nós dois!

Brincadeira, eu estou mais para o Zulu.

A quimioterapia e a cabeça raspada deixam os pacientes mais jovem, isso é real.

Apesar de eu e Cidinha termos a mesma idade, as pessoas faziam comentários sobre a minha jovialidade, mas não queriam dizer que ela estava tal qual trapo, pois estava à beira da depressão.

Além dessa situação engraçada que aconteceu com a enfermeira, certa vez, na perua que nos levava até o Hemocentro, uma senhora virou-se para trás e perguntou a ela o que o seu filho tinha. Nesse momento, dei-lhe um cutucãozinho...

Muitas vezes, quando chegávamos ao Hemocentro, o porteiro dava o crachá de paciente para a Cidinha e o de “acompanhante” para mim.

Uma vez, mas só uma vez, chamei-a de “mamãe”. Levei um cruzado de esquerda...

Voltando à “Hemato”...

Dormi tranqüilo aquela noite.

Meu companheiro de quarto discutia com as enfermeiras e ele não suportava quando vinha salsicha no marmitex.

À noitinha, fui comunicado que mudaria de quarto, e como sabia que a Cidinha viria para dormir comigo, orientei-o para guardar o marmitex para ela, caso viesse a famosa salsicha, pois ela viria direto do trabalho. Dito e feito, teve salsicha. Já acomodado no outro quarto, fui surpreendido pelo marinheiro que me perguntou: “E aí meu, vai querer o bagulho?” Todos que estavam no quarto, inclusive Cidinha, ficaram surpresos com aquele paciente diferente falando uma frase um tanto quanto estranha e suspeita. Agradei, mas disse-lhe que não, pois ela já havia lanchado.

Meu novo companheiro de quarto era um jovem advogado chamado Sr. MARTE.

Estava acompanhado de sua mãe, e já tínhamos nos visto lá no Raios X, mas até então, não sabia que ele seria meu futuro companheiro de quarto. Lembro-me bem que enquanto aguardávamos o Raios X, ele se coçava muito, o corpo inteiro, inclusive com o auxílio de sua mãe.

Sou chato para comer, não suporto comida de hospital, mas usava a seguinte tática: não comer nada antes das refeições e reservar as bolachas *waffer* para as emergências, nos casos de perder alguma refeição por estar fazendo algum exame fora do quarto.

Ficava “morrendo de fome” e quando vinha a refeição do hospital, e devorava-a sem ritual, comia na cama mesmo, não usava faca, comia bife com a mão, não estava nem aí. Queria dar um fim o mais rápido possível naquele marmitex.

Parecia o Obelix comendo um javali.

A comida não variava muito, era arroz, feijão, um bife ou uma carne assada ou um pedaço de frango ou então, a abominável salsicha. Era bem caprichada, mas faltava o tempero. As sobremesas eram ótimas, gelatina, sagu, pudim etc. mas também tinha um insuportável arroz doce, sobremesa de pobre.

Faço essas brincadeiras porque também sou pobre, e quem não for que atire a primeira pedra!

Algumas vezes vinha macarrão, eu adoro uma “pasta”, mas ele vinha com o molho misturado, e deste jeito não gosto e não como, para que eu coma, o molho deve ficar sobre o macarrão e no meio. Não é frescura.

Adoro pãezinhos franceses com manteiga, normalmente pedia dois para a copeira e quando o Sr. Marte não queria, comia o dele também.

O meu companheiro de quarto já era o oposto, montava a mesinha, mandava buscar um refrigerante, e acabava não comendo a comida do hospital. Era só Gatorade e aquelas tranqueiras vendidas nas adjacências do hospital. E no meu modo de pensar isto era errado, já que ele tinha a mesma doença que eu, iria fazer transplante como eu. Minha dieta era rigorosa, só bebia e comia o que era fornecido pelo hospital.

A Cidinha trouxe uma foto com meus dois netinhos (a Graúda e o Miudinho) só que foram batidas por uma amadora, minha filha. Até Dra. Daniela comentou que parecia as fotos que a mãe dela batia. Sou muito crítico a respeito de fotos, no mínimo tem de ter o básico: iluminação, foco e enquadramento, tremedeira e cabeças cortadas nem pensar. Odeio aquelas fotos que batem de crianças, cadê a criança? Só se vê cortinas, lençóis, colchas, sofás e paredes.

Normalmente deixava o porta-retrato dentro da gaveta, não pelo fato de ser uma foto mal batida, mas para não incentivar a saudade.

O Sr. MARTE estava com uns problemas com a Justiça, pelo que eu ouvira falar, tinha sempre que se justificar para não ir a uma audiência, logicamente pela sua internação. Nunca perguntei, pois a vida dos outros não me interessa, exceto se pedem ajuda.

As enfermeiras faziam três trocas de turnos diariamente, e em todas as trocas, a enfermeira chefe do turno que estava saindo, acompanhada das enfermeiras do turno que estava entrando, iam de porta em porta, e

diziam: “Aqui temos o Sr. Wilson, portador de LNH, não teve intercorrências neste período” e blá, blá, blá, falava do meu companheiro também e ia para o próximo quarto.

Cidinha dormia todas as noites em um colchonete de maca colocado no chão e ao lado de minha cama. Compadecia-me com isso, mas ela não queria abandonar o maridão, apesar de eu lhe dizer inúmeras vezes que não era necessário tal sacrifício. Na verdade, eu a queria ao meu lado.

E o ritual repetia-se todas as noites, após as 19 horas. Ela saía à caça de um colchonete, e tão logo o encontrava, arrumava sua caminha ao meu lado. Ela dormia mal e tinha de trabalhar no outro dia, uma judiação!

Encontrei um vizinho e cliente de minha oficina, que ficou internado alguns dias, em outra área, mas no mesmo andar que eu estava, ele iria operar não sei do quê. Muitas vezes, ficávamos batendo papo.

Certa vez, eu estava com as unhas grandes e como nenhum cortador de unha resolve o meu problema, pois meus filhos dizem que eu tenho unhas de dragão, pedi a Cidinha que levasse alicate de corte da minha oficina até a UNICAMP, pois eu estava parecendo o Zé do Caixão. Assim que ela entregou-me o alicate, pedi que todos se retirassem do quarto.

Coloquei um capacete, aqueles de Fórmula Um que resistem mais aos impactos, e comecei a cortar minhas unhas. Algumas lasquinhas riscaram a pintura do quarto, mas nada perceptível.

Não é por isso que o nome do livro é Impacto, hein!?

É difícil dormir em hospital, principalmente à noite, e no meu caso, piora muito pois preciso de silêncio absoluto e escuridão total. Então, durante o dia, eu desmaiava e dormia.

Os quartos ficam numa penumbra, mas o chão é iluminado por umas lâmpadas que ficam próximo ao rodapé. Quando há necessidade de medicação, tanto sua ou do seu companheiro, surgem as enfermeiras que acendem a luz, apagam a luz, derrubam o “compadre” no chão. Havia um enfermeiro que chegava de madrugada cantando, batendo palmas, gritando: “Acorda pessoal, hora da medicação” e depois, sorrindo, contava piadas e histórias engraçadas. Era muito divertido.

As lâmpadas do quarto são de iluminação indireta, e na cabeceira dos leitos há lâmpadas fluorescentes individuais.

Sou fumante e nesse período não fumei, mesmo tendo acesso ao fumódromo próximo aos elevadores.

A urina era feita no becker, e para controle, assim que se enchia, devíamos comunicar à enfermeira que anotava e, em seguida, esvaziava-o.

Sr. MARTE, meu companheiro de quarto, tinha retomado o tratamento que havia abandonado, pois discutira com os médicos. Tinha a mesma doença e iria fazer coleta de células comigo.

A cada dia, ele piorava e eu me sentia mal, vendo-o fazer tudo contrário àquilo que eu fazia, conforme o relato a seguir:

Eu tomava os remédios tão logo a enfermeira me entregava.

Ele dizia que os tomava depois, apresentava uma desculpa, e depois jogava-os fora.

Eu não recebia visitas, com exceção da Cidinha.

Ele recebia, diariamente, no mínimo, cinco pessoas, que entravam sem lavar as mãos.

Eu só comia o que o hospital me fornecia e as malditas bolachas Waffers.

Ele comia “coxinha” dos botecos da região próxima ao hospital que sua mãe ia buscar e mais e um “monte de porcaria” que seus visitantes traziam.

Eu já fui para a internação careca.

Ele relutava em ficar com aquelas penujinhas na cabeça que pareciam pêlo de rato.

Ao usar o banheiro, *eu sempre lavava as mãos* antes de voltar ao leito. Existe uma pia do lado de fora do banheiro para essa assepsia.

Ele, não.

Eu queria que as janelas ficassem abertas, mesmo à noite, para que o ar circulasse, e entrasse a luz do sol durante o dia. O sol é maravilhoso: elimina esporos de fungos, germes, bactérias, ajuda na síntese da vitamina D, é essencial na fotossíntese, ilumina nossa vida...

Ele queria ficar com as janelas fechadas mesmo durante o dia, sem ar e sem luminosidade. E o seu leito era próximo da janela. Muitas vezes, as enfermeiras davam uns esporros e ele abria as janelas. Ele não soube ver a vida nas coisas mais simples...

Eu só bebia água filtrada e fazia bochechos com água + bicarbonato.

Constantemente, ele tomava refrigerante, Gatorade, toddinho etc. Uma vez pediu permissão à médica para beber cerveja sem álcool, foi autorizado, e bebeu!

Um belo dia, pediu-me o celular emprestado para encomendar uma pizza.

Inventei uma desculpa qualquer e não emprestei.

Apesar do desânimo físico, esforçava-me e *sempre fazia caminhadas* pelo andar do hospital, no mínimo, cinco por dia, e carregando aquela tralha do suporte de soro, mas parecia uma porta-bandeira.

Ele, raramente, saía do leito.

O objetivo destes comentários é apenas frisar que a disciplina é fundamental no tratamento e que cada um é dono do seu nariz e faz o que bem quiser.

Várias vezes ele urinava em meu becker, aí tínhamos de chamar a enfermeira para fazer o estorno do líquido, o qual não me pertencia. Era um transtorno.

Rimou! Estorno com transtorno. Isso aqui também é um livro de poesias.

Como hábito, só tomo remédios que já foram apresentados à mim, e a nossa medicação era parecida. O copinho, contendo em torno de uns seis comprimidos, vem etiquetado com o nome do paciente e notei a troca, e ele, que não tomava os remédios, justo nesse dia acabou por tomar os meus. Aí, toca chamar a enfermeira e regularizar a situação...

Nós, pacientes, somos obrigados a tomar um banho diário onde trocávamos a roupa do corpo e a roupa da cama. Após o banho, é feito o curativo no cateter. Isto é rotina e sagrado.

Existem barbeiros que trabalham voluntariamente no hospital, então o Sr. MARTE se prontificou a cortar as penujinhas, montaram todo o esquema, e na hora do vamos ver, desistiu.

Nesse período, ouvia os famosos pi! pi! pi! de aparelhos conectados a outros pacientes ao longo do corredor, e fingia não ouvi-los, já que reviver o passado é sofrer duas vezes.

Todas as manhãs os médicos tinham aula, ficava um grupo e um professor, normalmente o Dr. Carmino, e eles desfilavam pelo corredor arrastando uma mesinha cheia de pastas e tão logo se aproximavam do meu quarto fechavam a porta ou deixavam-na semi-aberta, neste caso as nossas orelhas ficavam em posição de alerta, parecendo mais radares.

Quando a imunidade está baixa e o desânimo em alta, não temos disposição para tomar banho, faltam forças até para nos ensaboar. Antes do curativo, o cateter é lavado com soro e a cada cinco dias é trocada a tampinha de plástico que veda a entrada. Em seguida, o local é lavado com iodo (não se usa mais água oxigenada, mercúrio ou mertiolate), é colocado uma fita adesiva especial chamada micropore (não usam esparadrapo), a enfermeira dá um autógrafo e anota a data.

Muitas vezes algum paciente ficava em estado crítico, e era aquela correria de médicos e enfermeiras, e retiravam o paciente com leito e tudo do quarto com uma rapidez e levavam para algum lugar. Pensava comigo mesmo, ninguém irá morrer ao meu lado.

O Sr. MARTE reclamava muito que seu colchão tinha um buraco no meio, mas eu não podia dar o meu a ele pois, mesmo o meu estando bom, eu ainda sentia dores nas costas de tanto ficar deitado.

O meu colchão, além de não ter o buraco, era especial, era maior e mais duro, era de outra área do hospital, mas estava ali por falta do colchão comum, eu tinha sido premiado. Agora vou falar do meu colchão. Quando a enfermeira vem trocar a roupa de cama ela amarra o lençol no colchão dando nós nos quatro cantos, mas o meu colchão por ser muito grande (não era de casal) necessitava de duas enfermeiras para darem os nós. Inclusive tinha uma enfermeira, uma japonesinha que conseguia dar os quatro nós sozinha, era uma cena digna de ser filmada, ela atarracava o colchão e só faltavam uns gritos de Kung-fu e conseguia realizar a proeza. Parecia uma luta de sumô entre um ratinho e um elefante.

Um belo dia, enquanto eu estava no banho, o Sr. MARTE pediu que a enfermeira fizesse a troca dos colchões. Fiquei sabendo graças à honestidade da enfermeira que me fazia o curativo.

Fiquei possesso, pois ninguém gosta de ser traído, e ele, jogou sujo.

A partir daí, já não conversávamos mais, embora o seu estado piorasse a cada dia.

Tanto ele como sua mãe, queriam saber por que eu estava assim ou assado, por que havia tomado uma medicação e ele não.

Eu estava naquele leito preocupado com meu tratamento, não com o dele, nossos organismos eram diferentes. Se ele precisasse de minha ajuda, logicamente eu estaria pronto para servi-lo.

Muitas vezes tinha de me controlar, pois “me dava nos nervos” ver aquela situação, ele se afundando cada vez mais e ninguém para ajudá-lo

Certa vez, ele teve trombose nas pernas, e ficaram superinchadas. Em seguida, o corpo também inchou, e as suas visitas riam, zombavam, rolavam ao chão de tanta graça. Uma colega sua falava ao celular:

– Aproveita para ver ele assim, pois nunca mais terá oportunidade de vê-lo tão gordo, há há há. (humor grotesco, medieval e Jurássico)

O Sr. MARTE era bem magrinho.

Ele tinha uma cocceira no corpo e trouxeram-lhe um creme para passar, mas ele não colaborava pois tinha de passar a pomada e evitar coçar-se, pois a pomada não faria o efeito esperado. Mas não havia jeito: coçava-se à noite toda e o dia todo.

O Sr. MARTE tinha um filho de uns quatro anos que estava impossibilitado de visitá-lo, pois crianças eram proibidas de ter acesso ao nosso quarto, assim como pessoas gripadas e portadoras de outras enfermidades.

Certa vez, pediu, chorando ao seu pai que cuidasse de seu filho, na sua ausência.

Quase sem ânimo, minha atividade se resumia a algumas caminhadas e uma folha de palavras cruzadas. Gostava de ficar pensando na vida...

Nestas caminhadas, via muitos pacientes carregando, em uma das mãos, uma bolsa de drenos conectada ao corpo por uma mangueirinha de meio metro, que eles (não sou eu!!!) chamavam de cachorrinho. Estavam levando o cachorrinho para passear.

Quando a Renata, da Terapia Ocupacional, vinha visitar-me, queria que eu fizesse alguma atividade como, pintura, artesanato, aeróbica, pular amarelinha ou brincar de queimada. Eu dispensava-a, dizendo que estava bem, não precisava de nada e que ela deveria procurar outros pacientes, pois existia muita gente necessitando de terapia ocupacional, eu não.

Então ficávamos conversando por quase uma hora.

Acho que ela estava fazendo terapia, invertendo os papéis.

Nesse período de internação, os dentistas do Hemocentro vinham orientar-nos acerca de higiene bucal, pois era freqüente ter problemas como “feridinhas na boca” resultantes das quimioterapias. Doaram-nos uma escova que tinha duas cerdas para escovarmos os dentes, quando a imunidade estivesse baixa, sem plaquetas, pois não poderíamos ter sangramento de gengiva. Não é brincado não!

Embora nessa situação, eu não escovava os dentes, lavava-os muito bem com água fervida + bicarbonato de sódio.

O mais agravante é que a “químio” acaba com os nossos dentes, caindo todas as obturações inclusive os tratamentos de canal. As obturações da parte inferior não caem em função da lei da gravidade, mas ficam soltas. Antes do transplante, fazemos tratamento dentário, no próprio Hemocentro, para irmos para o transplante, sem nenhum dente aberto que ficaria à mercê de alguma contaminação ou infecção.

Mesmo sem condições financeiras, tive de fazer três tratamentos de canal, por minha conta, baratinho não? Já que a UNICAMP só faz obturações e limpeza.

Certa vez, quando, retornava para o quarto, depois de minha habitual caminhada pelo andar da “Hemato”, avistei no corredor um paciente na maca, aguardando as enfermeiras arrumarem o quarto. Ele havia puxado o lençol e cobriu o rosto. Foi quando veio o Sr. URANO, outro paciente da Hemato, dizendo-lhe: “Ô meu, descobre o rosto aí, senão em vez de te levarem para o quarto, vão te levar para o necrotério!”

Uma enfermeira estava com o sapato apertado e após choramingar recebeu da Cidinha um par de havaianas, emprestado. Só que a Cidinha nunca mais teve de volta suas havaianas. Usucapião.

O Sr. URANO era paciente mas não tinha paciência de aguardar o carrinho com as refeições chegar até o seu quarto. Então ele ia de encontro ao carrinho tão logo adentrasse a Hemato, e muitas vezes voltava correndo com medo de ser mordido pela entregadora, que já estava babando e vociferando lindos elogios.

O Sr. URANO tinha leucemia, e iria fazer transplante de medula óssea halogênico, ou seja, necessitava de um doador, e só tinha um, que era seu irmão e que havia recusado doar a medula, que nada mais é do que doar um pouco de sangue. Não se sabe ao certo o por que esse irmão não doou a medula para ele. Tristemente, o que se sabe hoje, é que o Sr. URANO morreu pela falta de doação. Morreu pela falta de fraternidade.

Conheci também o SATURNO, um menino de 15 anos, com leucemia mas por ser bem gordinho e às vezes apresentar as maçãs do rosto coradas, nem aparentava a doença que tinha.

A leucemia é uma doença muito cruel; hoje você está bem, vai ter alta, de repente tudo se complica e a pessoa entra em óbito. Mas muitos conseguem vencê-la e curam-se, mesmo sem fazer transplante.

Tinha o hábito, durante o dia, de inverter minha posição no leito, ficava com a cabeça nos pés da cama parecendo um morcego.

Não levei nada para o quarto; walkman, radinho, televisão, nada disto. Também não me interessava pela televisão que estava instalada no corredor da “Hemato” para os pacientes.

Não lia jornais, estava totalmente desatualizado, o meu mundo era outro, o da minha cura.

Fiquei sabendo que o jogador de futebol do Santos, o Narciso, tinha leucemia, pelo Zé Povinho.

O Sr. MARTE tinha um *discman* com um “baita” transformador de 220 para 110V. Certo dia, quando era feita a assepsia do quarto, ele guardou o *discman* dentro da gaveta do criado-mudo, e naquela movimentação de tirar e colocar os móveis, o seu *discman* abriu a tampa, e ficou travado dentro da gaveta. Se forçasse a gaveta estragaria o *discman*. Foi um perereco e tiveram de arrancar a tampa por trás do criado-mudo e salvar o *discman*.

A assepsia do quarto era feita uma vez por semana, tirava-se tudo de lá, primeiro os pacientes, depois os colchões, as tralhas, tudo, exceto as camas.

Vinham duas moças da limpeza e começava a caça às bactérias e vírus que durava em média 40 minutos, e nós pacientes, do lado de fora, assistíamos à cena eufóricos, cada bactéria que morria era uma festa, fazíamos até a “hola”.

Tinha umas que quando a contagem estava próxima do 10, levantavam e começava o próximo *round*.

Certa noite, o Sr. MARTE desconectou, dormindo, o soro, e começou vazar sangue pelo cateter. Seu corpo e sua cama ficaram em estado deplorável, parecia filme de terror, sangue para tudo quanto era lado.

Lembro-me que ele sempre frisava que a palavra cateter é oxítona, pronuncia-se “catéter”. Ele estava certo, embora a maioria fala “catéter”, inclusive eu.

Sempre fui cuidadoso e evitava movimentos bruscos, mas, às vezes acontecia, e cheguei a dar uns trancos na mangueirinha que estava conectada ao cateter, automaticamente você pára ao sentir dor e susto. Dizem que devido aos pontos é muito difícil de arrancar o cateter acidentalmente.

Deve-se ter cuidado ao descer do leito, para não escorregar. O leito fica alto, dependendo do colchão usado.

Friso que os leitos de hospital têm ajustes para uma posição mais confortável do paciente. Solicite à enfermeira ou acompanhante para ajustar o seu leito.

Fui notificado que iria fazer a tão falada “quimioterapia pesada”.

Dra. Fernanda ficou à minha esquerda, com o aparelho de pressão preso ao meu braço, e usando o estetoscópio; a enfermeira ficou à minha direita e mais parecia um astronauta, quando trouxe o frasco de “químio”, envolta em um saco opaco, pois ela era fotossensível. Após o sinal verde da médica, abriu a torneirinha.

Duração aproximada: 20 minutos. A bichinha era braba mesmo, pois a cada minuto minha pressão arterial caía, e parecia que eu ia desmaiar, sentindo meu corpo cair num abismo e emergir em seguida. Urinava a cada cinco minutos no “compadre”, sentia falta de ar, calor e suava frio, parecendo que ia morrer. O que me tranquilizava, e muito, era a presença da médica o tempo todo ao meu lado.

Terminou logo o martírio.

Cidinha estava trabalhando e fez uma falta!!!

Nos dias seguintes não tive nenhuma reação.

Toda manhã, religiosamente, por volta das sete horas, alguém vinha coletar meu sangue, na veia do braço e não no cateter, no próprio leito do hospital, para fazer o hemograma, que definiria quando estaríamos prontos para a coleta de células. Isto sempre acontecia no momento exato que me preparava para dormir.

O cateter era exclusivo para a coleta de células, e futuramente para o transplante, se conseguisse resistir sem infeccionar. A medicação era via soro e via oral, mas coleta de sangue era na veia do braço. E cadê a veia?

E os dias de internação iam se acumulando, eu não marcava na parede do quarto, como os presidiários, mas tinha um papelzinho onde registrava, todas as manhãs, quantos dias estava internado, e a data do dia.

Nessa época, ficou internado no mesmo andar em que eu estava, um presidiário, o Sr. Terra. As más línguas diziam que ele era traficante, tinha leucemia, andava sempre acompanhado de um policial militar, 24 horas por dia, e no leito tinha sempre um braço algemado.

Uma enfermeira contou-me que, certa vez, perdeu-se a chave das algemas, então o policial pediu um clipe de papel e rapidamente conseguiu abri-las.

O que era temido, embora eu não acreditasse nessa hipótese, seria o presidiário pegar uma agulha de injeção, colocar no pescoço de uma enfermeira, e usá-la como refém.

Num domingo, fora do horário de visita, deram um violão para um paciente lá no fim do corredor, que tocava e cantava muito mal. Pensei comigo: “Fazer o quê, deve ser o seu último desejo.” (Isto não é humor negro, é realidade, nós pacientes satirizamos a morte.)

Nesse período que antecedeu à coleta de células, diariamente vinha um estudante de medicina me examinar e conversar comigo. Então, enchia-o de perguntas e ele adorava, e eu também, já que é mais fácil conversar com um astronauta em órbita do que com um médico.

Já estava internado há 17 dias, quando veio a boa notícia, logo de manhã, às 7 horas, na troca de plantão das enfermeiras, tomaria banho e iria para a coleta de células, a famosa Aféreses.

Eu e o Sr. MARTE nos aprontamos e descemos em duas macas até o pátio das ambulâncias, onde fomos sentados na parte traseira. O trajeto era curtíssimo, estávamos saindo do hospital para ir até o Hemocentro. Chegando lá, fomos colocados novamente em duas macas e subimos até o 2º. andar, no Setor de Aféreses.

Fui muito bem recebido pelo “Trio Parada Dura”, Eduardo, Mariuce e Iara (Meu anjo! Meu amor! Minha quiiiiida! Minha flor! Meu doce!), para os mais íntimos, Mimi, Cocó e Ranheta; faltava o Tisil, que era o paciente.

Colocaram-me numa cadeira de astronauta, ao lado de uma máquina que mais parece um fliperama, aqueles de *pinball*.

O sangue do paciente entra em um *kit* descartável que é colocado nessa máquina. Quando entra o paciente seguinte, não há nenhum contato do sangue de um com o outro, pois, como já disse, o *kit* é descartável e custa aproximadamente US\$ 300 (não paguei nada), e é usado um novo toda vez que o paciente é conectado à máquina.

Aprendemos na escola que o sangue tem algumas funções básicas: levar oxigênio dos pulmões até as células, levar nutriente do intestino grosso até as células, limpar as células e expelir as impurezas através dos rins; cicatrizar um corte e combater invasores nocivos ao corpo (vírus, bactérias etc.).

Nosso corpo tem em média cinco litros de sangue.

Mas analisando superficialmente a hematologia, notamos que tem muito mais coisas do que isso.

Algumas curiosidades...

A corrente sanguínea só foi descoberta em 1625, antes disso, pensava-se que o corpo era apenas um recipiente cheio de sangue, sem contar que os micróbios foram descobertos só em 1675 e só 200 anos mais tarde, em 1875, foi descoberto que alguns poderiam causar doenças. Reflita sobre isto. Quando a Bíblia foi escrita, não se sabia que o sangue circulava pelo corpo e que existiam micróbios, bactérias e vírus, e a catalepsia!

Vejo a medicina cada vez mais ramificando-se em especializações, devido à complexidade do corpo humano. Daqui a uns anos teremos médicos especialistas única e exclusivamente em leucócitos do dedão do pé esquerdo de crianças do sexo masculino. Isto não é profecia nem piada.

Como eu sou são-paulino, tenho glóbulos vermelhos, brancos e pretos, certo!?

Voltemos à coleta de células... Essa máquina usa a força centrífuga, e colhe uma parte do seu sangue, que ainda está bom, devolvendo o restante ao nosso corpo (caso contrário, morreríamos). Uma mangueirinha é conectada ao seu cateter. No corpo são colocados alguns sensores que, acredito eu, são para indicar pressão arterial, batimentos cardíacos etc. Inicia-se a coleta. A máquina tem um *display* com vários dígitos, parece um

placar de fliperama, e o sangue coletado vai sendo dirigido para algumas bolsas, que ficam penduradas nessa máquina. Essas bolsas contêm o sangue que será usado futuramente para o transplante de medula óssea. É uma bolsa de hemácias, uma de plaquetas, uma de plasma e outra de leucócitos. O que é seu, é seu, ninguém tira. O que foi extraído do seu organismo voltará a ele no transplante, enquanto isso ficará armazenado em nitrogênio líquido.

O pessoal de Aféreses é muito simpático e sorridente! Também pudera, ganham bem e não têm contas para pagar. Como sou um esfomeado, serviram-me vários lanchinhos de queijo e eles se alternavam na copa para me atender.

Quando foram conectar a máquina ao meu cateter, ele estava entupido.

Mexeram de cá, puxaram para lá, e nada, até que resolveram chamar o Dr. André para resolver o problema.

Ele, delicadamente, com sua mão de pedreiro, tirou os pontos do cateter e deu um leve giro no bichinho, aí então, senti uma dor insuportável, mas não estava resolvido o problema. Então, nesse dia, foi feito direto na veia.

Enquanto a Mariuce procurava desesperadamente minhas veias que tinham sumido, o médico veio e apontando para minha jugular disse: “Olha que veiona boa aqui!!!”

Só teria de suturar novamente dois pontos, mas isso seria feito no meu leito lá na Hemato. E assim foram, sem anestesia, pois ela dói mais que a própria sutura. Dr. Paulo cuidou do assunto e, devido à falta de enfermeiras naquele momento, teve como assistente de enfermagem a minha querida Cidinha.

Quando eu enchia o saco do pessoal de Aféreses, o Eduardo, que é biomédico me ameaçava: “Vou chamar o André, hein!”

Fiquei sentado na máquina umas duas horas e meia, depois me encaminharam ao quarto pelo mesmo processo (maca, ambulância, maca). O resultado da coleta de células só sairia à noite.

O objetivo era coletar cinco mil não sei o quê, este é o termo correto que nós pacientes usamos, mas o termo técnico é 5000 vezes 10 elevado à 6ª. potência por Kg de CD34 (um tipo de leucócito), e informaram-me que tinham coletado 600.

Nessa noite, tive febre alta, com tremores e meus lábios ficaram roxeados embora eu pensasse que estava tudo bem. Quando Cidinha chamou a enfermeira, que imediatamente notificou à médica plantonista, o problema foi resolvido, mas colocaram oxigênio em meu nariz, senti um pouco de dor e cócegas na colocação da mangueirinha, e um pouco de alergia pois a mão da enfermeira estava com perfume. A enfermeira disse-me que atingi 42° C de febre. Nem bebês podem atingir essa graduação, pois entram em convulsão e, por consequência, vem a parada cardiorrespiratória. Penso que o seu termômetro estava com defeito, embora eu estivesse com febre alta.

Durante um bom tempo, eu fiquei no balão de oxigênio, e minha esposa fazendo compressas (devagar!) com álcool em minhas axilas e virilhas, até a febre baixar.

Devido à febre, concluíram que estava com infecção no cateter, coletaram duas amostras de sangue, uma do cateter e outra da veia do braço, e acabaram por retirá-lo do meu peito, num processo mais simples que a sua colocação.

A enfermeira corta os dois pontos e puxa-o para fora e estanca o sangue com uma gaze por alguns minutos, pressionando com bastante força, chegamos a afundar no leito. Quando ele é retirado, a gente vê que tem uma mangueirinha de mais ou menos uns 20 centímetros, que estava dentro da sua veia.

O cateter do Sr. MARTE também infeccionou, e foi tirado no mesmo dia que o meu, porém o dele foi primeiro.

Sem o cateter de Hickmann no peito, providenciaram-me outro mais simples, em minha virilha.

Vieram cinco médicos para o espetáculo, dentre eles os Dr. Paulo e a Dra. Fabíola. Pediram que todos saíssem do quarto, inclusive o meu companheiro de quarto o Sr. MARTE. Cobriram-me com um pano de cirurgia e fiquei nu sob esse pano. O Dr. Paulo fez algumas tentativas, não conseguiu achar a veia; foi então que Dra. Fabíola resolveu o problema. Não senti dores, pois anestesiaram o local.

No outro dia, retornei à Aféreses, e o novo cateter na virilha deu problemas, e eis que surge a Dra. Ana Cláudia, com sua mãozinha de pedreiro, cortou os pontos e lá vou eu, quase batendo com a cabeça no teto, de tanta dor. Mas tudo bem.

Queria esganá-la, mas como devo minha vida a ela, lembro-me da “loirinha” lá na internação de emergência e acabei deixando pra lá...

Apuração: Colhi mais ou menos 600, de novo, acumulado: 1.200.

O resultado do exame do sangue do cateter deu positivo. Tinha pegado uma infecção por uma bactéria braba. Colocaram até uma plaquinha na porta do meu quarto: “Cuidado com a bactéria tal, ela é perigosa.” Logicamente usaram termos científicos, que não me lembro ao certo, mas o aviso era sério. O acesso ao quarto foi restrito, mas dentro de alguns dias sairia dali.

No outro dia, a mesma ladainha, só que deu tudo certo, não precisou chamar nenhum médico para resolver os problemas do cateter. Só que, dessa vez, fiquei na cama, em vez da cadeira, apenas por problemas burocráticos, já que eu estava bem.

Mas estava traumatizado com as mãozinhas de pedreiro, e tão logo a Dra. Simone aproximou sua mãozinha do cateter na minha virilha, soltei um sonoro “isssssssssssssss!!!!”, mesmo não sentindo dor, mas ela levou um susto e que susto.

Minha vingança tardou, mas chegou.

Colhi umas 1.100, acumulado: 3.300.

Como estava com imunidade baixa, tomava injeções subcutâneas de Granulokine, normalmente na coxa, que são glóbulos brancos (leucócitos). São injeções minúsculas em dosagem (ml) e maiúsculas em preço, US\$ 300 cada, mas não pagava nada, aliás na UNICAMP não tive nenhum gasto.

No outro dia colhi 1.300. Acumulado: 4.600.

Nessas minhas idas de ambulância, lembro-me que uma vez o assoalho estava cheio de água, e não percebendo pois o Sr. MARTE avisou-me tardiamente, molhou um chinelinho de pano, sem vergonha, que eu tinha.

Outra vez, tinha ido de maca na ambulância, e quando foram fazer o desembarque, um dos artistas titubeou e eu quase caí com maca e tudo. Era só o que me restava: estar prestes a fazer um transplante de medula óssea e morrer com traumatismo craniano!

Como faltava pouco para atingir a meta dos 5.000, o Eduardo, gente finíssima, foi trabalhar no sábado, e após uma hora na máquina. BINGO. Atingi os 5.000.

Devido o fato de ser sábado, o transporte de maca e ambulância é mais moroso, e acabei ficando no Aféreses, mais de uma hora, aguardando a ambulância. Comecei a sentir-me mal, com tonturas mas devido à fome. A famosa hipoglicemia, queda da taxa de glicose no sangue.

Aos sábados, não tem serviço de copa, então o Eduardo retirou o meu soro comum, e colocou soro com glicose. Resolveu momentaneamente o meu problema de fome.

Tão logo voltei para o meu leito no quarto da Hemato, fiquei aguardando a alta, que viria só no domingo. E veio.

Ligamos para Tecão e Andressa, e eles foram buscar-nos.

Despedi-me do Sr. MARTE e de sua namorada, e saí do hospital andando, usando máscara.

Usava dois tipos de máscara, uma de cada vez, uma bicolor, cujo lado laranja deve ficar para cima e o lado branco para baixo, esta é mais quente e tem elástico para prendê-la na cabeça, semelhante às máscaras de Carnaval ou aniversário, e a outra de pano, que tem tirinhas para darmos laços na parte de trás da cabeça e não nas orelhas. Para retirar a máscara de pano, basta puxá-la com força moderada que ela rasga, não há necessidade de soltar os lacinhos. Sobre o nariz, existe uma haste flexível que você aperta com os dedos e ela modela o contorno do seu nariz. A máscara deve ser guardada em lugar próprio e não deve ser reutilizada.

Nesses 20 dias que fiquei internado, não fumei um cigarro sequer, não senti vontade de fumar e por incrível que pareça, eu tinha na gaveta do criado- mudo um maço de Hollywood aberto, e sempre o via.

APÓS A AFÉRESES

Cheguei em casa. Após 20 dias. VINTE dias ausente. Parecia o ET do Spielberg:

“Miiinha caaaasa!!!”

Aqui vale lembrar, galera, que quando um paciente retorna para a sua casa e entra em um período de convalescença, deve-se evitar as visitas, mesmo que sejam rápidas. Demonstre seu carinho e afeto para os seus familiares que irão retransmitir ao paciente no momento certo. Mande cartas, bilhetinhos e presentes,

mas evite aquela balbúrdia e a chatice de ficar entrevistando o paciente. Sem contar aqueles que abraçam o paciente como se fosse um tamanduá, usam telemensagem e fazem “Loucuras de Dor”, reúnem quatro amigos e jogam o paciente para cima como se fosse um técnico campeão.

Simancol é bom e conserva os dentes!!!

Voltei à UNICAMP em poucos dias, para buscar as famosas injeções de Granulokine e retirei-as na Farmácia de Alto Custo, que fica ao lado do hospital. Subi até à “Hemato”, tomei uma injeção e trouxe algumas para a casa, dentro de uma embalagem de isopor com gelo, que a própria Hemato me forneceu, deixei-as na minha geladeira e que foram aplicadas pela minha vizinha, amiga, farmacêutica e curandeira Marilena, de graça!

Essa injeção é tão pequena que já vem pronta para ser aplicada, só faltando a agulha, que é um pouco menor que um termômetro clínico comum.

Quando estava entrando na “Hemato”, encontrei o Sr. JÚPITER, um senhor de idade, que esteve internado no quarto ao lado durante o tempo todo que fiquei para coletar as células. Ele estava muito contente pois iria ter alta naquele dia.

Voltei ao Hemocentro para consultar-me e em uma semana não tinha tido nenhuma reação. Estava com imunidade baixa, falta de plaquetas, e era preciso cuidar-me para não sofrer ferimentos, pois com a falta de plaquetas não existe cicatrização e uma hemorragia é letal, nessa situação.

Com imunidade baixa evitava os apertos de mãos, cumprimentava as pessoas como os japoneses fazem.

Dra. Fernanda alertava-me, que hora menos hora, a quimioterapia (aquela braba) iria causar algum tipo de reação em meu organismo.

Voltei na semana seguinte, a imunidade continuava baixa e havia 15 dias que tinha saído do hospital. Consultei-me e nada da reação.

E a Dra. Fernanda mais uma vez, foi categórica: “aguarde e verá!”

Em casa, tarde da noite, comecei a ter sensações estranhas, como cachorro mordido por cobra tem medo de lingüiça, fiquei apavorado, face àquela minha internação de emergência. Apavorado não, preocupado.

Comecei a ter uma dor forte nos testículos, que foi subindo para o abdome, lado esquerdo e, de repente, começou a doer desde o dedão do pé até a testa.

E foi aumentando, aumentando, até que não deu mais. Tecão e Andressa, nossos queridos vizinhos, levaram-nos para o pronto-socorro da UNICAMP. Eu me contorcia todo no carro.

No Pronto-socorro, foi necessário aguardar até que contatassem a equipe do transplante. Foi feito exame de urina e a médica do PS deixou-me constrangido, pois ao examinar o meu abdome, deu-me um leve apertão no saco escrotal. Não doeu, embora com a dor que eu estava sentindo, se me chutassem o “saco”, eu iria até sorrir.

Contorcia-me na maca e não tinha posição para ficar. Queria pôr os pés na cabeça, nada resolvia.

Encontramos a esposa do Sr. JÚPITER que estava indo para casa e Cidinha aproveitou para atualizar as fofocas, mas não deixou que ela chegasse muito perto pois corria o risco de ser avançada e mordida, tal era a minha dor.

Tão logo saiu o exame de urina, aplicaram-me um Buscopan “direto na veia”, e vivemos felizes para sempre.

Acionamos minha outra vizinha, Dona Elza, que tinha o carro para buscar-nos, mas faltava o motorista. Então ela chamou o Cido, o outro vizinho, que com sua mulher Célia fizeram uma pequena excursão até o PS da UNICAMP.

Minha consulta no Hemocentro estava marcada para o dia seguinte e fui atendido pelo Dr. Paulo, que ao ouvir a narração dos meus sintomas concluiu que se tratava de uma cólica renal e que somente o Buscopan Composto (pois contém dipirona) é o medicamento ideal.

Como nunca havia tido cólica de rins, desconhecia os sintomas. Hoje, mediante o primeiro sinal, já tomo o tal Buscopan Composto (aquele que tem dipirona) e em 20 minutos está tudo resolvido.

Passado alguns dias, surgiu o tal sintoma, só que o “pangaré” aqui, ao invés de tomar Buscopan COMPOSTO, tomou Buscopan comum. Conclusão: Tive de ficar com dor, durante 6 horas, para poder tomar o Buscopan Composto.

Hoje tenho um vidro de Buscopan composto, guardado dentro do cofre, para qualquer emergência.

Foi a única reação que apresentei após a quimioterapia pesada. Apenas esta.

Fiquei em casa, e consultava-me semanalmente na UNICAMP, aguardando a convocação para a segunda quimioterapia do pré-transplante, que não seria tão violenta como a primeira.

A Associação de Bairro de onde moro, por intermédio de nossa amiga Rose e seu irmão Vagão, começou a organizar um bingo beneficente. O comércio local doou várias prendas, simples mas de boa aceitação e a prenda maior foi uma bicicleta nova. Foram vendidas mais de mil cartelas, graças à ajuda de minha filha Daniele. Recebi todo o dinheiro arrecadado, sendo uma parte resultante das vendas antecipadas e a outra, no dia do bingo.

Infelizmente não pude participar do bingo, pois não podia ter contato com aglomerado de pessoas mas levei Cidinha de carro e pude ouvir, por meio do alto-falante, que eu era portador de leucemia. Pedi, então, a Cidinha que os corrigisse, já que a minha doença era linfoma.

Era proibido: contato com aglomerado de pessoas, contato físico com outras pessoas, inclusive aperto de mão, nadar em piscinas, rios ou praias, e jamais chegar próximo de pessoas doentes ou gripadas. Tudo isto, devido à minha falta de imunidade e que me obrigava a usar máscara com frequência.

Voltava uma vez para casa, e andava umas cinco quadras desde o ponto de ônibus, estava de máscara, quando notei de imediato que estava sendo seguido por um menininho de uns cinco anos, apertei o passo, e ele também, pensei logo em assalto, brincadeira, após me olhar insistentemente, pensando talvez que eu fosse um super-herói, criou coragem e perguntou-me:

– Por que você está usando isto? E eu, docilmente, respondi-lhe: – É que eu sou um artista famoso e não posso ser reconhecido na rua. E ele me olhando de cima embaixo, fez uma cara de reprovação, virou-se e voltou para trás.

Nessa época, recebíamos ajuda de várias pessoas, ganhávamos cestas básicas e leite “in natura” da Prefeitura Municipal.

Não sou mal agradecido, mas muitas pessoas acham que dando uma única cesta básica a fome do mundo está eliminada.

Consegui isenção do IPTU por um período de dois anos, por intermédio da Assistência Social da Prefeitura.

O sogro de Daniele, Sr. Lélis, arrecadou uma graninha na empresa que ele trabalhava.

Alguns dos meus cunhados ajudavam-nos, mensalmente, com uma boa quantia em dinheiro.

Minha mãe, Dona Cleide, também arrecadou uma graninha em sua cidade.

Comecei a trabalhar na minha oficina, com os devidos cuidados, e com horário preestabelecido.

Sou muito dinâmico, e não consigo ficar à toa. Fiz muitas coisas em casa, sempre com a ajuda de meu filho Gustavo. Chumbamos a lixeira na calçada, pois um motoqueiro derrubou-a, teve leves escoriações (a lixeira), fizemos um grande varal para as mulheres da casa estenderem as roupas, coisa muito linda, tecnologia de ponta. Quando manuseava ferramentas usava luvas de pano e máscaras. E dependendo da situação usava luvas cirúrgicas, aquelas de látex, as mesmas que vi muitas vezes as enfermeiras fazendo bexigas para alegrar as crianças, que mais pareciam as tetas de uma vaquinha do que propriamente uma bexiga.

Vinte e quatro dias após a alta da coleta de células, fui convocado para fazer a segunda “químio” do pré-transplante.

Como sempre, peguei minha trouxinha e dirigi-me à UNICAMP, acompanhado de minha adorável esposa, pessoa especial, carismática e dona de um coração maravilhoso.

Dei entrada na HEMATO à noite, embora estivesse “bem” de saúde, inventei umas desculpas para que deixassem Cidinha como acompanhante, pois ficaria internado de três a cinco dias.

Naquela noite, soube, por intermédio de uma enfermeira, que o Sr. MARTE, aquele meu companheiro de quarto na coleta de células, havia morrido.

Como a internação era rápida, não deixei de fumar, e frequentava com uma certa assiduidade o fumódromo próximo aos elevadores. Procurava esconder dos médicos e mesmo sendo flagrado várias vezes, nenhum teceu quaisquer comentários. Normalmente, quando ia fumar, colocava um cigarro preso ao calção (roupa do hospital), o fósforo na mão, e saía todo tranqüilão, embora minha orelha ficasse fervendo de tanto Cidinha ficar buzinando, que cigarro é isto, causa isto etc. Mais parecia um papagaio de pirata.

No dia seguinte, logo pela manhã, Dr. Erich veio comunicar-me que estava faltando o medicamento para minha quimioterapia, e demoraria talvez uns três dias a chegar, e sorrindo, perguntou-me se eu aguardaria a chegada do remédio, internado ou em minha casa. Tive alta imediata, coloquei uma máscara e voltei para casa, sozinho, usando um ônibus executivo que sai da UNICAMP, direto até Sumaré. Dr. Erich solicitou-me que entrasse em contato com a “Hemato”, no prazo de três dias.

Como era época de Carnaval, acabei não ligando e fui novamente convocado na semana seguinte.

Mesma historinha: peguei minhas tralhas e lá fomos nós para a UNICAMP, à noite, de ônibus intermunicipal, é rápido, leva-se uns 40 minutos.

Já na UNICAMP, fui encaminhado para um quarto, setor de Hematologia.

Pensei que iria dormir sem soro, pois no dia seguinte seria colocado o cateter em meu pescoço. Enganei-me.

Veio um enfermeiro, cujas mãos pareciam mais de trocador de pneu de caminhão (tipo físico), e “craul!”: perdeu a veia e aí, meu amigo, dói pra caramba, aliás, queima, parece que colocaram uma ponta de cigarro aceso em seu braço. Fazia apenas uma cara feia de dor, mas agüentava firme. Cidinha e o pessoal que estavam no quarto ficaram penalizados mas eu tranquilizava-os dizendo que estava tudo bem. O mesmo enfermeiro foi tentar no outro braço e a mesma situação se repetiu. Graças a Deus, ele desistiu e chamou a chefe da enfermagem, para achar a veia neste pobre infeliz. Ela veio, errou a primeira, mas acertou na segunda!

Nós pacientes, que fizemos quimioterapia, comumente chamada de “químio”, e para os especialistas apenas QT, temos problemas sérios com as veias, elas somem, enfraquecem, ficam duras ou moles, tal qual borracha. Somente a equipe do Hemocentro é especialista em achar nossas veias, o pessoal do hospital, em geral, não tem esta habilidade. Há enfermeiras que, quando não as encontram, não assumem a sua incapacidade, e culpam o paciente, dizendo:

- Não fique nervoso ou tenso, que as veias somem!
- Finge que você está morto que eu acho a danada!
- Amorrrr, colabora vai! Assim não dá...
- Vire de lado, põe o pé na cabeça que eu acho a veia!
- Não respire, vamos brincar de estátua. Já!

E ficam cutucando-nos, até achar a bendita, e a gente sofrendo!

Normalmente, no caso de pacientes especiais como eu, são usadas agulhas especiais com seringas a vácuo (que puxam o sangue). São as famosas “butterfly”, pois têm o aspecto de uma “braboleta”, e muitas vezes, chegam a usar agulhas próprias para bebês recém-nascidos. Exceção é quando se faz tomografia, é aplicado o contraste, que é um líquido grosso, aí não tem jeito, tem de ser aquele agulhão, que mais parece bico de encher bola de capotão.

Tinha uma enfermeira míope que comprava óculos não por grau, mas por quilo, quando ela chegava, alerta geral! Ela ia ler a etiqueta do soro, parecia que estava cheirando o frasco. Também sou míope e tenho astigmatismo, deixei de usar óculos, pois minha miopia regredia devido à idade, só uso óculos para ler aquelas letrinhas iguais daqueles contratos que assinamos nos bancos.

Naquela noite, tive como companheiro de quarto um fazendeiro de Goiás, muito pedante, ficava o tempo todo esnobando, mas fiquei na minha. Ele dizia que tinha gastado não sei quanto num hospital paulistano, e tanto no outro, que veio de avião fretado de Goiás para São Paulo, que veio de helicóptero do São Paulo até a Campinas e que alugou uma mansão em Barão Geraldo para abrigar suas visitas, que também viriam de avião fretado, e blá, blá, blá. Eu quase lhe perguntei se quando morresse, também iria para o céu de avião fretado.

Ele tinha uma bolsinha de excreção no abdome e sentia muitas náuseas.

Constantemente o seu celular tocava ou ligava para alguém querendo saber sobre suas fazendas, como estava o preço do boi gordo etc. Só não entendi o que ele estava fazendo ali num leito de hospital público, pago pelo SUS. Talvez buscando o que lhe faltava e que sobra em muitos pobres e miseráveis mortais: HUMILDADE.

Preferi lembrar de uma das maiores mentiras que já ouvira. Almoçando com várias pessoas, um executivo disse que fazia um vôo trazendo gado do Mato Grosso para o interior de São Paulo, e o avião teve um probleminha e tiveram de diminuir o peso da carga da aeronave, e jogaram lá de cima alguns bois.

Ninguém riu, já que o cliente tem sempre razão, mas quando ele saiu, rolávamos no chão de tanto rir. Já imaginou um boi caindo sobre a sua casa?

Um dia, encontramos-nos no Hemocentro e ele estava no meio do povão, aguardando para ser atendido, e fez-de-conta que não me reconheceu. Fiquei tão preocupado que não dormi durante uma semana.

Às vezes, eu penso que o ser humano pode perder tudo, perder os bens, a família, os amigos, a dignidade, mas não perde a personalidade. Por isso que a gente sempre vê um mendigo reclamando da sua cama de papelão, não que ele queira uma cama normal; ele reclama que aquele papelão é de uma embalagem de geladeira vagabunda e não é uma importada!

Depois do fazendeiro, veio outro companheiro, um mineiro que tinha um *trailer* de lanches em Minas. Não sei se ele era mentiroso, mas me disse que seu filhinho de apenas um aninho já sabia assoviar.

Ele estava sem a dentadura, pois tinha perdido e não sabia onde. Logicamente não sabia, pois se soubesse já teria achado.

Ele contou-me uma história que aconteceu com ele. Certa vez, quase entrara em pânico, pois o soro que estava em sua veia parara de pingar, alguém lhe dissera que, caso isso acontecesse a pessoa morreria, pois entraria ar na veia e o coração pararia. E ele, vendo que o soro não pingava, chamava pela enfermeira que nunca vinha, começou a gritar, entrou em pânico, e quase morreu de desespero.

Isso tem fundamento, mas se ficar muito tempo, sem pingar.

Nós, pacientes, temos por obrigação saber regular, mais ou menos, uma válvula de soro, até que a enfermeira chegue, ou fechar a válvula se acabou o soro.

O soro deve ficar acima da nossa cabeça evitando o retorno, que notamos quando o sangue aparece no início da mangueirinha.

Inclusive, observe que, quando a enfermeira vai regular a válvula do soro ela olha para o relógio, por alguns instantes. O segredo está no seguinte: $1 \text{ ml} = 20 \text{ gotas}$, então ela conta quantas gotas caem em 15 segundos, multiplica por quatro e tem a quantidade de gotas por minuto, divide por 20 e tem o valor em ml por minuto. Simples não? Mas pela sua experiência, ela já tem tudo decorado, tantas gotas por 15 segundos equivalem a tantos ml por hora. Observe que no rótulo do soro, além do nome do paciente, vem marcado em quanto tempo aquele frasco deverá ser tomado.

Hora da revisão: Exemplo: Um frasco de 120 ml para ser tomado em 2 h -> 60 ml em 1 h -> 60 ml em 60 min -> 1 ml em 1 min -> 20 gotas em 1 min -> 20 gotas em 60 segundos -> 5 gotas em 15 segundos. Cerrrito biscoito?

Se você gostar de matemática, e estando internado e não tiver nada para fazer, como sempre nunca tem, fique fazendo esses cálculos que o tempo passa e você nem vê.

Na próxima aula ensinarei como tratar de hemorróidas usando acupuntura.

Dessa vez fui premiado com um colchão com um buraco no meio. Oba! Até que enfim! Pedi que um enfermeiro resolvesse o meu problema, afinal de contas estava traumatizado com essas histórias de buracos em colchão, e ele parecendo mais o Hulk foi até o guarda-roupa do quarto, deu um tranco e arrancou com uma força descomunal uma tábua que foi prontamente colocada na minha cama.

No dia seguinte, Dr. Erich levou-me até a enfermaria da “Hemato”, e colocou o cateter em meu pescoço, foi muito profissional e habilidoso, me descrevia, passo a passo o que estava fazendo, a hora em que sentiria uma picada, a hora que iria doer só um pouquinho e quando terminou, praticamente não havia sentido dor. Voltei ao quarto, conectaram o soro no cateter e naquela noite fiz a quimioterapia, duração em torno de uma hora, veio envolta com um papel, pois também era fotossensível. No outro dia, retiraram o cateter, tive alta à noite e voltei para minha casa.

Nesse intervalo de tempo, liguei para a filha do Sr. JÚPITER e fiquei sabendo sobre sua morte. Tinha morrido naquele dia em que nos vimos na “Hemato”. Ele estava contente, pois iria ter alta. Tinha leucemia. Mais uma baixa no batalhão dos neoplásicos que lutam pela vida.

Hoje mantenho contato com seu genro, pois ele também é técnico em eletrônica.

Durante um mês, fui semanalmente ao Hemocentro, depois, uma vez por mês.

Aguardava a convocação para o transplante.

Encontrei o pai do SATURNO no Hemocentro que me pediu para não falar a ele que o Sr. MARTE tinha morrido. Só que antes de avisar-me, eu já havia encontrado o SATURNO, e conversamos bastante, e felizmente, pela ética, eu não lhe contei que o Sr. MARTE tinha morrido.

Tive de fazer uma tomografia e alguns processos administrativos, levar xerox de documentos e uma entrevista com o psiquiatra. Não pensem que eu estava ficando louco. É que a internação para transplante é “braba”, você fica preso em um quarto, de 20 até 90 dias, só sai do leito para ir ao banheiro. Nada de sair pelo corredor, e nada de janelas, só um vidro, com uma proteção metálica, que dá só umas frestas de visão do lado externo, visitas restritas, sem acompanhante, ar-condicionado. É proibido fumar, pois a imunidade vai a zero e sua boca enche de feridas.

Não dá nem para comer e é comum o paciente ter problemas de hemorróidas e se pegar alguma infecção é fatal. A dieta é especial, preparada por uma equipe de nutricionistas.

Fiz a entrevista com o psiquiatra que, entre aspas, era apenas um psicólogo.

Foi muito atencioso, como todos são, fez-me várias perguntas, respondi a todas e então me disse que eu estava preparado para o transplante.

Fiz uma consulta especial, fui atendido por uma médica que fazia pós-graduação em hematologia, que me disse que me acompanhava desde o dia que dei entrada na UNICAMP, apesar de não me conhecer pessoalmente. Ao me examinar, pressionou o meu abdome, senti uma dor forte. Perguntei o porquê dessa dor, me enrolaram e desisti de perguntar novamente.

Essa dor senti novamente na consulta seguinte, mas agora com o Dr. André, que me explicou dizendo ser normal por se tratar de pressão de seus dedos na região dos intestinos. Hahá! Isso não me convenceu... Na realidade, era o baço, onde até hoje eu tenho uma mancha, mas ele não quis me deixar preocupado.

Fiz tratamento dentário no Hemocentro e fui bem atendido pelo pessoal.

Tirei um Raios X panorâmico dos meus dentes, com raio de ação de 180 graus. É uma única radiografia que abrange todos os dentes.

No primeiro contato, fica uma dentista examinando e outra anotando. E os dentes são “cantados” por números, parece bingo. Dente dois patinhos na lagoa (22), idade de Cristo (33) etc. Só não tem o pai do saco (90) pois nesse caso só o tubarão que tem tantos dentes.

Lembro-me de uma excelente profissional, tem consultório em São Paulo, e estava fazendo especialização em hematologia na UNICAMP. Ela é uma palmeirense roxa, aliás verde, inclusive a última vez que estive lá, o Palmeiras iria disputar a final da Libertadores com o Boca Junior, e eu brincando lhe disse: “É mais coerente uma dentista torcer pelo Boca e não para o Palmeiras.”

A sala do dentista era muito pequena, tinha mais ou menos meio metro quadrado, eu ficava na cadeira com as pernas saindo pelo vidro da janela, às vezes, ficávamos em cinco pessoas dentro dessa salinha, só os celulares das pessoas já ocupavam 90% do espaço, e se todos ficassem ali por mais de três minutos, alguém engravidava.

A dentista parecia uma astronauta, roupa especial, luvas, óculos, máscara e touca, não cheguei a olhar os seus pés. Tudo isto para não nos contaminar. Ou não ser contaminada! (*Risos*).

Fiz tratamento em todos os meus dentes, estava preparado para ir para o transplante e não havia nenhuma cárie que colocaria em risco a minha saúde, já que não poderia ser atacado por nenhuma bactéria. Se uma bactéria “atacasse meu dente”, justamente no período de imunidade baixa, poderia ser fatal.

Tinha combinado com a Dra. Gislaine, se possível, avisar-me pelo menos uns cinco dias antes da internação, pois como tenho oficina eletrônica e estava trabalhando quase que normalmente, não poderia sair repentinamente, e deixar um monte de pepinos para minha família resolver. Ela concordou.

Um belo dia, recebo uma ligação da UNICAMP, para ir no dia seguinte, que a Dra. Gislaine queria conversar comigo.

Montei o esquema e lá fui eu ao Hemocentro.

Quando me atendeu, disse: “Você vai ser internado agora para fazer o transplante.”

Eu quase tive uma parada cardíaca.

Expliquei novamente a situação, ela não entendeu, expliquei de novo, disse que iria me colocar na lista de espera, e me convocaria depois, mas me avisaria antes, pelo menos uns três dias. Tudo bem, passado o susto, voltei para casa.

Comecei a organizar minhas coisas, de modo que se recebesse o aviso com três dias de antecedência, daria tempo de deixar minha oficina em ordem.

Após um mês, novamente recebi um telefonema da assistente social do TMO (Transplante de Medula Óssea) para estar naquela noite na UNICAMP pois seria internado para fazer o transplante.

Comecei a tremer, gaguejar, suar frio, mas consegui explicar à assistente social, via telefone, o que eu havia combinado com a Dra. Gislaine. Ela pediu que aguardasse um instante pois iria falar com a Dra. Gislaine. Aguardei uns dois minutos e ela finalmente me disse: “Venha aqui amanhã conversar com a Dra. Gislaine. Comentei que devido ao horário, não conseguiria reservar a perua da Prefeitura para o dia seguinte, e, então, combinamos que eu iria em dois dias.

E fui. Encontrei com a Dra. Gislaine no corredor do setor de Quimioterapia, e ela categoricamente me disse: “Você será internado hoje para o transplante.”

Assim, na lata! Fiquei verde, azul, cor-de-rosa. Disse-lhe que não era isso que tínhamos combinado, (eles me quebrando um galho e eu sendo exigente), aleguei que não poderia ser internado naquela hora, pois iria deixar um monte de problemas para minha família resolver, ficaria preocupado e com certeza isso atrapalharia minha estada no hospital. Conclusão: Fugi novamente, pela segunda vez, do transplante. Mas ela fez um ultimato: da próxima vez não poderia rejeitar, pois o processo seria cancelado!

E assim fiz, deixei tudo organizadinho em casa e na oficina, e depois de ter fugido em maio e julho de 2000, fui reconvocado em agosto.

Em maio de 2000, a Associação de Moradores do meu bairro organizou em meu benefício, a “1ª. Festa do Pastel” e em setembro, realizaram a segunda. Nas duas festas, tivemos o apoio da Igreja Católica do Bairro, que nos cedeu o salão e a cozinha, representada pelo Sr. Raimundo e sua esposa Imaculada, e apoio considerável de José Listério, Dona Elza e Vagão. O comércio da região doou massas para pastel, carne moída, mozzarella, presunto, óleo, sal e refrigerantes.

Cidinha decepcionou-se com uma igreja evangélica a qual freqüentava, pois eles não mostraram nenhum interesse em realizar a festa do pastel, talvez porque todo o dinheiro arrecadado seria destinado a mim.

Eu estava muito bem, já não estava tão pálido, tinha parado com os medicamentos, mas voltado a fumar como já havia dito anteriormente. Meus cabelos já estavam normais.

Durante todo esse tempo, sempre entregava o meu cartãozinho de visita da minha oficina eletrônica, aos pacientes, acompanhantes, médicos e pessoal em geral da UNICAMP, mas fiz poucas amizades e conquistei poucos clientes, talvez porque não acreditassem que eu fosse ficar curado, pois muitos entraram em óbito.

Estranhamente, nessa época de tratamento, ninguém me vendia fiado e não queriam fazer seguro de vida para mim.

Fui avisado pela Cidinha que viria uma pessoa a nossa casa falar sobre o seu transplante e que levava vida normal. Fiquei apreensivo, pois estimava que isso me acrescentaria algo. Tão logo essa pessoa chegou, já tive a primeira decepção, pois não era a artista principal do episódio, era uma representante, sua mãe, uma senhora evangélica, na realidade eu queria ouvir a paciente.

Iniciou-se o “testemunho”, a mãe representava muito bem, só faltava o fundo musical, e fazia muitos suspenses, já estava bocejando, pois o assunto se estendia por quase uma hora, quando pensei que a filha tinha morrido, ufa! acabou. Não!, ela ressuscitou, e blá, blá, blá.

Após o tão esperado “The End”, notei que a sua filha era superdotada, um fenômeno, eu tinha colhido as células em cinco sessões (sua filha em uma única, o que é impossível), tive febre de 42 graus (sua filha 58 graus, na sombra), eu conhecia todos os médicos do Hemocentro (sua filha conhecia todos os médicos da UNICAMP), eu fiquei internado para coleta de células 23 dias (sua filha uma semana), minha sudorese ensopava o colchão (a da sua filha inundava o quarto), eu estava com gripe (sua filha com pneumonia dupla), e por aí vai. Conclusão: Não me acrescentou nada essa visita.

Dali uns dias, recebi a visita de uma pessoa, hoje minha amiga, a jovem Brasília. Estava apreensivo com sua história em vista da experiência anterior, mas ouvi. Uma história recheada de sofrimentos e todos os tipos de adversidades que um paciente e um ser humano podem passar em um leito de hospital, e sem ajuda.

Isso, sim, me acrescentou muitas coisas e me fortaleceu mais ainda. Sou-lhe grato por isso.

Inclusive tive de procurá-la novamente, pois alguns ficaram sabendo que ela me contou sua tragédia, e achando que tinha feito de maneira errada, me desestimulando, criticaram-na e proibiram-na de voltar a me visitar. Entrei em contato com ela, agradei a ajuda e ela voltou a me visitar outras vezes. O ser humano precisa compartilhar sofrimentos, alegrias, compaixão e amor.

Nesse período que antecedeu ao transplante, necessitei de muitas pessoas que doassem sangue à UNICAMP, nas unidades móveis que periodicamente vinham à minha cidade ou diretamente ao Hemocentro.

Muitos amigos e vizinhos colaboraram, o meu genro Ueslei ajudou bastante, convocando seus colegas de trabalho.

Fiquei sabendo do caso de uma moça que havia feito transplante de medula óssea e já levava vida normal, quando descobriu que seu noivo estava tendo um caso com uma enfermeira da UNICAMP, logicamente fora do hospital; teve uma crise emocional, a doença reincidiu e ela veio a morrer.

Em todo esse tempo que fiquei internado, sempre respeitei o pessoal do hospital, falava o essencial, não reclamava de nada e relatava qualquer sintoma para os médicos, pois se era importante ou não, cabia ao médico decidir. Limitava-me a poucas perguntas e não ficava enchendo os médicos e as enfermeiras.

Friso que muitas vezes nós pacientes ficamos com muitas dúvidas, mas não porque os médicos deixam de responder nossas perguntas, é que não sabemos perguntar.

Sem contar que às vezes temos uma dúvida e após a resposta de um médico ficamos com dez dúvidas. É que muitas vezes os médicos não sabem responder. Como eles mesmos dizem, o pior paciente é aquele que é médico.

Antes de ir para o transplante, venceu minha habilitação, e tive de providenciar a renovação de minha CNH, fiz exame de vista, mas não pude ser doador de órgãos devido à minha doença. Tirei a foto carequinha, sem sobrancelhas, sem cílios e pálido, parecendo uma banana de pijama.

No exame de vista o artista queria que eu fosse a um oftalmo num bairro distante, e eu naquele estado. Após um diplomático “bate-boca” consegui uma consulta em um oftalmo no centro da cidade.

Tive também de transferir o meu título de eleitor de Campinas para Sumaré, só que para não pagar multa, face à minha doença, teria de ir até Campinas.

Conclusão: Paguei R\$ 12,00 e não fui a Campinas. Vocês não imaginam a falta que fizeram esses doze reais!

Em muitas de minhas idas à UNICAMP, mesmo sem condição, cheguei a dar alguns trocados a alguns amigos pobrezinhos que aguardavam um vale da assistente social para tomar um cafezinho. Quando menciono isto não quero que transpareça a minha imagem de bom samaritano, mas externar minha indignação em ver o submundo que alguns pacientes vivem, sob os olhos de indiferença de muita gente.

A miséria arrebanha muitos brasileiros, que tristeza!

Nesse período que aguardava o transplante, estava em minha oficina numa boa, quando recebi um telefonema dizendo que minha filha Daniele tinha sofrido um acidente de moto. Ela estava com meu filho Gustavo na garupa. Peguei minha carteira, peguei o carro, saí voando, não fechei portão nem a casa, cantando pneus, passando por cima de todas as lombadas, imprudência? Não é hora de julgarmos isso. No caminho avistei meu filho indo de carona numa moto para minha casa, nem parei pois sabia que com ele estava tudo bem. Chegando ao local que fervilhava de curiosos, meu coração ficou apertado, quase não conseguia respirar, vi minha filha estirada na calçada. Parei o carro bem próximo, desci, fiquei imobilizado, ela estava quase inconsciente, mas tinha um rapaz socorrendo-a e imobilizando-a, parecia conhecer noções de primeiros socorros, afastei aquele bando de curiosos, chegou a ambulância, segui-a até o hospital, colado na traseira dela, e usando-a como escudo nas curvas, chegamos ao hospital juntinhos, só saí de lá com minha filhona. Só foi um susto e que susto! Na pressa acabei esquecendo o meu maço de cigarros. Viu, ele não é tão importante assim. Ela sofreu uma “fechada” de uma caminhoneta, bateu com a moto no meio-fio, bateu no muro de placas de cimento e quebrou duas placas (do muro).

Em uma das idas à UNICAMP, na perua da Prefeitura, foi uma mulher, que falava mais do que a boca e insuportavelmente alto, pois tinha uma deficiência auditiva.

Contou-nos uma história, que, quando criança, estava deitada na linha do trem e se não fosse o maquinista apitar insistentemente ela teria morrido, pois já não ouvia com clareza. Olhei para Cidinha, que estava do meu lado, com aquele olhar de sacana, e comentei, falando baixinho pelo canto da boca e com os dentes travados: “Por que o “mardito” do maquinista foi apitar, hein?”

Despedi-me dos meus barrigudinhos com o coração apertado, e bem cedinho, partimos, eu e Cidinha, de mala e cuia, rumo à UNICAMP e na perua da Prefeitura.

Não dá para descrever o que sentimos, quando saímos de nossa casa, sem saber se voltaríamos. Olhei o meu portão até perdê-lo de vista.

***Reflexão:** Era uma vez numa área descampada, uma mãe que carregava uma filhinha de dois anos no colo. De repente, começou a chover torrencialmente, e por encanto surgiu uma caverna à sua frente. A mãe não pensou duas vezes, procurou abrigo na caverna protegendo a criança. Ao entrar na caverna escura, subitamente ela se iluminou e surgiu um vulto que dizia à mulher: “Esta chuva não existe, foi apenas um subterfúgio para você entrar nesta caverna. Atrás de você existe um tesouro, e terá três minutos para pegar todas as jóias que conseguir carregar. Após este tempo, a caverna será fechada, e não existirão mais, a chuva, a caverna e o tesouro. A mulher virou-se e viu um baú, transbordando em jóias, e começou a pegá-las. O vulto pressionava-a, para ir mais rápido, pois faltavam tantos minutos, tantos segundos.*

Quando o vulto anunciou que faltavam apenas três segundos, a mulher, sobrecarregada de jóias, saiu correndo em direção à porta da caverna, que imediatamente se fechou e desapareceu. Já do lado de fora, ela pulava e gritava de alegria e após alguns segundos, ela percebeu que, apesar de todas aquelas jóias, ela acabara de perder o seu maior tesouro: esquecera sua filhinha dentro da caverna!

CAPÍTULO VI

TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA

(agosto de 2000)

Chegamos à UNICAMP, bem cedinho, e após os procedimentos burocráticos, fomos encaminhados ao “TMO” no quarto andar.

Lá, mandaram que esperássemos do lado de fora, em uma área com banquinhos, alguns coqueiros, televisão e muitos pacientes e acompanhantes.

O canal da televisão era escolhido democraticamente na base da faca ou do grito. Os pacientes em macas, cadeiras de rodas, muletas e andadores só assistiam e torciam para que o canal de sua preferência fosse escolhido.

Quando restavam duas opções era decidido na roleta russa. Os acompanhantes não podiam opinar.

Aproveitava para fumar bastante, pois a partir do momento que adentrasse a prisão, não poderia mais fumar.

A espera foi grande, uma hora e meia quase, e deu para fumar uns cigarrinhos.

Entramos, fui direto para a balança, pesagem e medição e curiosamente descobri que havia decrescido dois centímetros, confirmando aquela tese de que quando vamos ficando velhos, senis, vamos encurtando, aliás, a única que sobe é a gengiva.

A única vantagem é que quando morremos, crescemos dois centímetros, assim dizem os legistas.

Fui encaminhado ao quarto, banhei-me com aquele famoso sabonete de assepsia, trouxeram-me uma roupa do hospital, recebi 50 mil recomendações e a única coisa que eu podia fazer livremente era respirar e piscar.

Não usaria nada que viesse de fora, nem roupas, toalhas, nada. Blusas, bonezinhos e livros, por exemplo, poderiam mas deveriam ser esterilizados antes.

No banho eles forneciam o sabonete e não se usava toalhas, davam-nos um lençol para nos enxugar.

Pedi à enfermeira que me trouxesse uma tesoura para arrumar o conector da antena da televisão que estava com mau contato.

Eu e Cidinha nos despedimos.

Fiquei sozinho por algum tempo naquela imensidão de quarto, que só tinha uma cama e um armário.

Fui orientado a urinar somente no frasco (*becker*), para medir a urina, e minhas fezes, também deveriam ser feitas em uma “comadre”, para ser avaliado o aspecto físico, e em caso de diarreia seria analisada em laboratório. Não poderia comer nada fora da dieta hospitalar, nem mesmo as minhas eternas companheiras, as bolachas *waffer*.

Pensei que ficaria sozinho no quarto durante o transplante, como era a prática do TMO da UNICAMP, mas fui comunicado que à noite chegaria um companheiro, já que muitos pacientes aguardavam internação.

Confesso que fiquei preocupado em dividir o quarto, pois sozinho o risco de contaminação já é grande, imagine dividindo-o com outra pessoa. Lembrei-me do caso do Sr. MARTE, durante a fase da coleta de células. Cada cabeça uma sentença, mas como seria esse meu companheiro de quarto, faria tudo conforme a orientação médica? Felizmente, deu tudo certo, como vocês verão mais à frente, pois esse não é um livro de suspense.

Mais parece um banguê-banguê, aqueles famosos “spaghettis” italianos, mas mesmo assim o mocinho não morre no final.

À noitinha, ele chegou. Era o Sr. PLUTÃO, um jovem panamenho, que estudava na UNICAMP, é engenheiro civil. Falava pouco, e o que falava era baixo e com sotaque espanhol. “Pero que si, pero que no.” Uma pessoa muito educada, fina e amiga.

De cara ele me disse que Panamá não tem nada a ver com chapéus.

E conversamos sobre a tática americana de tornar o Panamá independente da Colômbia, objetivando a construção do famoso Canal do Panamá, que encurta a distância entre o leste e o oeste americano, e vice-versa, evitando assim que os navios contornassem o extremo sul da América do Sul. Ninguém dá nada de graça.

Como eu ficava próximo à janela, fiquei com um sofazinho para receber as visitas e me deitar de vez em quando fugindo do leito, o Sr. PLUTÃO ficou com uma cadeira, não era a “do papai”, mas era bastante confortável.

Eu fiquei encarregado de abrir as frestas da janela para que os raios de sol adentrassem, todas as manhãs.

No Hospital da UNICAMP, onde fiquei internado na Hemato e no TMO, não existem alas femininas e masculinas, só os quartos são Clube do Bolinha ou da Luluzinha. Nos corredores encontram-se pacientes de ambos os sexos.

Ambos?

Não adianta esconder os fatos dos pacientes, tem uma Rádio Peão com uma potência...

No dia seguinte, fui fazer um exame que mede a capacidade pulmonar, uma maquininha que tem um tubo que você assopra, é “não sei o quê metria” e conecta-se a um computador. Fui levado de cadeira de rodas pelo maqueiro e voltei conduzido pelo Sr. NETUNO, que também faria transplante de medula óssea halogênico, tendo sua irmã como doadora.

Nesse momento, iniciou-se uma grande amizade entre eu e o Sr. NETUNO.

Fiz uma tomografia antes do transplante e mais outros exames, nada diferente daqueles que já havia feito.

Para vocês terem uma idéia, o quarto tem as paredes com os cantos arredondados para que as bactérias e fungos não se alojem nas frestas das quinas.

Quando saímos do quarto para fazer um exame, é montado um esquema todo especial, máscaras e tudo mais. Normalmente os exames são feitos de madrugada, fora do horário de atendimento ao público, exceto emergências.

No segundo dia, queria desistir, queria fugir dali, tal era o meu desespero.

Deram-me um amansa-louco (o famoso Diazepan), fiquei sonolento, mas desesperado do mesmo jeito. Então o Dr. André quando veio consultar-me, rotina de todas as manhãs, notou meu estado emocional, e disse que se eu quisesse desistir teria de ser naquele momento, pois após a colocação do cateter e a quimioterapia, só sairia dali com mandado judicial.

Pensei por um segundo e disse-lhe que continuaria. Sou macho. Estava na reta final e desistir, naquele momento, seria uma covardia. O pior já havia superado e estava a poucos metros da linha de chegada...

Nesse mesmo dia, o Dr. André colocou-me o cateter no pescoço, no próprio leito, rapidinho e sem dor aparente.

Até tomar a “químio” eu estava bem, levava vida normal, e o banho era o meu maior divertimento, parecia um pato debaixo daquela ducha, com regulagem de pressão e água fervente e geladíssima.

Tomava banho com a porta fechada, porém era recomendado que não a trancasse, para facilitar uma possível emergência.

No dia seguinte, já tomaria a primeira quimioterapia que, no total, eram seis, de duas horas cada, duas vezes ao dia, uma à tarde e outra à noite. Tomei-a sem maiores problemas, como eles dizem, não tive intercorrências.

Como a minha imunidade começaria a cair, me proibiram de fazer a barba, pois havia o risco de cortar-me, e não ter plaquetas suficientes para cicatrização.

Dividia o banheiro com o Sr. PLUTÃO, e quando eliminávamos fezes, um avisava o outro, e o banheiro só era liberado após a enfermeira examiná-las. No nosso caso teríamos de evitar esse contato com o ambiente que tinha fezes expostas.

A “químio” do meu companheiro de quarto era mais complicada, pois teria de tomar, um a um, cerca de quarenta comprimidos, uma vez à tarde e outra à noite, e os tais comprimidos eram grandes, tinham um centímetro de diâmetro e dois mm de espessura, e se vomitasse, a enfermeira viria para contar e repor a mesma quantia até que o efeito nauseante passasse. Chegou a vomitar em duas sessões.

A previsão dos médicos era que o Sr. PLUTÃO tivesse alta antes, pois sua patologia e respectiva quimioterapia eram diferentes, mas acabou tendo muitas complicações.

Teve muitas feridinhas na boca (a famosa mucosite), não conseguia mais comer, tiveram de aplicar alimentação parenteral, um frasco grande e de coloração branca conectado ao cateter onde o paciente é “nutrido”.

Como não conseguia nem cuspir, ficava o tempo todo com um sugador bucal, igual aos que os dentistas usam. Sentia muita dor, aplicavam-lhe morfina, mas depois de alguns dias ele preferiu a dor ao invés da medicação que lhe causava alucinações, tipo ver jacaré azul na parede, elefante cor-de-rosa no pé da cama. Isso foi verdade.

Ouvi uma vez um médico falando na televisão, que hoje os pacientes não sentem mais dores devido ao c., pois existem analgésicos poderosíssimos, dentre eles a morfina. Mas muita gente é contra o uso da morfina nesses casos, pois o paciente fica sem dor, não reage à doença e acaba morrendo. O que dizer sobre isso???

Não sentia falta do cigarro, não tinha ânimo para nada, nem para ler os livros que meus filhos me levaram, escolhidos por mim mesmo. Raramente lia uma revista velha, pelo que tenho um *frisson*.

A terapia ocupacional providenciou-me um tabuleiro de xadrez, ensaiei várias vezes e nunca terminei uma partida. Sempre gostei de jogar sozinho, pois aumenta a criatividade, possibilitando novas jogadas nas quais sabendo-se a estratégia acabam sendo destruídas. O problema de jogar sozinho é que dá muita briga, muita discussão.

A abstinência alcoólica, que não é o meu caso, causa visões no paciente, que os médicos, chamam de liliputianas, nome este que tem origem naqueles homenzinhos das Aventuras de Gulliver. Isso aqui também é cultura.

A televisão só sintonizava a Globo, que só assisto quando é jogo de futebol, pois nem Fórmula Um, que com a morte do Senna perdeu a graça, visto que ele chamava o Schumacher de cego e o Nika Hakkinen era piloto de teste dos seus carros. Comecei a assistir “Malhação”, “O Cravo e a Rosa” (até que gostei!) mas “Uga Uga” era dose para leão! “Laços de Família” achava sem graça, pois a Camila não tinha ficado doente ainda. Somente depois que voltei para a casa comecei achar interessante a mensagem de “Laços de Família”, que esclareceu muita coisa para o público, que até então pouco sabia sobre as doenças do sangue.

Ela era a Camila de “Laços de Família”, eu era o Camelo de Nós Cegos de Família.

À noite, discutíamos qual seria o melhor horário, e acionávamos o “timer” da televisão.

Dormíamos “tranqüilos”, pois as enfermeiras não acendiam a luz do quarto para nos medicar, e mexiam em nossos corpos com muita delicadeza. Raramente acordava com alguma enfermeira mexendo no meu cateter.

No sétimo dia, me deu uma crise de desespero pois não agüentava aquela prisão, era da cama para o banheiro, do banheiro para a cama. Meu ânimo estava zerado, mas queria sair dali. Foi quando o Dr. André veio consultar-me, e tive uma crise de choro, daquelas de até soluçar, ele não podendo fazer nada, chamou o psiquiatra (psicólogo) e conversamos bastante no quarto, e a poeira baixou um pouco. Essa é a famosa crise do sétimo dia.

Depois disso, fiquei numa boa, se ficasse lá por 90 dias, não teria mais crise.

Igual ao casamento.

Certa vez, o Sr. PLUTÃO começou a ter uns “piripagues”, imediatamente apertei a campainha que fica sobre o leito, e a enfermeira veio numa velooocidade, e resolveu o problema.

Além dessa campainha, também tínhamos um intercomunicador próximo à cabeceira, onde nos comunicávamos com a enfermaria e vice-versa.

Alguns pacientes menos avisados assustarão ouvindo essa voz saindo da parede atrás da sua cabeça, depois de olhar para o companheiro de quarto, no mínimo pensarão que é uma assombração, face ao estressante convívio com a morte.

Soube de uma faxineira que trabalhava à noite limpando o escritório, em que eu trabalhava, isso nos anos 70, que quase entrou em pânico ao ver uma máquina de telex recebendo uma mensagem automaticamente. Dizia com olhos estatelados que tinha uma assombração “batendo a máquina”.

Para um leigo é demais assustador, pois essa máquina é eletromecânica, e de repente começa a “datilografar” fazendo barulho semelhante ao de uma metralhadora, e sinistramente o teclado começa a se movimentar mecanicamente, como se alguém estivesse “datilografando”.

Lembro-me de uma noite, acordei e notei que a mangueirinha da “químio” estava desconectada do meu cateter, vazando todo aquele líquido sobre o meu peito e pescoço. Como a medicação é tóxica, pensei que poderia causar-me algum tipo de queimadura, mas chamei a enfermeira, que imediatamente veio, conectou a “químio”, limpou o meu corpo, e nada de grave aconteceu, mas confesso que fiquei receoso.

São cinco refeições, café da manhã, almoço, café da tarde, jantar e café da noite, e sempre vinha alguém da copa com o cardápio em duas opções, no mínimo, café com leite ou chá, arroz e feijão ou macarrão, carne de vaca ou frango, bolacha ou pão, sobremesa assim ou assado, suco ou suco.

No dia da internação, a nutricionista fez uma longa entrevista, perguntando-me sobre o que eu gostava (lagosta), o que não gostava mas comia (quiabo), o que não gostava e não comia (jiló), o que eu tinha aversão (rabada... de vaca... animal...). E realmente não serviram rabada, jiló e quiabo nem lagosta.

Não podíamos estocar alimentos, após as refeições o que não foi comido é recolhido. Como eu não consigo dormir com fome, adia o meu café da noite que chegava às 19h e o devorava antes de dormir, por volta das 22h30.

A água filtrada e fervida e com bicarbonato de sódio, mesmo que o paciente não beba é trocada de manhã, de tarde e de noite.

Uma vez por semana, vinha alguém da Capelania, sempre trazendo uma boa mensagem para nós, pacientes.

De vez em quando, surgiam do nada, uns voluntários, que também levavam alguma mensagem.

Raras vezes pedia uma folha de papel e pegava minha caneta e fazia um desenho abstrato.

Comunicaram-me que “amanhã” seria feito o meu transplante. Confesso que algumas besteiras passaram pela minha cabeça, tipo: no momento que estaria recebendo aquele “sangue novo” todo o sangue do meu corpo se transformaria em água ou então coagularia todinho. Mas só foi um “flash” em minha mente, não fiquei pensando nisso, não tinha ânimo para pensar muito.

Chegou a tão esperada hora, já estava ali há 11 dias, faria o transplante de medula óssea, antes, porém, avisei minha família por intermédio do celular para fazer pensamento positivo.

Uma enfermeira conectou-me uma bolsa de sangue no cateter, que era o meu próprio sangue colhido na Aféreses, conforme eu já mencionei. Cada bolsa durava em média uns 20 minutos e foram, no total, seis delas. A emoção é muito grande, tem de ter um certo autocontrole para não chorar. No momento do transplante, só senti umas pinicações no corpo, que a enfermeira me descreveu como normal.

Terminadas as seis bolsas de sangue, liguei novamente para minha família e contei a novidade. Depois dormi como uma pedra, pois na noite anterior não tinha conseguido dormir de tanta ansiedade.

Eu não notei, mas as pessoas que adentraram no quarto durante o dia do transplante perceberam um cheiro forte, igual de garapa, e eu nem sabia que garapa (caldo de cana) tinha cheiro. Minha família, ao me visitar confirmou o tal cheiro.

Esclarecendo, o cheiro de garapa é devido ao conservante que é adicionado ao sangue, para mantê-lo guardado por um longo tempo, em bom estado.

O organismo está com imunidade zero, à mercê de qualquer contaminação, e quando aquele sangue bom entra em seu organismo é uma reação tremenda, é como jogar sementes em uma terra muito fértil, e ver a vida florescer rapidamente.

Uma hora após o transplante, fui urinar e eis que ela aparece vermelha, igual sangue. Comentei com a médica, que me disse tratar-se de hemáceas (glóbulos vermelhos) que morrem durante o transplante e são expelidas pela urina (Hematúria).

Isso foi no dia 11 de agosto de 2000, o meu dia 0 (zero), a partir daí eu estava renascendo, e no outro dia, os médicos e enfermeiras comentavam na troca de plantão, “este aqui é o senhor Wilson está no dia 1, não teve intercorrências, e blá, blá, blá”...

Nasci de novo. Vou repetir: Nasci de novo.

Agora não sou mais do signo de Escorpião. Sou Leão. Uaaaaaaarrrrrrgh!!!

Eu disse leão, não leonzinho.

Tive amnésia e me esqueci dos meus credores, mas eles não se esqueceram de mim.

Cidinha ia visitar-me todos os dias, os filhos Daniele, Patrícia e Gustavo, quase que sempre. Recebi a visita de minha sogra, Dona Maria, que mora em Santo André e que veio na companhia do meu cunhado José Borges, que não pôde entrar, pois estava muito resfriado.

Esforçava-me para transparecer algo positivo para minha família, mas me sentia aliviado quando acabava o horário de visitas. Cruel não? Eu não tinha condições físicas nem psicológicas para isso.

Evitava visita de amigos, pois sairia logo dali e estaria em casa recebendo-os.

Eu não podia correr riscos.

No dia dos Pais, inocentemente, Cidinha levou todos os ingredientes para fazer um bolo de aniversário na copa do TMO. Fiquei sem o bolo, pois, pelas normas, eu não poderia consumir nada que viesse de fora do hospital. Não fiquei triste, o que vale é a intenção. De presente, recebi um beijo de longe de cada um de meus filhos.

As visitas, antes de entrar no quarto, tinham de passar por assepsia das mãos, e se estivessem gripadas não entravam, se tivessem tido gripe ou resfriado recentemente, entravam com máscaras.

Sentia-me um pouco enjoado, mas sempre pedia sopa no almoço e no jantar, e devorava-a rapidinho e corria escovar os dentes, pois a Cidinha ficava me assustando, dizendo que se eu não me alimentasse ficaria lá por mais tempo.

Não tinha ânimo, e todos os dias vinham as “meninas” da fisioterapia, profissionais simpáticas e carinhosas. Tentava me esconder naquele cubículo que era o quarto, mas elas sempre me encontravam, e com jeitinho conseguiam que eu fizesse meio exercício de cada. Além de ginástica, que sempre fazia no leito, tinha exercícios respiratórios com um aparelhinho de plástico, com três bolinhas e um cano para assoprar, uma de cada vez, e depois mantê-las no alto o máximo de tempo possível. Era muito bonitinho, mas raramente eu fazia os exercícios.

Aproveito para parabenizar essas profissionais da fisioterapia, pois precisam ter muita “bagagem” para conseguir que pacientes como eu, sem ânimo nenhum, façam alguns exercícios.

O Sr. PLUTÃO já era o meu oposto: fazia abdominais, usava uma bicicleta ergométrica, eu não tinha ânimo nem para arrastar essa bicicleta.

Certa vez fui acordado de madrugada, convocando-me para fazer um Raios X.

Ainda comentei com a enfermeira: “Pô, mas tem de ser agora, não dá para deixar para amanhã? Estava sonhando com a Tiazinha!”

Ela, sorrindo, trouxe a cadeira de rodas. Sonolento coloquei a máscara e todo o aparato, e lá fomos nós pelos elevadores e corredores desérticos e frios do hospital. O ranger das rodas ecoava pelo ambiente, um som sinistro, parecia os passos lentos da morte, brrrrr! Chegando, me “largou” no corredor, ao lado de vários pacientes. De repente vem a operadora do Raios X, e sorrindo me disse enquanto me arrastava para um local onde fiquei sozinho aguardando: “Deixe-me tirá-lo daqui, você é um TMO e não pode ficar neste corredor contaminado e no meio destes pacientes.” Tão logo fiz o Raios X, a enfermeira veio me buscar e, voltando ao meu leito, dormi tranquilo.

Uma vez por semana, a enfermeira trazia quatro cotonetes gigantes, popularmente chamados de SWAB, iguais àqueles que a perícia da polícia usa quando encontra um cadáver. Então, colhia-se uma amostra das

narinas, outra da gengiva, outra do cateter e o quarto cotonete o paciente ia no banheiro e colhia a amostra de secreção do ânus.

Esses cotonetes eram colocados dentro de um vidrinho e encaminhados para exame laboratorial.

Estranhamente, a enfermeira perguntava se você mesmo colheria a amostra de secreção do ânus ou queria que ela o fizesse. Duvido que alguém escolheria a segunda opção.

O meu desânimo era absurdo, se a morte viesse naquele momento, tenho certeza que nada sentiria. Morreria como um passarinho, ou lutaria como uma águia?

Não tive nada de reações, apenas um dia, que minha pressão arterial caiu e vieram o Dr. Aranha e a Dra. Kátia, só notei que era grave pela rapidez dos médicos, pois eu estava numa boa ali no leito, mediram minha glicose, medicaram-me e tudo ficou bem, mas acordei de madrugada com o Dr. Aranha me examinando.

A quimioterapia fez efeito e após uns dias, senti que meus longos cabelos começaram a cair. Pedi à enfermeira que os cortasse, só que deu um problema no transformador de 220v para 110v, e o corte foi adiado para outro dia. Aí então, foi um desastre, fui tomar banho, e o sabonete novamente parecia um monstrinho peludo e o ralo do banheiro quase entupiu de tanto cabelo. No outro dia, quando a enfermeira veio cortar meu cabelo, mandei-a passar a maquininha em meu peito e nas axilas, pois sou muito peludo. Ela achou engraçado, mas o fez.

Periodicamente faziam exame de hipoglicemia, furavam meu dedo e o colocavam sobre um sensor de uma maquininha, que mais parecia uma calculadora. O resultado era instantâneo, a picada da agulha também.

Fazia muito frio e como estava sem o gorriinho de dormir, pedi à enfermeira da noite que amarrasse um lenço em minha cabeça. Ela usou uma fronha e deu quatro nozinhos nos cantos, fiquei lindo! O Sr. PLUTÃO também aproveitou o embalo e pediu que ela lhe fizesse o mesmo.

No outro dia, a Dra. Daniela me perguntou por que eu estava fantasiado de árabe.

Muitas vezes ficava analisando. Passamos tanto frio no hospital, mas tanto frio, é tomando banho, é fazendo exames etc. e não ficamos resfriados. Se faço metade do que fiz no hospital pego um resfriado brabo. Por que será? Nesse período que fiquei internado não recebi ligação de amigos, só de meus filhos, esposa e minha irmã. Talvez eles pensassem que poderiam se contaminar via telefone, ou que ligar para um celular é muito caro.

Devido à “químio”, a pele se resseca, então, diariamente, após o banho eu passava em todo o meu corpo, um creme hidratante fornecido pelo hospital.

Tinha um enfermeiro da noite que comentava que toda secreção não lhe causava nojo, fezes, urina, vomito, suor etc., mas a baba era braba, ele tinha de recolher uma vasilha que o Sr. PLUTÃO usava, já que não conseguia cuspir, e o sugador era usado com moderação, pois chega uma hora que ninguém agüenta mais ficar com ele na boca. Mas esse comentário, era dito de forma educada, e nós entendíamos, afinal de contas esse enfermeiro era um excelente profissional.

Tive de tomar umas três bolsas de plaquetas, que normalmente eram aplicadas à noite. Quando fui perguntar à enfermeira se eu iria tomar placentas, ao invés de falar plaquetas, todos do quarto acharam graça.

Na troca noturna das enfermeiras, vinha uma delas arrastando uma balança para nos pesar. Nosso abdome era medido e usava-se aquela fita métrica de costureira, passando-a pela nossa cintura.

Na entrada do quarto, tinha uma mesinha embutida na parede, e lá havia vários papéis, onde eram anotadas várias coisas, tudo que comíamos, bebíamos, medicamentos, quantidade de urina e fezes etc.

Eu não conseguia evacuar na “comadre”, somente no vaso, e todas as vezes era preciso chamar a enfermeira para ver o aspecto das fezes. Ainda bem que não tive diarreia, pois nesse caso teria de fazer na “comadre”, para ser feito o exame laboratorial.

Sabia que, tão logo a “medula pegasse” eu teria alta, e o recorde anterior era de 24 dias, então pensava com meus botões: no mínimo, vou ficar aqui por uns 25 dias.

No 23º. dia, ouvi um zunzum na troca de plantão, minha orelha parecia um periscópio, foi quando alguém veio me dar a notícia que teria alta naquele dia. Imediatamente, liguei do celular, e chorando, avisei minha filha Patrícia, para preparar banda de música e fogos de artifícios.

Havia batido o RECORDE.

Tive alta!

Não acreditava, nesses 23 dias não tive mucosite, diarreia, hemorróidas, problemas respiratórios, nada, nenhuma intercorrência, que é comum na maioria (não disse todos) dos transplantados.

Depois de muito tempo, voltei a sorrir.

Imagine o tamanho do meu sorriso.

Quando voltei para casa, Cidinha pediu ajuda ao nosso vizinho, o Sr. Raimundo, aquele da festa do pastel, e foram me buscar. Recebi alta, tiraram-me o cateter, coloquei máscara, me despedi do pessoal, dei uma palavra de conforto para o Sr. PLUTÃO, que já nem falava mais, e vim direto para minha casa.

Perguntei ao Sr. Raimundo quanto eu devia por essa ajuda, ele me disse que não era nada, então eu tinha mais ou menos uns dez reais em moedas de um real, que são mais higiênicas do que as notas, e coloquei no console de seu carro, e ele aceitou.

Por um erro de comunicação, os meus netos acabaram tomando a vacina do Zé Gotinha, uma semana antes de meu transplante. Infelizmente, eu não poderia ter contato com crianças que tomaram esse tipo de vacina durante 45 dias. Meus netos e suas respectivas mães foram deportados de minha casa, e seguiram viagem até Santo André, onde ficaram hospedados, por 30 dias, na casa cinco estrelas, de minha sogra. Mas isso só no dia seguinte, pois naquele dia eles dormiram, isolados de mim, na edícula. Nós nos víamos a distância, e eles não entendiam por que eu não poderia abraçá-los, coitadinhos.

E eles insistiam em me chamar, era a maior gritaria.

Quando a criança toma essa vacina, ela ingere um vírus vivo da doença, seu organismo cria anticorpos, e o organismo repele esse vírus, ainda vivo, por intermédio de secreções do corpo: suor, fezes, saliva, hálito e urina. Se eu tivesse contato com esse vírus, seria perigosíssimo, e se sobrevivesse, ficaria no mínimo com paralisia infantil.

Hoje, eu e meus netos tomamos vacina na própria UNICAMP, só que o vírus é atenuado, não o vírus vivo, e quando o nosso organismo o elimina, por meio de secreções, é expelido morto, não causando nenhum perigo.

A medicina não é maravilhosa?

Mas nas campanhas de vacinação, eu fico de quarentena em minha casa, não podendo sair, e as crianças que tomam essa vacina, não podem entrar em minha casa, ou chegar próximo de mim.

E acredite se quiser, tem muita gente estúpida que não consegue entender essa situação, e não é por falta de explicação.

Reflexão: *Um coveiro sabendo que teria de fazer uma cova no outro dia logo pela manhã, resolveu adiantar o serviço. Começou a cavar quase no fim do expediente, e adentrou no período de hora extra, quando achou que tinha terminado, jogou a pá para fora do buraco, e se preparou para sair dele, quando percebeu que tinha cavado muito além do necessário, e se certificou que seria impossível sair dali sozinho, começou a gritar por socorro, mas em vão, pois nesse momento já não havia pessoas no cemitério. Com a chegada da madrugada, ele acordou com o frio e concomitantemente ouviu alguns passos, imediatamente começou a pedir ajuda: “Por favor, me tirem daqui, está muito frio...” Os passos eram de um bêbado, que ao ouvir o desesperado chamado, se dirigiu à cova e vendo-a aberta falou: “Mash é evidente, gente fina, voshê eshtá shentindo frio, poish tiraram a terra de sheu túmulo, deisha comigo, eu vou ajudá-lo, fique frio!” E começou a jogar a terra de volta para a cova, apesar dos apelos do coveiro, que acabou morrendo soterrado.*

Conclusão: *Pondere a sua ajuda, pois muitas vezes você pensa que está ajudando, e na realidade você está prejudicando.*

CAPÍTULO VII

PÓS-TRANSPLANTE (100 DIAS)

(agosto de 2000 até novembro de 2000)

Chegando em casa, parecia que havia entrado em casa errada, (brincadeira...) a saudade que eu tinha era enorme, estava sentindo a falta até das lagartixas que ficam no teto e meus olhos brilhavam.

Devido à minha imunidade baixa, minhas filhas e esposa receberam um manual de como eu deveria ser tratado em casa, sem riscos de pegar uma contaminação por fungos, bactérias ou vírus. Elas fizeram tudo direitinho.

Minha casa não tem carpete ou tacos, é 100% de piso, e a área externa é 100% cimentada. Pintaram a casa por dentro, retiraram todas as cortinas, tapetinhos e tudo que acumula pó. Tudo para meu uso, foi separado, desde talher até roupas de banho.

Um negócio absurdo, parecia que eu ainda estava no hospital.

Em casa, temos o hábito de não pensar duas vezes para jogar tralhas no lixo e também não tenho aquele famoso quartinho que para abrir a porta tem de empurrá-la com os dois pés de tanta tranqueira que tem dentro.

Minha única tristeza era não poder aproximar-me de minhas duas cadelas, a maior chama-se Pequeninha e a menor chama? Errou ! Ela chama Yasmin.

Mas só nesse período de 100 dias.

Peguei minha agenda, e anotei, dia a dia, a contagem regressiva dos 45 dias que teria de ficar longe dos meus netos, e a contagem acumulada, dia a dia também, dos meus 100 dias de resguardo total. Usava máscara direto, só tirava para tomar banho e comer. Dieta especial, água só filtrada e fervida.

Tive alta no dia 23 de agosto e fui chamado para retornar dentro de uma semana, ao Hemocentro, setor de quimioterapia para consultar-me. Lá fomos nós, e eu, de máscara.

Consultei-me, fiz hemograma, e agendei uma tomografia para dali um mês.

Fui muito bem tratado, como sempre, e mais agora ainda, já que sou cliente preferencial, cinco estrelas, pois sou “Pós-TMO”.

Nos meus retornos à UNICAMP, como pós-transplantado, recebo um crachá de paciente no térreo e vou direto para o 2º. andar do Hemocentro, no setor de quimioterapia, entro direto sem passar pela recepção, chego aproximadamente às 8h, vou direto para as cadeiras de astronauta de “químio”, mas só para aguardar, pois, em minutos, vêm as enfermeiras colher sangue, medir a pressão, temperatura, batimentos cardíacos, altura e peso. Sou liberado para lanchar, já que estou em jejum desde as 22h do dia anterior. Lancho os meus quiiiiidos pãezinhos de queijo sem suco de maçã (por causa da água), na lanchonete próxima dali, e retorno, para ser atendido por volta das 11h em consulta de 20 minutos, mais ou menos, e volto para casa, quando não tenho de ir ao hospital marcar algum exame. Tempo médio gasto: duas horas.

Quando estou em jejum minha pressão cai, mas só um pouquinho, e dizem que isso é normal.

Nesses retornos já não vejo tantos colegas, de relance penso que eles morreram, mas mudo o meu modo de pensar e digo para mim mesmo, que não coincidiram as nossas consultas.

A marcação do exame é rápida, mas toda vez tenho de fazer uma entrevista com uma enfermeira, sobre alergias, pois na “tomo” é injetado o contraste, e muita gente tem reações alérgicas a ele. A entrevista é muito demorada, são duzentas perguntas que são feitas uma a uma para um grupo de em média seis pessoas.

Atualmente já fiz mais ou menos umas 12 tomografias, poderiam dispensar-me dessa entrevista, vocês não acham? Façam uma campanha em meu benefício, por favor!

Na minha primeira ida à UNICAMP após o transplante fiquei sabendo que aquele garotão de 15 anos, o SATURNO tinha morrido. Cidinha já sabia, pois ele morreu quando eu estava internado para fazer o transplante de medula óssea, mas me pouparam dessa notícia triste. Mais uma baixa no batalhão...

O mais impressionante foi como seu amigo deu-me a notícia: perguntei-lhe sobre o SATURNO, e ele me disse: “Nessas alturas, deve estar debaixo da terra...” (Sem comentários).

E esse senhor que me deu essa notícia, sempre acompanha o seu filho à UNICAMP, que também tem leucemia.

No meu segundo retorno ao Hemocentro, após o transplante, foi pedido o exame de tomografia, e comentei com o Dr. Aranha, que era terrível fazê-la, era um sofrimento. E ele, filosofando, disse-me que sofrimento foi o que a cachorra LAIKA passou no espaço, quando morreu de fome e sede.

Pensem nisso também.

Em casa, necessitava de um estetoscópio e de um medidor de pressão, em caso de necessidade, e alguns amigos doaram-nos, aparelhos novinhos na caixa, avaliados em R\$ 250,00.

Encontrei-me com o Sr. NETUNO no Hemocentro, que me disse que assim que tive alta, ele foi para o meu lugar no quarto, e foi parceiro do Sr. PLUTÃO.

Ambos também tiveram alta e estava tudo bem. Nunca coincidiu o encontro com o Sr. PLUTÃO na UNICAMP.

O Sr. NETUNO fala mais do que um papagaio, e se ficasse internado com ele no mesmo quarto, com certeza o teria amordaçado. Ele deve ser parente daquela mulher que o maquinista do trem apitou. Tirando esse defeito, é uma pessoa finíssima, inclusive ele e sua esposa, vieram visitar-nos duas vezes, e com sacrifício, pois saíram de Campinas e vieram de ônibus, a 25 km de distância.

Presenteou-me com uma camiseta de um grupo de apoio a pacientes com c. e Cidinha recebeu de sua esposa uma toalha bordada em ponto cruz.

Eles são de Aracaju/SE e ficaram hospedados esse tempo na Casa de Repouso Bom Pastor. Ele inclusive montou um bazar beneficente, em frente ao Hemocentro, lá onde ficam os famosos banquinhos que a gente aguarda para ser consultado.

Em 16 de setembro de 2000, menos de um mês de minha alta no TMO, fui surpreendido com uma tragédia em nossa família. Meu genro Ueslei, pai do meu neto Lennon, morreu em um acidente em Sumaré. A notícia dilacerou o meu peito, não fui ao enterro, pois estava em resguardo.

Observe a coincidência, a Patrícia esposa do Ueslei, estava em Santo André, face à minha quarentena, e os 30 dias venceriam em 20 de setembro de 2000. Eles retornariam com meus netos, no domingo dia 21, e o acidente foi no dia 19.

Então tivemos de simular uma situação de madrugada junto aos meus cunhados para que elas retornassem no sábado, e só aqui recebessem a notícia.

Eu estava de resguardo, e chorei muito, por mim, pela minha filha e pelo meu neto, e pelo meu outro genro também, já que eram duas irmãs (minhas filhas) casadas com dois irmãos. Minha esposa ligou para a Dra. Daniela, que receitou um calmante.

Em outubro de 2000, tomei minha primeira vacina, no 3º andar da UNICAMP, hoje tenho até a carteirinha de vacinação, idêntica àquela que os bebês têm.

Tomei também a vacina contra a gripe.

Tenho um colega, um senhor idoso que teve linfoma, e ficou apavorado quando eu lhe disse que essa campanha de vacinação dos idosos era uma estratégia do governo, já que ele estava tendo muitos gastos com os aposentados, e quem tomasse a vacina contra a gripe morreria dentro de três anos, segundo as expectativas governamentais, e deixariam de dar gastos ao erário público. Brincadeira, né!

Nesse período, minha oficina começou a operar quase que normalmente, terceirizei alguns serviços e também tive ajuda de um grande amigo, o Marcílio, que é técnico eletrônico, e ajudou-me na bancada da oficina. Eu ficava dentro de casa, analisando os desenhos e literatura técnica, dava-lhe as orientações, e ele finalizava o serviço na oficina. Praticamente não cobrou nada, ganhava 10%, pois como ele mesmo dizia, estava aprendendo muito com o mestre que, modéstia à parte, sou eu.

Teria de fazer uma cintilografia nesse período, e teria de chegar à UNICAMP às 6h, então contatei o pessoal da Prefeitura e a solução foi usar a ambulância que levava o pessoal para fazer hemodiálise em outro local, e passaria na minha casa às 5h. Expliquei para o coordenador das peruas, que não poderia ir na parte traseira da ambulância, face o perigo de contaminação. Teria de ir na frente com o motorista.

Quando a ambulância chegou em frente a minha casa, começou uma discussão entre eu e o motorista, pois como todo mundo sabe, a maioria deles só leva mulher lá na frente e se for bonita, ele queria que eu fosse lá atrás, mas nem morto eu iria lá, tudo contaminado.

Tá tudo, tudo, contaminado, contaminado, popozuda!!!

Quando o negócio já ia ser resolvido no braço, falei que tinha uns amigos traficantes e chegamos a um acordo, mas fui lá na frente com ele. Isso tudo aconteceu de madrugada e só tinha nós dois na rua.

A situação se repetiu quando tive de fazer a tomografia, só que era outro motorista, e não fez qualquer rejeição de eu ir lá na frente. Seu nome é Bié.

Só que me vendo de máscara não fumou durante todo o trajeto, e eu também não. Tão logo desci da ambulância acendi um cigarro, e ao me despedir do Bié notei que ele estava estarecido, e me disse sorrindo: – “Pô você fuma, e não me fala nada, eu vim de lá até aqui com uma baita vontade de fumar!”

A UNICAMP abre às 7h, mas às 6h já tem, aproximadamente, umas 60 pessoas na fila, que demoram uns 15 minutos para entrar. Apesar do pessoal entrar às 7h também, eles começam a atender por volta das 7h15, aproximadamente. Conclusão: Chegando às 6h você será atendido às 7h15, horário do primeiro exame marcado.

Estava de resguardo quando o disjuntor da minha casa estourou, mesmo sabendo como trocá-lo, chamei um amigo, o Clodomiro, que gentilmente resolveu o problema, e de graça.

Nesse ínterim, fui sacar antecipadamente um valor de capitalização (R\$ 80,00) em uma agência bancária, só que a agência de origem é de Monte Mor, 25 km de Sumaré, mas com acesso só de carro, e eu já estava sem ele. Liguei para a agência de Monte Mor e perguntei o que era necessário para que eu recebesse em Sumaré, e me falaram também uma palavra mágica, que não me recordo, e tão logo cheguei à agência de Sumaré, de máscara e com cara de doente, me falaram que não era possível, então falei a palavra mágica e recebi em dois dias.

Em 19 de novembro de 2000, completei o 100º. dia de resguardo.

Reflexão: *Uma floresta ardia em chamas e um papagaio corria até o rio mais próximo, enchia o bico de água e se dirigia ao incêndio e despejava aquelas gotinhas sobre o fogo. Toda vez que ele se abastecia no rio era observado por um jacaré, que após infundáveis viagens do papagaio, indignado chamou-lhe a atenção: “Meu amigo papagaio, o que você está fazendo é inútil, a água que você está jogando sobre o fogo é insignificante.” E o papagaio respondeu (jacaré não fala, mas papagaio fala): “Não importa se o que estou fazendo é insignificante, o importante para mim é que estou fazendo a minha parte.”*

Falando em papagaio, eu tinha um que, quando eu saía com a família, o deixava na lavanderia de minha casa, e todas as vezes que abria a porta da frente, ele gritava lá do fundo, o meu apelido: – Beto! Beto! Beto!...

Certa vez, chegando de uma viagem à praia com toda a família, ao embicar o carro na garagem, notei que o espelho da fechadura estava levantado. Não pensei duas vezes, engatei marcha ré no carro e o estacionei duas quadras dali. Fui a pé até minha casa, notei que os cachorros estavam vivos pois fizeram festa ao me ver chegar, embora eu não os estivesse vendo. Tenso, aproximei-me da porta, a fechadura estava sem tambor, empurrei-a e notei que estava presa pela correntinha. Olhei minha estante e todos os eletrônicos lá estavam, então o papagaio começou a gritar: “Beto! Beto! Beto!...”

Sabendo que a correntinha não é uma proteção contra ladrão, pois qualquer um pode estourá-la com o ombro, deduzi que os ladrões, ao tentarem arrombar a porta, ouviram os gritos de “Beto! Beto! Beto!...” e fugiram, pensando ser alguém dentro da casa. Concluí que é melhor ter um papagaio em casa do que um doberman!

Falando em cachorro, o mais valente de todos é o chihuahua, ele não tem medo de nada. Inclusive nas grandes mansões, convive com os dobermans, dogues alemães, filas etc. É sempre um chihuahua, que dá o sinal de alerta acordando os vilões.

A cadela é a melhor guarda para a casa, pois os ladrões passam um pano em uma cachorra no cio, e jogam-no no quintal da casa que tem um cão macho e enquanto ele fica distraído com o pano, os ladrões fazem a “limpeza” na casa.

Voltando ao meu papagaio, ganhei-o do meu dentista, pois seu preço já estava incluso no orçamento. O nome do papagaio era Johann Sebastian. Era, pois comeu a porta da minha oficina em Santo André, teve perfurações nos intestinos e morreu.

Esse papagaio já nos causou uma situação embaraçosa, pois nossa vizinha que morreu de c., vivia xingando o marido, fazendo-lhe cobranças, enchendo o saco, boa parte do dia, e ele, só ouvindo aquelas mesmas frases, pois todo dia era a mesma ladainha. Quando ela morreu, ele continuou chamando o marido dela, xingava, fazia as mesmas cobranças, e a imitação da voz era quase perfeita, pois ela gritava muito e o papagaio, repetia com perfeição. Mudei-o para o outro muro, lá no fundo do quintal, e mesmo assim não resolveu. Fico imaginando o que se passava pela cabeça desse meu vizinho. Talvez pensasse que o espírito da sua ex-esposa tivesse “baixado” no papagaio. Agora uma fofoca: fazia poucos dias que a esposa tinha morrido e ele já estava com outra, na mesma casa.

Voltando ao assunto sobre cachorros...

Próximo à minha casa, morava um senhor que estava cansado de ver seu cachorro velho, faltando alguns dentes, cheio de problemas. Pagou R\$ 10,00 para um infeliz dar um final digno ao seu amigo, que acabou fazendo algo estúpido e cruel. Pensou que com uma facada resolveria o problema, mas após algumas horas, o animal uivou no portão do dono, em estado lastimável, e com a faca pendurada em seu pescoço.

Falo muito em cachorro, pois foi feita uma pesquisa, e notou-se que os pacientes que têm animais de estimação recebem alta antes do tempo previsto. Quando o dono fica internado por dias, o animal altera o comportamento, assim como fica agitado quando percebe que o dono voltará para casa.

Isso aconteceu comigo, um dia antes de chegar em casa, as minhas cachorras “estavam com a cachorra”.

Adoro cachorro, mas não deixo eles entrarem dentro de casa, eles têm espaço lá no quintal. Cuido bem deles com bastante carinho.

O cão sente o faro do dono a 500 metros, e se você levar um cachorro andando por “n” quilômetros, ele volta para a casa, exceto se você o fizer de carro, ou outro meio de transporte.

CAPÍTULO VIII

HOJE

Tão logo completou o centésimo dia, tinha um colega que estava internado havia vários meses, em um hospital em Campinas, convênio particular, com doenças do sangue, da famosa família OMA. Ele foi recentemente transferido para a UNICAMP. Como já podia visitá-lo, e havia um retorno marcado para uma sexta-feira, aproveitaria para isso, mas infelizmente ele morreu depois de alguns dias internado, um dia antes da minha visita prevista. Posteriormente, fui visitar sua mãe, inconsolável, que me doou bastante remédios que repassei para outros pacientes, visto que eu não estava precisando no momento.

Meus olhos são sensíveis à luminosidade, e como deixei de usar óculos que eram fotocromáticos, a luz do dia me incomoda bastante. Indo sozinho uma vez para a UNICAMP, passei em um camelô e comprei um óculos de R\$ 1,99, supermoderninho. Era um filete de plástico que mal cobria as meninas dos olhos. A minha jovialidade que já era notada, com esses óculos, então, me fez aparentar um adolescente. Mas quando Dona Cidinha me viu com esses óculos, começou a espumar pela boca. Antes que ela falasse alguma coisa, dei o óculos de presente para o meu netinho, dizendo: “Olha o que o vovô comprou para você!!!”

Sem fumar, comecei a dar murros em ponta de faca, rosar para minha sombra, então lembrei da última vez que parei de fumar, e começaram a aparecer escamações na minha pele. Do clínico geral, fui para o dermatologista e acabei no neurologista, que me perguntou o que tinha acontecido de diferente comigo, nos últimos 60 dias, pensei, pensei e lembrei do cigarro, contei-lhe e ele me disse: “Saia daqui, passe num bar e compre um maço de cigarro, jamais pare de uma vez de fumar, diminua gradativamente, pois senão seu

sistema nervoso irá se manifestar, e o primeiro sintoma será na pele.” Lembrei que a caspa é uma manifestação do sistema nervoso, por isso ao invés de comprar xampu que é a base de AAS gaste com recreação, vá ao cinema etc.

O cigarro arreventa o fumante sem que ele perceba. Além da nicotina que é o alcalóide mais ofensivo contido no fumo, a absorção incessante de outras substâncias agressivas também lesam todas as defesas orgânicas e dificulta principalmente a filtração hepática, criando um campo favorável para os resfriados comuns e outras doenças oportunistas.

Nesse retorno ao hábito de fumar, deixava o maço em minha oficina e quando ia usá-lo no outro dia, alguns cigarros estavam com o papel furado. Contatei o SAC do fabricante que prontamente me enviou um maço novo. Isso se repetiu inúmeras vezes, ao todo fui ressarcido com uns 40 maços. Foi quando descobri que o problema não estava na fabricação do cigarro e sim na minha oficina. De um dia para o outro, as traças atacavam o meu maço de cigarros.

Depois de identificada a causa, nunca mais pleiteei o ressarcimento junto ao fabricante. Essas coisas só acontecem comigo, é incrível.

Em 11 de agosto de 2001, comemoramos o meu primeiro aniversário de transplante, fizemos um bolo de aniversário, com bexiga, chapeuzinho e língua de sogra. Foi muito bacana, é que eu só tenho um aninho, não sei falar ainda, senão daria minha opinião a respeito.

Numa das minhas idas à UNICAMP, fui surpreendido com uma lei que entrou em vigor, proibindo a venda de cigarros num raio de 100 metros de qualquer escola, conclusão: As lanchonetes da UNICAMP não vendem mais cigarros. Que pena!

Deixei de usar solventes na bancada de minha oficina, o que era freqüente antes da doença, e quando é necessário, uso máscaras, ligo os ventiladores e saio do local por alguns minutos. Ainda tenho um bom estoque de máscaras.

Tão logo venceram os 100 dias, fiz uma experiência. Queria saber como os pacientes conseguiam doações, se era fácil ou não.

Em todos os contatos, explicava direitinho a minha situação.

Entrei em contato, via *fax*, com uma empresa de instrumentos, solicitando um osciloscópio, um multímetro e um capacímetro, podiam ser usados, já que tive de vender os meus para pagar o tratamento. Isso era a minha realidade. A empresa nem me mandou resposta. Isso porque eu anexeí atestado de invalidez.

Entrei em negociação direta com um comerciante da cidade, pois precisava de um compressor, simples, pois não poderia ter contato com pó. Isso era uma necessidade minha, real. Ele se prontificou em me vender o compressor a preço de custo. Fui até à loja e adivinhe qual era o preço de custo? Um desconto de 10%. Olhei bem para a cara dele, dei um sorrisinho, e desisti da compra. Ele entendeu o meu sorrisinho, mesmo eu estando de máscara.

Telefonei para uma editora, setor de doações, fui muito bem atendido. Enviaram-me, gratuitamente, via *sedex*, várias revistas e CD's.

Uma salva de palmas para a editora. Plac, plac, plac...

Por intermédio de uma revista conheci o Napacan.

Recentemente tivemos um período de noites quentes, e algumas vezes acordava e notava o meu peito e pescoço levemente molhados, e lembrava da cruel sudorese. Só lembrava.

Recentemente, soube que o meu amigo Sr. NETUNO, que fez transplante halogênico, precisando trabalhar, saiu de Aracaju/SE e foi trabalhar no Amapá, com seu pai, em um local sem saneamento básico. Ele bebeu água de rio, ficou muito mau, voltou à UNICAMP, ficou internado um tempo no TMO, e terá de retomar o tratamento.

Perdi recentemente um primo, o Osni. Ele tinha neoplasia no pescoço, fez tratamento de radioterapia, levava vida normal, engasgou no café da manhã, e morreu, por falta de conhecimentos de primeiros socorros.

Recebi a visita de um idoso, que devia estar com problemas de ereção. Ele tinha feito quimioterapia havia bastante tempo, e veio me perguntar se a “químio” deixava o homem..., não sabia ou não queria falar a palavra “impotente”. Então seriamente lhe disse que ela não deixava o homem impotente, algumas vezes deixava-o estéril. Ele não saiu muito satisfeito com minha explicação.

Peguei um resfriado forte, já que parece que estou imune à gripe. Fiquei com o peito carregado, comecei a escarrar com filetes de sangue, levei um susto! Telefonei para o TMO e me informaram que isso era normal pelo esforço que fazia. Se aumentasse o volume do sangue, deveria me consultar.

Levo vida normal, voltei a fumar. Só tenho cuidado com as campanhas de vacinação, não tomo mais remédios, não tenho nenhuma dieta a seguir.

Tenho “paura”, como já dizia minha noninha, de bolachas *waffer*.

Agora que eu e minha esposa íamos curtir a vida, chegam os netos, e é hora de começar tudo de novo. Que bom!!!

Escrevi este livro para não tocar no assunto quando alguém quer saber algo mais sobre a minha doença, então, sugiro que leia este texto. O mesmo acontece com alguns amigos que fizeram o transplante também.

A vida é bela, mas pode ser maravilhosa.

Reflexão: *Era uma vez uma mãe que estava passeando com a filha de cinco anos, pelas ruas de seu bairro, quando avistaram um cachorro copulando (ninguém usa esta palavra) com uma cadelinha. A menininha perguntou à mãe o que eles (os cachorros) estavam fazendo. E a mãe prontamente respondeu: “O cachorro que está em cima quebrou a patinha, e sua amiguinha está ajudando, carregando-o.” Ai a menininha arrematou: “Agora entendo por que o papai diz que quem ajuda os amigos só leva na tarraqueta.”*

Se você está em tratamento, não leia o próximo item. Eu não o li quando estava em tratamento. Depois de ter sido curado, li e concluí que foi muito bom para minha recuperação não ter lido nada a respeito. Pule e leia a receita de churrasco.

LINFOMA

O linfoma refere-se ao câncer dos glóbulos brancos.

As células chamadas linfócitos B se multiplicam rapidamente e formam tumores.

Quanto mais tempo se vive com um sistema imunológico suprimido, é mais provável desenvolver o LNH (Linfoma não Hodgkin).

Pode ser sério e fatal dentro de um ano.

Os tumores normalmente ocorrem no abdome, nos ossos e no cérebro.

Os primeiros sintomas incluem glândulas linfáticas inchadas, febre, sudorese noturna e perda de peso de mais de 10%.

Estes sintomas ocorrem com várias enfermidades relacionadas à Aids.

Se o seu médico não encontra outra razão para estes sintomas, provavelmente será LNH.

Normalmente é diagnosticado por um exame radiológico (Gálio) ou uma biópsia.

Para fazer a biópsia, usa-se uma agulha muito fina para retirar um pedaço do tumor suspeito.

O Linfoma se classifica por grau, fase e tipo.

O linfoma é causado por estímulo em larga escala do sistema imunológico, quando as células B se multiplicam rapidamente durante muitos anos, fazendo mutações.

Algumas dessas mutações causam o câncer. Atualmente, não se sabe como prevenir o LNH.

A maioria dos casos de LNH é tratada com quimioterapia chamada CHOP:

– Ciclofosfamida

– Hidroxicarbunomicina

– Oncovina

– Prednisona

Não confunda com CHOPP.

A quimioterapia pode eliminar os tumores em quase 50% dos pacientes. Mas os tumores voltam em quase 25% dos pacientes dentro de sete meses.

A quimioterapia é muito tóxica e suprime o sistema imunológico, podendo causar náuseas, vômitos, fadiga, diarreia, pernas inchadas e sensíveis, feridas na boca, perda de peso e enrijecimento ou coceira nos pés ou mãos.

A quimioterapia é nociva à medula óssea e pode causar anemia (falta de glóbulos vermelhos) e neutropenia (falta de glóbulos brancos) que aumenta o risco de infecções bacterianas.

Às vezes, prescrevem medicamentos adicionais para amenizar esses efeitos colaterais.

O linfoma do sistema nervoso central LSNC é um tipo raro de se tratar.

A radioterapia não é frequentemente usada nesse tratamento.

O LNH é mais agressivo. Espalha-se rapidamente pelo corpo, porém reage muito bem à quimioterapia. O LH (Linfoma de Hodgkin) não é agressivo, não evolui como o LNH e reage tão bem como o LNH à quimioterapia.

Resumindo:

Tudo isso não quer dizer nada. É como falar que você tem 90% de chance de sair vivo de uma situação, você pode estar incluso nos 90% ou nos 10% que vai morrer. Ou então, dizer que você tem 1% de chance de morrer atropelado, você pode estar neste 1% ou nos 99% que não morrerão.

Penso eu que, devido à estafa (estresse), o nosso cérebro recebe informações erradas e trabalha como se o nosso corpo estivesse gravemente enfermo e só se preocupa com a imunidade (febre, sudorese) e começa a produzir em excesso leucócitos, aciona ínguas nas virilhas, nas axilas e no pescoço, evitando que aquilo se espalhe e acaba deixando de lado outras funções vitais, e por colapso do sistema acaba matando aquele corpo. É como um indivíduo que só se preocupa com a segurança de sua casa (alarmes, sensores, circuito fechado de TV) e esquece de comer, tomar banho...

As amídalas fazem parte do sistema imunológico, e quando de sua extração o cérebro deixa de receber informações das amídalas, e pode tomar decisões erradas relativas à defesa do organismo. Li isto em um livro... escrito por aquele autor...

Li também que pode se usar a placenta como Aféreses. Sou um profeta, quando eu confundi plaquetas com placentas, todos riram.

Por coincidência, eu extraí, aliás, extraíram as minhas amídalas na década de 60 quando era moda. A medicina tem sempre esses lances de moda. No mundo todo, a cesariana só é realizada em casos extremos, aqui é moda. Por que você não faz parto normal? Ah, o meu marido não quer! Depois a mulher que fez a cesariana fica em estado deplorável, se piscar dói.

RECEITA DE CHURRASCO

Não vai ler esta receita quando estiver internado, pois além da sua doença, ficará com lombrigas também.

A churrasqueira de alvenaria é para fazer churrasco para mais de 15 pessoas, o método mais fácil é colocar uns tijolos baianos ou blocos sobrepostos, usar espeto grande, pequeno ou espetinhos, chapa ou grelha, e bom apetite!

Bebida: *Caipirinha de vodka. Pegue uma jarra de vidro, coloque limão e açúcar, encha-a totalmente de gelo, feito com água filtrada, depois despeje a garrafa de vodka, todinha, sobre o gelo e sirva. Parece mais uma limonada do que caipirinha, é uma delícia. Não intercale caipirinha com cerveja. Acabou a caipirinha comece a tomar cerveja. A vodka de boa qualidade não tem efeitos colaterais como a pinga.*

Se estiver com muita sede, experimente tomar meio copo de cerveja, completando o copo com soda limonada.

Beba com moderação

Tempero: Unicamente sal grosso. Pode colocar antes ou durante. Se quiser, pode passar uma salmoura durante o cozimento. Quem determina a quantidade de sal é você. Tem gente que salga demais e depois bate a carne para cair o sal e servir. Fica salgado, mas nada que uma cerveja não resolva.

Entrada: Salada de cebola com orégano, sal e vinagre.

Coloque a salada em uma bacia, e o pessoal se serve, pegando a cebola com pequenos pedacinhos de pão francês, bem fresquinhos.

Acender o fogo: Não precisa ficar como o lobo mau assoprando a casa dos três porquinhos, ou abanando que nem um louco, ou usando ventilador, jogando 20 litros de álcool.

Pegue o próprio papel do saco do carvão, faça uma bolinha e coloque fogo, e imediatamente vai sobrepondo os pedaços maiores de carvão. Não vá descarregar o saco de carvão inteiro, que aí apaga o fogo!

Fogo brando é o ideal, demora um pouco, mas deixa a carne saborosa. Não vá deixar o pessoal morrer de fome.

Água: Tenha sempre próximo da churrasqueira uma vasilha com água, para apagar os focos de fogo. Ao iniciar o fogo até buscar água, por mais rápido que você seja, quando chegar estará tudo carbonizado.

Minha churrasqueira é uma roda de caminhão. Com um saco de carvão de quatro quilos, ela fica acesa várias horas. Ela retém o calor.

Prato de entrada: Coraçõzinho de frango e lingüiça toscana.

Dica: Antes de levar o coraçõzinho para a churrasqueira, dê uns dois talhos com uma faca bem afiada, um de cada lado, nos coraçõzinhos. Não precisa limpar, o fogo se encarrega disso. Quando a lingüiça começar a cozinhar, fure-a com um garfo.

Não sirva frango (asinhas, coxinhas, inhas) nem espetinho de carne moída (Kafta), pois isso é coisa de pobre...

Prato principal:

Espetinho: Ponta de alcatra (Colchão duro) em cubinhos, espetados em espetinhos de bambu. Dica: não deixe a ponta do espeto sem carne. Coloca-se sobre a grelha, ou em dois espetos grandes atravessados com os espetinhos na transversal.

Espetão: Coloque no espeto um pedaço de alcatra, maminha, picanha ou mesmo ponta de alcatra. Cortar as fatias, conforme a carne for assando. Para pessoas que não gostam de carne mal passada, esta não é a melhor opção.

Chapa: Vou ensinar a fazer picanha fatiada.

Compre uma picanha. Lembre-se que por mais gordo que seja um boi, a picanha não passa de 1.300 gramas, se passar corte-a ao meio e notará que uma parte é mais macia do que a outra.

Coloque-a no forno por cinco minutos, sem tempero algum, apenas para retirar a água que ela contém. Ela sairá crua do forno.

No fogão, coloque uma panela com farinha de mandioca crua, manteiga (não use margarina) e bastante sal refinado. Deixe em fogo baixo e vá mexendo com uma colher de pau. Tão logo ela comece a ficar amarela, desligue o fogo. Continue mexendo para não queimar a farinha que está no fundo da panela, até ficar amarelo escuro. Deixe esfriar.

Vá até à churrasqueira e coloque uma chapa sobre o fogo. Não pode ser grelha, tem de ser chapa, caso não a tenha, use uma forma de bolo.

Corte uma fatia de dois centímetros de espessura de picanha e coloque-a sobre a chapa quentíssima, pressione com um garfo a picanha, que deve estar sem sal e sem tempero, ou seja do jeito que saiu do forno. Pressione com força dos dois lados, virando a picanha e pressione mais ainda a gordura. Quando ela dourar, retire, coloque-a num prato, adicione a farinha torrada salgada e bom apetite!

Se a chapa começar a grudar o sangue da carne, jogue um pouquinho de água e esfregue com uma colher.

Sobremesa: *Coloque umas bananas nanicas sobre a grelha, com casca e tudo, tão logo elas fiquem pretas retire as cascas e coma-as com sorvete. O contraste quente frio dá um charme especial.*

Outros pratos: *Se quiser fazer cupim ou costela, não embrulhe no laminado ou celofane nem asse por oito horas. Cozinhe antes na panela de pressão, sem tempero, por uns 40 minutos, depois leve para a churrasqueira. Coloque no espetão, mais sal grosso, e coma em menos de 15 minutos.*

O filé mignon não é uma carne própria para churrasco. Tem muito sangue.

Caso queira, corte-o em bifés, deixe no tempero de um dia para o outro, e depois é só colocar na chapa e virar e comer com pão. Churrasco se come com pão também.

Frango: *Tempere-o só com sal grosso, alho e cebola. Encha-o com bastante tempero.*

Peixe: *Asse-o com escamas jogando sal grosso por cima. Depois de assado, as escamas saem facilmente.*

Adicionais: *Pode se colocar no espeto ou na grelha, cebolas, cubinhos de carne seca e queijos duros.*

Encerramento: *Uma dose de licor Cointreau e berço.*

Não é porque o gaúcho faz assim ou assado que você deve imitá-lo.

Escolha o jeito que você mais gostar.

Evite usar amaciantes de carnes, muitos deles aceleram o processo de putrefação da carne e, conseqüentemente, ela se torna mais macia. Nhac! São produtos industrializados, cuja composição química aniquila o seu trato digestivo. Daí um peptozil ou estomazil.

Deus nos criou para sermos felizes, e não para ficarmos servindo-O.

Tem muitas pessoas que passam mais tempo fazendo obras na Igreja do que conversando com seus filhos e cônjuge.

Reduza o tempo utilizado com essas obras e visite um hospital de crianças com câncer, que não sabem nem o que é sangue. Tem uns anjinhos carequinhas que nem aprenderam a falar ou balbuciar alguns monossílabos. Mas se prepare para essa visita, pois com certeza algumas delas irão lhe fazer perguntas que nem a Bíblia responde. Exemplos? Tio, por que eu não posso brincar? Por que eu perdi os cachinhos do meu cabelinho?

E caso você se ache o dono da verdade, me responda quantas vezes você visitou um asilo ou um orfanato?

CRONOLOGIA

Entre parênteses estão os dias que permaneci internado.

Essa trajetória começa em junho de 1999 (primeiros sintomas) e termina em novembro de 2000 (100 dias do transplante), foram apenas 18 meses (um ano e meio), com 63 dias internados. Dos 18 meses, fiquei nove meses sem trabalhar, ou deitado na minha cama ou em um leito de hospital.

Dezoito meses equivalem a duas gravidez, ou quase sete viagens de “A volta ao mundo em 80 dias” de Julio Verne. São 540 dias ou 72 semanas!

1º. de junho de 1999 – Mudança da minha oficina

26 de julho de 1999 – Minha ida ao Hospital de Sumaré

24 de agosto de 1999 – Visita de minha prima médica

17 de setembro de 1999 – Exames em Rio Claro

23 de setembro de 1999 – Internação em Rio Claro

29 de setembro de 1999 – Alta (7)

outubro de 1999 – Início do tratamento na UNICAMP

19 de novembro de 1999 – Primeira quimioterapia (UNICAMP)

20 de novembro de 1999 – Internação de Emergência UNICAMP

21 de novembro de 1999 – Nascimento do meu neto Lennon

27 de novembro de 1999 – Alta (8)

12 de janeiro de 2000 – Saquei PIS

17 de janeiro de 2000 – Internação para coleta de células

5 de fevereiro de 2000 – Alta (20)

27 de fevereiro de 2000 – Bingo Beneficente

29 de fevereiro de 2000 – Internação para a segunda Quimioterapia do transplante

1º. de março de 2000 – Alta (2) falta de medicamento

9 de março de 2000 – Internação para a segunda Quimioterapia do transplante

11 de março de 2000 – Alta (3)

7 de maio de 2000 – Primeira Festa Beneficente do Pastel

5 de 2000 – Fugiu do transplante

7 de 2000 – Fugiu novamente do transplante

1º. de agosto de 2000 – Internação para o transplante

11 de agosto de 2000 – Dia do transplante

23 de agosto de 2000 – Alta (23)

16 de setembro de 2000 – Morte do meu genro Ueslei

24 de setembro de 2000 – Segunda Festa Beneficente do Pastel

7 de novembro de 2000 – Dia do meu aniversário

19 de novembro de 2000 – Centésimo dia do transplante

20 de novembro de 2000 – Livre para voar!

PIADA:

Uma família de imigrantes italianos, nos anos 50, vivia em um sítio, longe uns cinco quilômetros da cidade, não tinham energia elétrica, usavam lamparinas, a água era retirada do poço e o banheiro era uma fossa afastada da casa.

Numa tarde, as crianças brincavam no quintal, com uma bexiga vermelha, dando tapas nela.

Com o vento e os tapas, a bexiga acabou entrando pela janelinha da latrina e se alojando no assento do vaso.

As crianças desistiram de buscar a bexiga, pois a latrina era um lugar fedorento, e logo acharam outra coisa para brincar.

Nesse exato momento, a nona se dirige à latrina, para fazer suas necessidades, já bem velhinha, enxergava mal e andava devagar. Lá chegando, abriu a porta, sentou-se no vaso, e em cima da bexiga fez suas necessidades. De repente sentiu algo estranho, levantou-se e viu uma bola, meio embaçado, em face de pouca luminosidade do ambiente e a sua visão que era deficiente. Então começou a gritar pelo nome, o seu filho mais velho. Esse ao ouvir os gritos desesperados de sua mãezinha, saiu correndo em direção à latrina. Chegando lá ficou horrorizado ao ver aquela bola vermelha cheia de merda.

Pegou a noninha no colo, e levou-a até o seu quarto, enquanto mandava seu irmão buscar “aquilo” que estava lá na latrina, pois parecia que a nona tinha perdido algum órgão interno.

Imediatamente, o outro filho, subiu no lombo de um cavalo, e se dirigiu às pressas, até a cidade para buscar o médico.

O único médico da cidade era um velhinho de uns 80 anos, que resmungando atendeu o pedido do filho desesperado. Pegou sua maletinha, subiu na garupa do cavalo, e foram voando até o sítio.

Chegando lá, a família estava toda reunida, e muitos choravam. O médico examinou a noninha, que estava com os sinais vitais, e aparentava estar bem.

Foi então que o médico pediu aos filhos que trouxessem o suposto órgão.

Ao ver aquilo, aquela coisa medonha, ficou impressionado, era uma bola vermelha cheia de merda, com um nozinho que parecia um ânus. O ânus da velhinha não era, ele já tinha se certificado disso, pois havia feito um exame minucioso nela.

Aquela coisa era horrível, mais parecia um feto abortado por um ET. Fez um exame superficial, e nada. Não resistiu e usou o estetoscópio, aquele ser parecia que tinha vida, parecia que pulsava. O médico que usava óculos grossos, deu uma olhada de rabo de olho para a velhinha, que estava com os olhos arregalados e boquiaberta, aguardando o laudo, e então voltou a examinar o allien.

Decidiu examinar com uma pinça, e começou a beliscar a bexiga com a pinça, belisca de cá, belisca dali, de repente a bexiga estoura.

Foi um desastre. Todos levaram um enorme susto. Voou merda para todos os lados.

Foi então, que o médico velhinho, suspirou e disse pausadamente:

– Nos meus 80 anos de idade, quase 60 de profissão, é a primeira vez que eu vejo um peido com casca.

Vejo freqüentemente nos noticiários que:

O c... mata mais que Aids;

Atropelamento mata mais que c...;

Droga mata mais que Aids;

Homicídios matam mais que atropelamentos;

Infarto mata mais que droga;

Diabetes mata mais que homicídios;

O cigarro mata mais que diabetes;

Morre mais gente de fome do que de c...

Pelo amor de meus filhinhos, me digam quem mata mais, pois devemos ter um inimigo invisível entre nós.

A previsão para os primeiros anos do século 21: Primeira doença a matar mais: INFARTO; 2ª doença: NEOPLASIAS EM GERAL. Previsão mundial.

O c. é uma doença tão antiga quanto a humanidade. Alguns casos já eram relatados desde a época da Grécia antiga. Trata-se de uma doença que está mais freqüente com o avanço da modernidade, e conseqüentemente no século 20.

O que o século 20 tem que os outros não tinham?

Será que são as ondas eletromagnéticas? Elas são invisíveis, mas dá para a gente quantificar, afinal são ondas de rádio, televisão, telefonia, diretamente por meio de aparelhos de televisão, rádio, computador, celular, telefone sem fio, e indiretamente por intermédio de satélites, radares, torres de transmissão, antenas potentes etc.

Está comprovado que as ondas eletromagnéticas afetam o núcleo das células dos seres vivos e causam mutações.

Penso que a medicina deve ser preventiva, e corretiva só em casos de acidentes.

Será que o preço de nosso conforto não está muito caro?

Estamos pagando o direito de viver com a morte.

Pense nisto.

DADOS DOS MEUS HEMOGRAMAS

(APENAS POR CURIOSIDADE)

O meu hemograma é composto de 25 itens e dez gráficos. Escolhi apenas estes dois (hemoglobina e plaquetas) por serem as super *stars*.

	HEMOGLOBINA	PLAQUETAS
INDIVÍDUO NORMAL	12 A 17	150 A 400
26/07/99 – Ida ao Hospital de Sumaré	13	?
10/11/99 – 1º exame na UNICAMP	7,5	287
17/11/99 – Antes da 1ª quimioterapia	7,5	191
Após alta internação de emergência	7,7	40
09/12/99 – Após a 2ª quimioterapia	9,9	159
06/01/00 – Antes da coleta de células	10,7	129
15/02/00 – Após coleta de células	11,1	200
21/03/00 – Após 2ª qt. Do transplante	12,5	58
28/03/00 – Após tomar Granulokyne	13,2	163
27/09/00 – 30 d. após transplante	14,1	142
01/11/01 – último hemograma	15,9	136

Agradeço, também, por este livro não estar escrito em *braille*, por segura-lo com as duas mãos e após ler, sorrir, chorar, emocionar-me ou xingar, ou seja, expressar minhas emoções.

Nesse longo período, conheci muitos pacientes, daria mais um livro como este. Pessoas ricas, pobres, paupérrimas, bonitas, feias, jovens, velhos, crianças, simples, pedantes, mal e bem-humoradas, quietas, falantes, gentis, estúpidas, alegres, tristes, deprimidas, normais, anormais, deficientes etc.

Enriqueça seu vocabulário:

Aféreses = Coleta de células

Alopecia = Queda de pêlos e cabelos

Analgésico = Remédio que suprime a dor

Anamnese = Histórico do paciente, desde os primeiros sintomas até o diagnóstico da doença

Antipirético = Contra a febre

Anti-séptico = Mata os micróbios e evita sua proliferação

Anorexia = (cs) = Falta de apetite

Aplasia = Destruição da medula óssea

Astenia = Desânimo, fraqueza e cansaço

Biópsia = Retirada de um pedacinho do corpo, para exame (retirada de um fragmento de tecido de organismo vivo para o exame da natureza das alterações nele existentes)

Congênito = Desde o nascimento (gerado com o indivíduo)

Corticóides = Drogas que suprimem o Sistema Imunológico. São terrivelmente tóxicas, causam dependência, e só devem ser usadas em caso de extrema necessidade e quando se esgotarem todas as formas de tratamento. Pergunte ao seu médico

Cutâneo = Referente à pele

Defecar = Fazer cocô

Edema = Inchaço (acúmulo de líquido nos tecidos)

Efeitos colaterais = Efeitos causados por alguma coisa

Endovenoso = Na veia

Estetoscópio = Aquele “aparelhinho” que os médicos usam para ouvir o coração

Evacuar = Fazer cocô

Fé = Abreviatura de FELICIDADE e ESPERANÇA, já que abreviatura não tem acento gráfico, aquele risquinho é o dedinho de Deus

Flatulência = Acúmulo de “puns” na barriga

Fotossensível = Sensível à luz

Gálio = Elemento químico radioativo. Usado no exame de cintilografia

Gases = “pum”. Em espanhol: Ventosidad

Gaze = Aquele paninho bonitinho furadinho que se faz curativo

Hemácias = Glóbulos vermelhos do sangue (também conhecido como eritrócito ou célula vermelha)

Hematúria = Urina com sangue (urina que contém sangue em grau variável)

Hemoglobinas = Pigmento existente na hemácia, formado por heme e globina. Entre suas funções estão as de fixação do oxigênio atmosférico e sua transferência às células

Hemoglobinúria = Presença na urina de hemoglobinas

Hemograma = Exame de sangue

Heparinização = Lavagem do cateter com soro e heparina

Hipertermia = Febre

Hipoglicemia = Falta de açúcar no sangue

Icterícia = Síndrome caracterizada por excesso de bilirrubina no sangue e deposição de pigmento biliar na pele e membranas mucosas, do que resulta a coloração amarela apresentada pelo paciente.

Leucócitos = Glóbulos brancos (soldadinhos defendem o organismo)

Medula Espinhal = Fica no meio da coluna vertebral (parte do sistema nervoso central)

Medula Óssea = “Tutano” dos ossos chatos que são os da bacia e o Esterno (peito). Este esterno é com “s” mesmo

Metástase = Invasão do tumor em outros órgãos (células neoplásicas que migram, via corrente sanguínea, instalando-se em outro órgão do corpo e criando uma filial do c.)

Mielograma = Coleta de material dos ossos chatos (bacia ou peito)

Mieloma = Tumor na medula óssea

Narcótico = Analgésico potente, causa euforia

Náuseas = Ânias de vômito

Neoplasia = Tumor maligno ou benigno

Obstipação = Prisão de ventre

Oncologia = Ramo da medicina que estuda o c...

Patologia = Doença

Plaquetas = Corpúsculo do sangue, importante para estancar hemorragias

Plasma = Parte líquida coagulável do sangue

Port = Cateter

Posologia = Como tomar um remédio: tantos comprimidos, de tantas em tantas horas (indicação da dose)

Prognóstico = Previsão de um diagnóstico futuro

Prontuário = Relatório em que os médicos e enfermeiros registram seu histórico clínico, exames, diagnósticos e medicamentos receitados

Puncionar = Furar

Químio = Quimioterapia

Quimioterapia = Tomar um remédio especial na veia

Radioterapia = Tomar radiação no local do tumor

Recidiva = Reaparecimento da doença após tratamento

Remissão = Estacionamento da doença

Retaguarda = U.T.I.

Sedativo = Calmante (amansa-louco light)

Sudorese = Transpiração

Subcutânea = Debaixo da pele

Sutura = Pontos (cirurgia)

Tomografia = Fazer Raios X mais detalhado, não dói

Transfusão de sangue = Tomar uma bolsa de sangue

Transplante de medula óssea = Não é cirurgia, é como tomar uma bolsa de sangue

Tricotomia = Depilação (raspagem de pêlos de determinada região do corpo que será submetida a cirurgia)

Tumor benigno = Tumor que não invade os tecidos vizinhos ou se desloca, por via sanguínea, para outros locais

Uso intramuscular = Injeção no músculo

Uso intravenoso = Injeção na veia

Uso oral = Tomar pela boca

Uso subcutâneo = Aplicado debaixo da pele

Uso tópico = Passar no local

Veias periféricas = Dos membros (braços e pernas)

Seus Medicamentos

Leia atentamente a bula. Conserve os medicamentos em local fresco, sem luz e umidade, bem fechados e longe do alcance das crianças.

Não fique perplexo, boquiaberto, lendo a bula. Qualquer dúvida, pergunte ao seu médico.

Anote na embalagem os horários que tem de tomá-los. Isto facilita sua rotina diária.

Atenção para a data de validade.

Se forem vários, coloque-os em ordem de horário, após tomar os do frasco da frente, passe-o para o fim da fila.

As cápsulas, aquelas que têm um pozinho dentro, salvo orientação médica, devem ser ingeridas inteiras e não só o pozinho. Aquela capinha de “plástico”, é para proteger sua boca e seu esôfago, e só se dissolve no estômago.

Remédios recebidos por meio de doações precisam ser informados com relação a período de validade.

Marcar horário nas caixas 8h – 12h... escolher hora cheia.

Melhores horários para tomar remédio são:

De 8 em 8 horas (três vezes ao dia) – 8h; 16h; 24h.

De 6 em 6 horas (quatro vezes ao dia) – 6h; 12h; 18h; 24h.

De 4 em 4 horas (seis vezes ao dia) – 2h; 6h; 10h; 14h; 18h; 22h; ou 1h; 5h; 9h; 13h; 17h; 21h; ou 4h; 8h; 12h; 16h; 20h; 24h.

Intercale os remédios, em vez de tomar vários no mesmo momento. (Consulte o seu médico antes.)

Vida Sexual

A quimioterapia pode deixá-lo estéril (não engravidará uma mulher), mas não impotente sexualmente.

Eu não fiz espermograma após o transplante de medula óssea, para saber se estou estéril, simplesmente por que tenho de fazer abstinência sexual por cinco dias. Isso é impossível. (*risos*)

O pessoal do laboratório informou-me que só é possível detectar minha fertilidade e não minha esterilidade. Entendeu?

Para aqueles que pretendem a paternidade futuramente, procure informações concretas a respeito de congelamento de sêmen antes de iniciar o tratamento quimioterápico. Um filho é sempre muito bem-vindo e a medicina nos oferece oportunidades em momentos que parecem obscuros.

Fiz um espermograma há uns 26 anos, antes de casar-me. No laboratório, um senhor já bem velhinho que me atendeu, derrubou no chão uma bandeja de inox. Fez um estrondo. Eu já estava a caminho do banheiro para coletar o material, levei um susto e que susto, quase não consegui coletá-lo. Tenho certeza que o velhinho me sacaneou.

Pergunte ao seu médico, quando você estiver com imunidade baixa, se você pode fazer sexo, com camisinha. Sexo anal nem pensar!

Logicamente, se for proibido de beijar na boca, não faça sexo oral (ambas as partes).

Cada caso é um caso

Cada paciente é um indivíduo distinto (idade, condição de saúde, emocional etc.), portanto, não vá se basear em outro paciente que tem a mesma idade que você, a mesma doença que a sua, e suas reações. Cada pessoa é única.

Dicas gerais

Tenha sempre uma agenda, um índice ou uma folha com os telefones importantes anotados, para uma emergência.

Simule uma emergência, mentalmente, para saber quais as atitudes a tomar.

Para dormir no hospital fique olhando o gotejar do soro, mas cuidado, não vá ficar com torcicolo.

Para passar o tempo, vão aqui algumas pérolas:

- Dobre uma folha de papel, de qualquer tamanho, seguidamente dez vezes, mas sempre dobrando-a no meio.
- Fale em voz baixa, seguidamente: “a aranha arranha a rã, a rã arranha a aranha”. Mas não deixe o médico ouvir, pois pensará que você está com bronquite.
- Pense em duas palavras que terminem com “erra”. Aqui vai a primeira: bezerra.

Agora é a sua vez...

Silêncio de todos, pois quem falará agora é o amor de minha vida, Cidinha, a quem dedico 5% do meu tempo. Acham pouco? Gasto 33% dormindo, 33% trabalhando, 33% divididos entre sete pessoas (eu, Cidinha, meus três filhos e dois netos) e o resíduo de 1% gasto com minhas cachorras, usando a Internet e assistindo televisão.

Ci-di-nha fa-lan-do:

Como esposa passei por momentos difíceis e aprendi a ser paciente, prudente e decidida. Sofri muito ao ver quem amo, a quem dediquei 25 anos de minha vida, com dores, magrelinho e desanimado, mas nunca perdi a esperança de vê-lo curado. Trabalhei o tempo todo pedindo a Deus para me dar forças necessárias para suportar e superar o problema. Em nenhum momento desanimei.

O momento mais crítico foi quando eu estava dormindo no hospital, após ter trabalhado o dia todo, e percebi que o Beto dava uns pulinhos no leito. Perguntei-lhe se estava tudo bem, e ele confirmou, mas os pulos continuaram. Acendi a luz e o vi com o rosto azulado. Chamei a enfermeira, que imediatamente chamou a médica. Após ser medicado, ficou no balão de oxigênio enquanto eu fazia compressas com álcool em suas axilas e virilhas até a febre abaixar.

Posso dizer que usei tudo de melhor que possuo, e dentro de meu coração coloquei Jesus. Quando os médicos me deram 30% de sucesso no transplante, eu disse que os outros 70% pertenciam a Deus, e tinha certeza de sua cura.

Tenho lembranças desse episódio, vendo médicos e enfermeiras como grandes guerreiros lutando sem cessar para salvar vidas.

Procuro ajudar as pessoas que enfrentam o mesmo problema que passei, com otimismo, segurança e buscando Deus.

Sniff! Sniff!

Buá! Buá!

Agora, um texto de minha amiga Fabiana P. Mian, um dos alicerces deste livro:

MENSAGEM ESPECIAL

O homem cruza o portal do século 21 na incerteza de encontrar a cura de um mal que chega quieto, silencioso e indolor. Os primeiros sintomas, as primeiras disfunções fisiológicas são confundidas com patologias comuns que os médicos, ao vasculharem o nosso corpo, descobrem que o mal já se instalou, voraz e devastador, aniquilando células, músculos e comprometendo a funcionalidade de nossos órgãos. A notícia é bombástica e cruel. Câncer.

Os médicos tentam amortecer o IMPACTO com sinônimos tipo “neoplasia”, “tumor maligno”, “carcinoma”, “linfoma”, “melanoma”, despejando sobre o paciente, uma listagem com inúmeras possibilidades causadoras dessa doença, mas com margens de cura estimadas em dados percentuais. “A sua chance de cura é de 80%”, mas não estaria eu fazendo parte do seletivo grupo dos 20%?

Enquanto a medicina se arma contra o inimigo, preparando-lhe doses maciças de poderosos medicamentos combinados em uma porção diabólica denominada quimioterapia, o paciente se questiona, incansavelmente: “Por que foi acontecer isso comigo?” E a vida pára. Os projetos são

adiados, o trabalho fica impossibilitado, os amigos afastam-se, vem a reclusão, o desânimo, a dor, o medo, a incerteza, a tristeza familiar, tudo perde a cor, o brilho, a luminosidade.

Os médicos lutam para recuperar o órgão que está doente, incapacitado e dominado por células neoplásicas, mas esquecem de tratar o paciente como um todo, um ser que pensa, sente e age.

Vasculham apenas o corpo, desde a epiderme até a massa óssea, exames sofisticados, aparelhagem de última geração, novas técnicas cirúrgicas, mas preservam seu íntimo, suas entranhas psicológicas. Eis aí o esconderijo de todo mal. O foco maligno está sediado na intimidade oculta da alma.

Em qualquer acontecimento da vida humana, não há como separar o corpo da mente, ou seja, o físico do psíquico. Alegria, tristeza, raiva, ciúme, inveja, medo e orgulho, perturbam o ritmo e a coesão das células. Basta o indivíduo deixar que a raiva o domine e quase instantaneamente o corpo reage, perturbando suas funções vitais: taquicardia, sudorese, dor estomacal, são apenas alguns sintomas produzidos e que passam despercebidos...

Infelizmente, a medicina ainda trata seus pacientes numa visão unicamente direcional e não em um todo psicofísico (corpo e alma). Interessam-se apenas pelo órgão ou sistema orgânico. Porém, cabe ao paciente a primeira medicação de urgência: restabelecimento do domínio mental e urgente renovação de atitudes.

No mundo atual, é quase impossível manter a mente em condições equilibradas. A busca do poder e da riqueza massacram o ser humano que inverte seus valores, caindo no precipício do consumismo moderno, das drogas, do álcool, das injustiças sociais, do lar desestruturado. A miséria total contrasta com a riqueza exacerbada de poucos que se isolam em seu próprio mundo, ignorando por completo o real sentido da palavra fraternidade. São geradas mágoas, incertezas, angústias, sofrimentos atroz que aniquilam a consciência humana, deformando o caráter e rompendo a barreira da moralidade. Basta comparar os hábitos juvenis de décadas passadas com a atualidade para surpreender-se.

Feliz o ser humano que consegue situar-se nesse mundo e entender que o sopro divino é a energia vital que precisamos. A cada um cabe a sua devida parte, e juntos, poderemos sonhar com um mundo melhor, livre das mazelas que nos rondam, e cercados de sentimentos nobres como bondade, respeito, fraternidade e humildade.

A história do Wilson nos mostra com transparência que, em nenhum momento, ele deixou a revolta e a indisciplina serem suas companheiras ao longo de sua triste jornada, aliás, uma doença gravíssima, com poucas chances de cura. A união familiar, claramente evidenciada ao longo das páginas, foi o alicerce fundamental para rebater os dissabores causados por sua moléstia e oferecer-lhe a resistência biológica necessária para obtenção da cura. Resta-lhe seguir o seu caminho, lançando as sementes puras e verdadeiras que, ao germinarem, atenuarão os infortúnios e possibilitarão alcançar a resistência psíquica, que aniquilará qualquer revanche celular e, conseqüentemente, uma recaída nos anos vindouros.

O ser humano precisa entender o mal que carrega dentro de si em vez de nutri-lo, exterminá-lo, exercitando suas boas ações. Somente assim desvendará o enigma da vida e encontrará um mundo verdadeiramente feliz.

O amor é insuperável.

Fabiana Pereira Mian

Agora o microfone volta para o Wilson, o escritor:

Bravo!

Hoje meu padrão de vida caiu assustadoramente do lado material, mas não sou materialista, não tenho mais carro, mas me sinto melhor do que muitos que têm carro zero, comem ovo no almoço e no jantar, estão sempre com a mesma roupa e o tanque do carro zero na reserva. Em compensação, minha família está compactada e somos felizes.

No período da doença, adiar os sonhos não foi o mais agravante. Eu tive de abdicar de muitas responsabilidades, de um pai de família, que recaíram sobre os ombros da matriarca Cidinha. Por ser organizado – mas não perfeccionista – deixei tudo esquematizado com manual de procedimentos para atitudes em minha oficina e tudo relacionado ao que controlava, caso viesse a morrer, embora não acreditasse nisso.

Antes que eu me esqueça, não se iluda com seriados sobre hospitais, aquilo é ficção, e quem fez o roteiro só conhece teoria.

Não sou egocêntrico, e o objetivo principal deste livro é ajudar, tentar ajudar e querer ajudar.

Lembre-se:

- Existem dois tipos de pacientes, aquele que acha que vai morrer e morre, e aquele que acha que vai viver e talvez viva.
- Não tropeçamos em pedras grandes, por isso cuidado com as pedrinhas no seu caminho.
- A vida não deve ser como um fogo de artifício.
- Sejamos como o sândalo que perfuma o machado que o corta.
- A morte, iminente ou concretizada, só pode ser combatida com a VIDA.

Nenhum funcionário da UNICAMP poderá usar este texto para pleitear aumento de salário ou promoções de cargo. (*risos*)

Quem copiar parte deste livro, sem a prévia autorização, sofrerá as duras penas da lei, inclusive torturas. (*risos*)

Agradecimentos, elogios e críticas, favor entrar em contato:

wilsonlnh@ig.com.br

Se você achou este livro ótimo, foi graças a Fabiana, se “mais ou menos” fomos nós dois, mas se achou uma porcaria, fui eu quem fiz.

Espero que alguns pais não coloquem nomes de planetas em seus filhos, inspirados neste livro.

Meu agradecimento a um amigo político de expressão, que preferiu o anonimato. Ele me doou um dinossauro, um Pentium® 100, com Windows 95® e Internet Explorer 3.0®, mas foi de grande valia. Tanto é que possibilitou que escrevesse este livro.

Apesar de eu DiigitAr qUattroCentass paLLavRas PoR minUot, aminhabarradeespacoestacomdefeito e a TecLa sHiFt esTA tRaVAndO.

O protótipo deste livro tinha 70 páginas, quando apareceu a Fabiana Mian, e lapidou o diamante, com muita dedicação e humanitarismo, fiquei tão empolgado que acrescentei mais 45 páginas. Um acréscimo de 60%. A revisão durou aproximadamente um mês, com trabalho árduo de ambas as partes, mas gratificante.

Tem um provérbio chinês que diz que devemos ter um filho, escrever um livro e plantar uma árvore. Agora só falta eu plantar uma árvore. Com licença! Vou plantar uma bananeira (de alegria!).

Felicidades.

Sumaré/SP, março de 2002

P.S. Se me perguntassem, se passaria tudo isto novamente, diria que sim, desde que tivesse o mesmo apoio que tive na primeira vez, da minha família, alguns parentes, alguns amigos e se pudesse novamente ser tratado na UNICAMP.

OPINIÕES DE ALGUNS LEITORES DO PROTÓTIPO DO LIVRO

Terminei de ler o seu e-livro e adooooorei: sua nota é 9,5! (os 0,5=ficam por conta dos errinhos, viu!). Tenho certeza que o seu bom humor e a disciplina durante a sua enfermidade é que garantiram a sua vida.

O seu livro começa descontraído, pisando leve, como quem vai contar uma linda história... no meio, a qualidade do humor muda e no final ele dá espaço à realidade, à esperança de vida, como se você estivesse andando por uma estrada sinuosa, inicialmente bem larga, iluminada e sem falhas, o que lhe permite uma caminhada descontraída. Aos poucos, ela se estreita e escurece, surgindo alguns buracos que exigem maior atenção. Vai se estreitando cada vez mais até permitir que apenas uma pessoa caminhe por vez. Totalmente escura e logo abaixo eis o precipício, onde muitos perdem o equilíbrio e caem. Você passou por ela, manteve-se firme e finalmente a reencontrou mais larga, iluminada e sem buracos...

Algumas pessoas parecem que vêm ao mundo só para fazer turismo enquanto outras têm vidas que dão livros... O mais importante é que você teve o apoio constante de sua família e principalmente da Cidinha, sua companheira de muitos anos.

Wilson, você renasceu e então curta a vida simplesmente vivendo-a! Sem mágoas, impaciência, intolerâncias... rir bastante... foi seu melhor remédio...

Fabiana P. Mian (antes de revisar o livro)

Você é um GUERREIRO!!! Parabéns pela sua força de vontade, pela sua convicção, pela sua GARRA!

Li rapidamente seu livro. Espero poder lê-lo com mais calma. No momento, pra mim o tempo tem sido muito escasso e valioso.

Você passou por tudo isso e consegue ver a vida com tanta beleza e bom humor. Você é um VENCEDOR!

Luciane (filha de uma paciente)

Impressiona a quem lê a condução da narrativa pelo escritor.

Como se trata de uma experiência vivida pelo autor, tão recente na memória, é louvável como conseguir um tratamento humorado ao assunto, tão sério e angustiante.

A narrativa se torna menos densa e convida o leitor a continuar na leitura.

O fato de ter obtido sucesso em seu tratamento, estimula a leitura, dá esperança e incentiva àqueles que vivem o mesmo drama a percorrer o mesmo caminho, os mesmos passos, como que seguindo uma fórmula. Há elementos fundamentais nos passos dados pelo autor em sua cura, como ele mesmo narra quando elenca as séries de fatores em que credita sua cura. É uma lição de vida.

José Borges (meu cunhado)

Estou indicando este livro às pessoas que conheço, pois é uma lição de vida, mostrando quão pequenos somos e quão fortes podemos ser, quando cremos que podemos vencer.

Uma mistura de seriedade e humor, tornando a leitura agradável e atrativa e em nenhum momento cansativa. Ensina-nos a buscar o senso crítico, e os porquês da vida e acima de tudo a não deixar que façam por nós o que é nosso dever.

Lutar pela vida é dever de cada um, as pessoas que estão à nossa volta são as armaduras e armas para lutarmos contra os desafios e creio que este livro é uma dessas armas que pode e deve ser muito usada.

Angélica

(Uma amiga da família, que do total de cinco pessoas as quais pedi, em 11 de abril de 2002 a fineza de imprimir uma cópia deste livro, foi a única que prontamente me atendeu, as demais “sumiram”).

Tive várias impressões lendo o livro “Impacto”, primeiramente julguei o autor um sádico, pois trataria um assunto tão mórbido com humor, satirizando o sofrimento de familiares e pacientes, como é o meu caso.

Lendo-o modifiquei o meu modo de pensar. A cada parágrafo mudava novamente, pensei ser um cínico cruzando a linha de chegada e zombando dos que não conseguiram, depois pensei que mesmo com o sofrimento vivido, ele (o autor) se esforçou para passar uma mensagem de apoio, estendendo sua mão, mesmo ela estando machucada, sangrando e dolorida.

Continuei lendo, e mudei novamente de opinião, comecei a ver o autor com uma máscara sorridente e escondendo por trás dela, uma mágoa profunda, logicamente não daqueles que o apoiaram, mas daqueles que o abandonaram, e então não queria que essa mágoa se externasse, e mesclou humor com dor, e por fim eu concluí que toda a narrativa é simplesmente uma lição de vida, simplesmente não, digna de nossos aplausos, pois como ele mesmo diz, com um equipamento retrógrado de informática consegue fazer um trabalho deste, de utilidade pública, enquanto muitos com equipamentos mais sofisticados ficam enviando pelo cyber espaço mensagens estúpidas e sem objetivos.

Perdi meu pai, que tinha linfoma, e infelizmente ele não se enquadrou em dois daqueles itens que o autor diz que foram imprescindíveis para que ele obtivesse êxito na cura da sua doença. Prefiro não citá-los.

Termino salientando que se nós, eu e meu pai, tivéssemos lido este livro durante o período que ele (meu pai) esteve enfermo, teria nos poupado de muitas dúvidas e angústia.

Anônimo

Finalmente consegui concluir a leitura de seu livro. Finalmente, porque 1.449 parágrafos, 4.653 linhas... Certamente a obra deverá contribuir sobremaneira para os profissionais da medicina, tanto no que diz respeito ao feed-back do tratamento, principalmente quanto às questões psicológicas, quanto fazer com que muitos deles resgatem a questão humanitária, pois a pesada rotina diária não lhes permite avaliar, em cada caso, a desestruturação familiar que sofre o doente de classe média baixa (nosso caso) com desemprego, dificuldades financeiras, desentendimentos por consequência dos ânimos alterados e ainda, a questão da fraternidade da comunidade em que vivemos (festa de pastel etc.). De outro lado, o livro certamente representará esperança de vida a muitos pacientes (e suas famílias) que, leigos, chegam ao desespero por não vislumbrar nenhuma possibilidade de cura diante de doença tão severa.

Não tenho dúvidas de que o relato também se fez muito importante para sua família. Certamente toda a problemática vivenciada por você, desencadeou “altos” e “baixos” em seu estado de espírito e provavelmente na leitura da obra, sua esposa e filhos tenham entendido a razão de seu às vezes descontentamento, às vezes mau humor, apesar de tanta dedicação de todos eles. E a Cidinha! Meu Deus! Wilson, eu não tenho dúvidas de que há 25 anos você foi presenteado por Deus. Não tenho dúvidas que após a vontade divina, a Cida é a principal responsável pela sua vida. Trabalhadora incansável, compreensiva, paciente, espiritual porque temente a Deus sobre todas as coisas, zelosa, dedicada... Não vacilou diante de sua doença. Tornou-se uma rocha para conciliar o emocional, o bem-estar dos filhos e netos, sempre presente em seu tratamento e em seu (dela) trabalho, receptiva com aqueles que queriam ajudar, ainda que de forma inadequada. Não desmerecendo as quatro pessoas a quem você gentilmente homenageou no prefácio, acredito que aquele espaço deveria ser dedicado a esta grande mulher com a qual você foi presenteado. Sua garra é tanta que não podemos esquecer que ela não apenas dormiu no chão da UNICAMP para acompanhá-lo, mas pintou a casa, tirou os tapetes e cortinas, ferveu a água, cozinhou as frutas, ganhou um neto, mas perdeu um genro neste período, assim como conviveu com a grave enfermidade de seu pai, manteve-se no trabalho com a dedicação que lhe é peculiar, conviveu com problemas financeiros, outros imprevistos familiares e ao final, perdeu sua irmã querida de forma inesperada. E a tudo aceitou, contornou, administrou. Não tenho dúvidas de que Maria Aparecida, a Cidinha, Cida para mim, é a responsável por sua existência e pela estrutura de sua adorável família. Certamente ela poderia lançar outro livro sobre a situação paralela vivenciada por ela e sua família no transcórrer de seu tratamento e tenho certeza de que o faria lindamente.

Enfim, quero parabenizá-lo pelo livro que como já dito, deverá enriquecer os profissionais da medicina, assim como proporcionar esperanças aos pacientes em tratamento. Que Deus o abençoe, multiplique seus dons e que a obra lhe traga muita satisfação e alegria. Um abraço respeitoso.

Dra. Elisabete

“Foi assustador inicialmente, superei com amor”